



Suicídio Laboral

Um Caso Real
de
Assédio Moral

Cleber Donizeti Martins

Índice	
A Internacional	3
Introdução	6
Apresentação	15
Meus Últimos Dias	19
O Período Pós-Demissão	34
24 Horas de Ódio	55
Suicídio Laboral	59
O Processo na Justiça do Trabalho	72
Suicídio Laboral – Parte II	110
Condenação	114
Infeliz Ano Novo!	120
Denúncias – A Luta Continua!	126
Rompendo Fronteiras	130
Fédération des Travailleurs de la Métallurgie - CGT	147
Onde quero chegar?	162
Um Ano Depois...	165
Suicídio Laboral – Parte III	166
Último Contato	174
Sobre os Amigos	178

Dedico esse livro a todos os trabalhadores,
cujo Hino Internacional, muitos desconhecem...

A Internacional
(Eugène Pottier e Pierre Degeyter)

De pé, ó vítimas da fome!
De pé, famélicos da terra!
Da idéia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra.
Cortai o mal bem pelo fundo!
De pé, de pé, não mais senhores!
Se nada somos neste mundo,
Sejamos tudo, oh produtores!
Bem unidos façamos,
Nesta luta final,
Uma terra sem amos
A internacional
Bem unidos façamos,
Nesta luta final,
Uma terra sem amos
A internacional
Senhores, patrões, chefes supremos,
Nada esperamos de nenhum!
Sejamos nós que conquistemos
A terra mãe livre e comum!
Para não ter protestos vãos,
Para sair desse antro estreito,
Façamos nós por nossas mãos
Tudo o que a nós diz respeito!
Bem unidos façamos,
Nesta luta final,
Uma terra sem amos
A internacional
Bem unidos façamos,

Nesta luta final,
Uma terra sem amos
A internacional
O crime do rico a lei cobre,
O estado esmaga o oprimido.
Não há direitos para o pobre,
Ao rico tudo é permitido.
À opressão não mais sujeitos!
Somos iguais todos os seres.
Não mais deveres sem direitos,
Não mais direitos sem deveres!
Bem unidos façamos,
Nesta luta final,
Uma terra sem amos
A internacional
Bem unidos façamos,
Nesta luta final,
Uma terra sem amos
A internacional
Abomináveis na grandeza,
Os reis da mina e da fornalha
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha!
Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolheu.
Queremos que nos restituam,
O povo quer só o que é seu!
Bem unidos façamos,
Nesta luta final,
Uma terra sem amos
A internacional
Bem unidos façamos,
Nesta luta final,
Uma terra sem amos
A internacional

Nós fomos de fumo embriagados,
Paz entre nós, guerra aos senhores!

Façamos greve de soldados!
Somos irmãos, trabalhadores!
Se a raça vil, cheia de garras,
Nos quer à força canibais,

Logo verás que as nossas balas
São para os nossos generais!

Bem unidos façamos,

Nesta luta final,

Uma terra sem amos

A internacional

Bem unidos façamos,

Nesta luta final,

Uma terra sem amos

A internacional

Pois somos do povo os ativos
Trabalhador forte e fecundo.

Pertence a terra aos produtivos;

Ó parasitas deixai o mundo

Ó parasitas que te nutres

Do nosso sangue a gotejar,

Se nos faltarem os abutres

Não deixa o sol de fulgurar!

Bem unidos façamos,

Nesta luta final,

Uma terra sem amos

A internacional

Bem unidos façamos,

Nesta luta final,

Uma terra sem amos

A internacional

Introdução

Esse livro não trata das questões jurídicas acerca do assédio moral. Os meios eletrônicos e impressos já dispõem de vasto volume de material discutindo sob os mais diversos ângulos o conceito de assédio moral.

Esse livro trata de uma história real, vivida por mim, Cleber Donizeti Martins, em uma empresa multinacional, com sede na França.

Todos os e-mails reproduzidos são cópias fiéis dos originais e alguns grassam pela Justiça do Trabalho.

Infelizmente, por questões legais, todos os nomes, salvo o meu, foram omitidos, garantindo o direito à privacidade dessas pessoas, conforme assegura a nossa Constituição Federal, o que para mim, infelizmente, resulta em grande frustração.

Os nomes foram trocados por apelidos, ou foram totalmente omitidos com tarjas pretas (as mesmas constantes nas caixas de medicamentos que usufruo até hoje), em respeito ao direito que mesmo esses imbecis possuem.

Não me coube outra alternativa, senão respeitar as regras da Carta Magna de meu país. Antes de qualquer coisa, cabe-me o respeito, a honra e a dignidade por essa pátria que ao mesmo tempo em que acolhe, refuta seus filhos, como veremos em alguns exemplos de tentativas de denúncia no decorrer desse livro.

Algumas passagens são de fato profundas, depressivas até, mas em nome da verdade,

não posso tornar esse livro, objeto de assunto tão sério, como uma obra de ficção.

O mais importante porém é que o testemunho, os caminhos de denúncia, o pleito na Justiça do Trabalho foram apresentados e com isso, pretendo apenas inculcar na mente dos trabalhadores brasileiros (e por que não em outros países, já que há uma grande probabilidade dele ser editado na França) a necessidade de se denunciar casos desse tipo, afim de não se tornarem mais um seqüelado mental, dando cabo em suas carreiras e muitos, lamentavelmente em suas próprias vidas.

Fica aqui o alerta, principalmente as autoridades brasileiras do que tem acontecido nas pequenas, médias e grandes organizações sejam elas privadas, públicas, nacionais ou multinacionais. É preciso extirpar esse câncer que degenera a saúde física e mental dos trabalhadores – o assediador e os seus cúmplices.

Que se revertam os valores e as filas do seguro-desemprego sejam agraciadas por esses vermes e não por nós, os suicidas laborais.

Meu e-mail é cleber.martins71@bol.com.br.

Boa Leitura!

De: MARTINS Cleber Donizeti
Enviada em: segunda-feira, 9 de março de 2009 17:26
Para: [REDACTED] (Gerente de Recursos Humanos Omissa)
Assunto: Assédio Moral

[REDACTED] (Gerente de Recursos Humanos Omissa)

Ficarei uma semana em casa, quitando saldo de dias pendentes. Esclareço apenas que esse afastamento não está atrelado ao conteúdo do texto abaixo. Apenas "calhou" de coincidirem as datas e acabou vindo em boa hora. Além do mais, hoje, 09/03/09, não falaria a respeito desse assunto com ninguém.

O que peço é que o assunto seja refletido. Eu já refleti muito. Tanto que me levou a essa ação e, como toda ação tem uma reação, talvez eu volte e minha rescisão já esteja pronta.

O Arthur, meu filho, apesar de ser portador da Síndrome de Asperger¹, tem a seguinte lição

¹ A Síndrome de Asperger é uma síndrome do espectro autista e a principal diferença com o autismo se dá no fato de o indivíduo não apresentar nenhum retardo global no desenvolvimento cognitivo ou da linguagem. O nome "Asperger" é em homenagem ao psiquiatra e pediatra austríaco Hans Asperger, "descobridor" da síndrome. Alguns sintomas da Síndrome de Asperger são: dificuldade na interação social, interpretação literal

ordens confusas e as contradições constantes, como "mandar" fazer e não se lembrar depois.

Não obstante essas agressões verbais, ocorridas com certa frequência, quando não comigo, com qualquer outro membro da equipe, há uma demonstração plena de abuso de poder desse cidadão. Frases que já cansei de ouvir "*quem é seu gerente?*" "*quem manda aqui?*" " *você tem que fazer o que eu mando*", "*vou ter que mandar fulano embora*" (na ausência do fulano), bem como a cobrança de tarefas em tempos surreais, não respeitando sequer, quando estamos em meio à uma ligação telefônica com um fornecedor, por exemplo.

Com isso, agressões verbais, gritos, impropérios, palavrões, exposição à situações ridículas, minha saúde mental desestruturou-se. Tenho feito acompanhamento psiquiátrico e, para "agüentar" o martírio da jornada de trabalho, tenho tomado remédio controlado, com retenção de receita médica (Sertralina, iniciando com 50 mg, hoje com 100 mg e com receita para a próxima dose de 150 mg. Receita aviada pela Dra. [REDACTED] - CRM [REDACTED]. Essa é a terceira médica com quem me trato). A desestabilização do aspecto mental reflete tanto nos campos físicos, como sociais. Além de ter adquirido tenossinovite, tendinite, epicondilite, bursite, cervicobraqui-algia, comprovadamente por laudos médicos, pois sempre honrei meus compromissos, muitas vezes excedendo meus limites da dor

sem nunca ter perdido um único dia de trabalho em função dessas lesões, adquiri também distúrbios estomacais e mentais, tais quais, irritabilidade, baixa auto-estima, ansiedade, tremores, depressão, cefaléia, bem como transtornos que nem a medicina atesta, como por exemplo, diplopia e, recentemente o aparecimento de uma mancha em meu olho esquerdo. Mesmo passando por três oftalmologistas, um neurologista, um clínico geral e um psiquiatra, ainda assim não obtive um diagnóstico favorável, suspeitando-se apenas de fases aguda de estresse, conforme terminologia médica.

Em 02 de março próximo passado, por três vezes fui exposto a humilhação, tendo discutido em alto e bom tom com o Sr. [REDACTED], (*Gerente Energúmeno*) como sempre, discussão essa assistida por toda a equipe. Passada a discussão, um colega de trabalho falou: "*levou uma jantada hein?*" Embora eu tenha dado uma informação com antecedência ao gerente, o mesmo alega que não dei. Além de ter informado verbalmente, tenho e-mail da comunicação também.

Já nesse dia, exausto com o ambiente de trabalho nauseado pela situação, senti que todos os meus limites haviam sido superados e que, portanto, deveria anunciar meu desejo em ser desligado, mesmo sem perspectiva nenhuma de um novo emprego ou alguma forma de obter renda em mente, ainda assim,

optei pelo desligamento. O que era um abalo mental ruiu-se por vez.

Em respeito ao Sr. [REDACTED] Babosa², meu chefe direto, que encontrava-se em férias, esperei pelo seu retorno e em 04 de março solicitei o meu desligamento e estou no aguardo de uma posição da empresa.

Assim sendo, com todas as decisões tomadas, venho através deste, apenas documentar o motivo de minha saída, bem como reunir provas para um futuro processo trabalhista envolvendo o dano moral e a conivência da empresa, que, sabedora desses "acessos de fúria" mantêm-se omissa. Por uma questão ética, própria, não citarei no possível-processo-trabalhista, as extrapolações da jornada de trabalho, muito embora devesse, dada a ilegitimidade do banco de horas elaborado por esse setor³.

Estou totalmente cômico de minhas palavras e mesmo com aquela estranha sensação de que nada será feito/resolvido, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento e/ou

² Planta Medicinal, usada popularmente como tônico capilar, aloés. Estudos apontam o alto teor de eficácia dessa planta no combate ao câncer. Antes fosse, esse Babosa combater o câncer-energúmeno.

³ Um ano após a minha saída, não pleiteei na Justiça o Direito à Horas Extraordinárias, hoje, não por questões éticas, pois tanto a empresa quanto a Gerente Covarde agiram o tempo todo expelindo a ética de suas condutas. No momento certo, pleitearei novamente os meus direitos na Justiça do Trabalho.

acareação com o Sr. [REDACTED] (*Gerente Energúmeno*). Se necessário for, apresento testemunhas que ainda mantêm vínculo empregatício com a [REDACTED] (*empresa*) ou funcionários desligados.

Um fato, comum, nas grandes organizações do século XXI é a pressão por resultados, a competitividade e todos esses jargões que grassam no "mundo corporativo" e, o que comento com os meus colegas de equipe é que em qualquer empresa, hoje em dia, a pressão é muito grande, porém a pressão é distinta da opressão. Trabalho normalmente sob pressão, sempre trabalhei sem problemas e deixo claro que não é a pressão, repito, é a opressão a causadora de minha cadência.

Essa política ditatorial, quase nazista, política de horror e de medo, não se justifica em uma empresa, aliás, não funciona em lugar algum. A história está à disposição de todos para contar os dilemas da opressão. A literatura jurídica apresenta um sem-número de artigos, monografias, textos específicos sobre assunto. Não cabe a mim citá-los aqui.

O que exponho aqui é o sentimento de muitos, porém poucos se "arriscam".

Atenciosamente,

Cleber Donizeti Martins

Sem trabalho eu não sou nada, não tenho dignidade, não sinto o meu valor, não tenho identidade.

Legião Urbana

Apresentação

O e-mail apresentado nas páginas anteriores é cópia fiel do original enviado a Gerente de Recursos Humanos, Sra [REDACTED], que citarei apenas como Gerente Covarde ou Gerente Omissa.

Meu nome é Cleber Donizeti Martins e trabalhei por durante vinte anos em uma indústria metalúrgica, no ramo de utensílios domésticos, exercendo várias atividades. Nesses vinte anos houve muitas mudanças de estrutura, inclusive de razão social da empresa, além de ter sido vendida por três vezes ou quatro vezes, sendo a última aquisição por um grupo francês.

Há vinte anos o modelo de trabalho era diferente. As estruturas eram mais “gordas” e as tarefas eram divididas com mais justiça. Tínhamos o privilégio de passar os finais de semana em casa, desfrutando a vida, descansando, investindo nosso tempo em cultura e lazer.

A pressão, a busca por resultados também andava por outras esferas, a tecnologia era rudimentar e o tempo parecia ser mais longo.

Eu trabalhava feliz...

Iniciei minha carreira nessa empresa aos dezessete anos de idade no cargo de auxiliar

de expediente e serviços gerais e minha função era fazer as entregas de correspondências internas. Fazia meu trabalho com demasiado prazer e conhecia praticamente todos os setores e funcionários da empresa. Passei, em pouco tempo, a exercer o cargo de Operador de Telex⁴, nessa época não se trabalhava ainda com fax, tampouco com internet e com o avançar dos anos, tornei-me Controlador de Expediente, Auxiliar de Departamento Pessoal, Analista de Recursos Humanos e Analista de PCP.

Em vinte anos, nunca houve um demérito em minha conduta e sempre fui um funcionário exímio, seja na assiduidade, seja na elaboração e execução dos trabalhos. Prova disso é que dentre tantas fusões e mudanças, fui um dos poucos que permaneceu com o vínculo empregatício, devido a minha flexibilidade e adequação a essas mudanças.

O propósito desse livro é o relato acerca do assédio moral e devo relatar que a minha cadência se deu nos três ou quatro últimos anos de minha carreira, quando tive a infelicidade de ser transferido para o área de Manufatura da empresa, no setor de Planejamento e Controle da Produção reportando-me a um troglodita-energúmeno

⁴ O Telex, ousaria dizer, foi o precursor da internet da era moderna. Consistia num equipamento similar a uma máquina de escrever, de maiores dimensões, e seu conceito de funcionamento era baseado numa rede mundial que permitia a troca de mensagens escritas com qualquer outro ponto do planeta.

que, por razões jurídicas⁵, não citarei o nome. Meus dedos “coçam” para digitar o nome completo do energúmeno e meu cérebro insiste para eu correr o risco. Em verdade, o recuo na citação do nome se dá pelo receio de ter que me digladiar com a empresa e não com o energúmeno. Uma empresa multinacional, com cerca de 20.000 funcionários espalhados pelo mundo tem uma certa vantagem sobre mim, um resquício-humano desequilibrado-mental-desempregado. Se a “luta judicial” fosse entre eu e o Sr. ██████████⁶ (*Energúmeno*), - creiam em minhas palavras – seu nome estaria no retângulo preto acima. O meu plano era publicar na primeira página de um Jornal de grande circulação um artigo sobre o assediador, estampando inclusive, o nome da empresa, com seu logotipo, e de todos os envolvidos nessa história, mas infelizmente, não posso fazer nesse momento.⁷ Além dos abalos psíquicos do qual fui vítima, ainda carrego esse sentimento ruim de ter que calar-me diante das revelações, mesmo sendo eu a vítima, deformado moralmente e sequelado fisicamente. Se minha condição financeira

⁵ Relatadas a mim por meu advogado.

⁶ Essa faixa preta, tal qual aquela de minha caixa de medicação, me causa irritação.

⁷ Talvez o leitor já tenha se tendenciado ao argumento de que me tornei um homem vingativo. De antemão esclareço que minha sinceridade chega a me fazer mal. Há, intrínseco ao meu espírito (guerreiro) um sentimento de justiça que me foge ao controle. No decorrer do livro pretendo deixar clara essa distinção entre a vingança e o sentimento de justiça.

fosse maior do que a minha audácia, a verdade, em sua totalidade, com nomes, lugares, logotipos, viria à tona e aqueles que optaram pela conivência teriam a face escancarada para o mundo e quem sabe até não seriam justificados também, já que a conivência é um crime!

Ao término do jogo de xadrez, peão e rei vão para a mesma caixa.

Provérbio Árabe

Meus Últimos Dias

O e-mail que inicia esse livro foi transmitido no dia 09 de março de 2009, às 17:26 hs e nele há dois erros primários, não na escrita mas na ação, que me custaram caro. O primeiro foi tê-lo direcionado à uma única pessoa, a Gerente-Omissa. O mínimo que eu deveria ter feito era enviar uma cópia para o seu superior imediato, seu diretor (cheguei incluir o Energúmeno em cópia, mas retirei para que ele fosse pego de surpresa e não tivesse a chance de inventar sua defesa). O outro erro foi não ter envolvido o Sindicato representante de minha categoria, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC⁸.

⁸ Embora hoje eu veja claramente o erro, na ocasião não envolvi o Diretor de Recursos Humanos porque confiava minha vida, se fosse preciso, a Gerente-Covarde, já que anos antes trabalhamos juntos, quase com os mesmos cargos. Eu era um Analista de Recursos Humanos Pleno e ela Sênior. Com esforço, foi promovida a Chefe e depois a Gerente de Recursos Humanos. Por ela ser competente, ao menos nos tempos em que convivemos, confiei cegamente na nomenclatura de seu cargo e em seu caráter, que embora fraco nas tomadas de decisões, era ao menos reto. Quanto ao Sindicato, mesmo com as garantias constitucionais que me resguardam o direito à assistência, conforme artigo 8º parágrafo III, me senti constrangido por não ser sócio da Instituição. Sou amigo de alguns sindicalistas e eles sempre me convidaram a me associar, mas como tinha a “cabeça de RH”, que vê o Sindicato como a coisa mais maligna do mundo e vivia criticando e “torcendo o nariz” a cada novo membro que se associava, fiquei com aquela imagem de que não

Como citado no próprio corpo do e-mail, fiquei uma semana em casa após o seu envio. Arrumei minhas coisas, ao final do expediente nesse meu último dia e com o texto já redigido na tela do software de e-mails, pressionei simultaneamente as teclas “Ctrl” e “Enter”. Mensagem enviada. Desliguei o micro e fui para casa, já com a sensação de que ali findava-se minha carreira profissional. Passados dois dias, recebi um e-mail da Sra. Gerente-Covarde, acessado e lido em minha residência, onde ela expunha seu sentimento de surpresa diante de minha atitude e, já se precavendo⁹, dizia que não concordava que a empresa fosse conivente, pois somente naquele momento é que acabara de adquirir o conhecimento da ocorrência. Já dando os primeiros sintomas de sua covardia, escreveu muito pouco, para não se comprometer municiando-me de provas, encerrando dizendo que dada a gravidade do assunto, deveríamos tratá-lo pessoalmente. No dia seguinte a Gerente-Omissa me ligou e marcamos um encontro na planta de São Bernardo do

deveria me associar para o pessoal do RH não tecer críticas e comentários maldosos e assim, como não-sócio e pelo senso de justiça que me persegue, decidi que não os envolveria, ao menos nesse primeiro momento. Como dizem *“fui com a cara e a coragem”*.

⁹ Sra. Gerente-Omissa, a conjugação do verbo “prever” na terceira pessoa do singular no presente do indicativo não é “preveu” mas sim, previu. Sempre quis te dizer isso mas só agora lembrei.

Campo¹⁰, para o dia 12 de março de 2009, sexta-feira.

Chegado o dia 12, fui ter com ela no local marcado. Lá chegando, desvencilhei-me de outros funcionários, pois não queria que me vissem indo em direção à sala da Gerência de Recursos Humanos, bem como, pelo fato de eu estar em “gozo de férias” correndo o risco de tê-las interrompidas caso me vissem por ali, pois o respeito ao descanso nessa empresa era inexistente.

Cheguei à sua sala, por volta das onze horas da manhã, nos saudamos, conversamos sobre particularidades, já que tínhamos um pretérito de respeito e de pseudo-amizade um pelo outro e após essas conversas introdutórias “tocamos na ferida”. Na ocasião saquei meu celular do bolso e acionei o comando “gravador de voz”¹¹ já que a minha memória se

¹⁰ Devido a sua ascensão, a Gerente-Omissa foi transferida para a planta São Paulo, na rua que carrega o mesmo nome da empresa.

¹¹ Essa minha atitude deu o que falar. Em breve falarei sobre o processo na Justiça do Trabalho, mas só antecipando, fui acusado de anti-ético, de ter tomado atitudes ilícitas entre outras coisas. A advogada da Reclamada, Dra. Bajulação, parece ter centrado todos os seus esforços nessas gravações, talvez com medo do conteúdo, mas, asseguro que o conteúdo foi tão inocente quanto a sua postura. Gravei sim todas as conversas e me tachei de “anti-ético” em e-mail enviado ao Presidente da empresa na América Latina (que reproduzirei em breve), mas a intenção foi apenas “guardar” aquelas conversas para em casa, com calma, escutá-las a exaustão para não correr o risco de cometer injustiças. Com o déficit de memória, a reprodução de tudo o que conversamos seria quase impossível a mim.

encontrava comprometida pelas drogas “ninjas” faixas-preta.

Reafirmei cada letra do e-mail e acrescentei um punhado de outras denúncias. Não vou transcrever o conteúdo da conversa, por ser algo monótono de se ler, ocupando algumas páginas sem necessidade, mas em resumo, acusei o energúmeno de assediar não só a mim, como a todo o setor. Apontei vários nomes de trabalhadores que beiravam a loucura, assim como eu, e que procuravam por outro emprego. Falei das gritarias, dos xingamentos, das gesticulações, dos mandos e desmandos, da prepotência, arrogância, imbecilidade e brutalidade daquela besta-selvagem. Disse também que meu chefe, Sr. [REDACTED] Babosa¹², não sabia de nada até então e que eu havia feito tudo aquilo sozinho, para não comprometer ninguém. A decisão, os riscos e tudo quanto envolvia essa

Apresentei as gravações como prova no processo, para que a Meritíssima Juíza tivesse acesso às conversas na íntegra e não apenas no depoimento do reclamante e da reclamada, muitas vezes distorcido. Não há nessas conversas nenhuma prova dos espetáculos do energúmeno. Há somente as nossas últimas conversas formais sobre as denúncias que apresentei a covardíssima gerente de recursos humanos. Se eu estivesse mal-intencionado teria gravado o show do troglodita com muita facilidade, já que a aberração de seu comportamento se dava praticamente em todos os dias. Eu poderia até provocar a fera intencionalmente na má fé afim de juntar provas, mas não é de minha índole tais atitudes.

¹² Ainda aqui Babosa, me mostro homem, e só você sabe o porquê.

atitude era responsabilidade minha. Afirmei também a minha vontade em ser desligado da empresa, desde que a rescisão do contrato de trabalho se desse por “demissão sem justa causa por parte do empregador”.

Omiti nessas conversas, apenas as denúncias sobre protecionismo e nepotismo¹³.

A Gerente-Omissa ouviu atentamente e teceu seus comentários a respeito e finalizamos a conversa com o compromisso dela de estudar o meu pedido de desligamento, bem como conversar com o Gerente-Troglodita.

Nos despedimos e fui para a minha casa, em paz. Aquela sensação de “sapo na garganta” havia desaparecido. Vomitei ali na mesa da gerente-govarde todos os sapos entalados durante anos, um mais gordo que o outro e todos eles com aquele olhar-morto, idêntico ao do gerente-energúmeno, se debatiam na mesa diante do espanto e medo da gerente-omissa.

Retornei ao trabalho no dia 19 de março e conforme combinado por telefone com a covarde, entraria nesse dia e iniciaria minha saga normalmente. Por volta das nove horas fui chamado por ela e fui a sua sala. Novamente aquelas conversas que antecipam a tensão das grandes decisões e quando chegamos ao assunto principal, ela discursou sobre a minha pessoa e perguntou se eu queria mesmo ser desligado. Respondi com outra pergunta: “*Você conversou com o*

¹³ Nepotismo – Nepote – ‘sobrinho, conselheiro ou favorito do Papa’. Do latim – *nepos-otis*. O mesmo que protecionismo, favoritismo, patronado.

energúmeno?” e a resposta dela além de me causar nojo, ódio, e tudo quanto é sentimento ruim que se possa imaginar, foi a seguinte: “*Olha Cleber, para ser bem sincera, eu não conversei com o fulano. Como você manifestou o desejo em ser desligado, eu primeiro tratei de sua demissão e depois é que eu ia tratar a questão-energúmeno”*.”

Creio que meus quase cinco litros de sangue centraram-se em meus olhos...

Respondi a ela com mais uma pergunta: “*Olha gerente-covarde, eu apresentei um problema a você, expus um problema a empresa e a solução desse problema é minha demissão?”* Abalada, pega de surpresa e se remexendo na cadeira, retrucou: “*Mas Cleber, você disse que queria ser demitido. Falou com certeza, com convicção...*” . Interrompi dizendo: “*Falei mesmo! E sou homem de palavra! Não vou voltar atrás agora, mas penso que essa não é a melhor maneira de se resolver problemas! Sem contar que, não sei se possuo equilíbrio mental para responder por minhas atitudes, estou a base de remédios...A decisão eu tomei, mas é uma decisão sensata? Eu não sei... E outra, falei para o Babosa tudo o que está acontecendo...*” .

Totalmente desestruturada com a notícia de que meu supervisor sabia de tudo, entrou em pânico (desculpem o palavreado, mas como se dizia na fábrica, “*o dela estava na reta*”).

Desequilibrada, com cara de choro¹⁴, pediu que eu voltasse para a minha sala, pois ela

¹⁴ Quantas vezes vi essa mulher chorar...

teria que compartilhar esse assunto com outra pessoa¹⁵ e que agora, que o supervisor sabia, ela teria que conversar com o energúmeno, pois seu maior receio era de que o supervisor contasse ao energúmeno e só então ele saberia das denúncias que apresentei a Gerente-Covarde.

Voltei para a minha sala e iniciei a “Operação Limpeza”, pois estava mais do que óbvio que meu pescoço já estava posicionado na guilhotina só aguardando a manobra dos meus carrascos. Arrumei minhas coisas, apaguei e-mail’s e aguardei. Vi a secretária do energúmeno, sua protegida¹⁶, chamá-lo para ir à sala da Covarde. Passou um tempo e o Babosa também foi chamado. O clima começava a esquentar... Mais um tempo e eis que toca o meu aparelho celular. Era a Omissa me perguntando se eu estava em condições de

¹⁵ Acredito que tenha compartilhado o assunto com o seu diretor. Somente nesse momento, 10 dias após a minha denúncia é que a verdade viria à tona. A Omissa queria simplesmente me demitir, sem explicar aos seus superiores a gravidade do que estava acontecendo e ainda por cima acobertar o Energúmeno. Aproveitou-se de minhas palavras suplicantes por demissão e se engajou apenas em livrar-se logo do problema, dando-me o famoso “pé-na-bunda”. Covarde, sem-vergonha! Deplorável sua atitude. É esse o exemplo que dará aos seus descendentes? Deixará aos seus descendentes, a herança da omissão, da insegurança, do medo e até do abandono do lar, para demonstrar uma aparência de perfeição para a empresa? Que asco eu sinto de ti, que nojo desprezível sinto em saber que você quer ser o que não é! Lamentável...

¹⁶ Carinhosamente chamada pela fábrica de “primeira-dama”.

conversar com ela e com o Energúmeno. Respondi afirmativamente e fui convidado novamente a sua sala e lá chegando estava ela e o Energúmeno. O Babosa não estava presente. Fizemos a acareação e eu expus minhas denúncias e ele refutou todas evidentemente. Quase como um cordeiro¹⁷, olhos mirando o chão, admitiu que ele era mais enérgico em alguns momentos, mas não que chegasse ao ponto de eu ter uma atitude tão radical como aquela. A conversa transcorreu de maneira educada e civilizada. Ali não houve gritos, tampouco ofensas, mas ainda assim tive que engolir mais alguns sapos. Sabia que seriam os últimos e afinal, meu estômago estava vazio de sapos naquele dia. A cada tentativa de justificativa do Energúmeno eu tinha várias acusações, mas essas acusações envolveriam o nome de outras pessoas e não me julguei no direito de envolver ninguém, a não ser eu próprio. Calei-me e apenas o observei enquanto ele, numa mansidão estranha ao meu olhar, defendia-se de todas as maneiras imagináveis. Não vou reproduzir aqui os diálogos. Não vale a pena. É imaginável a qualquer pessoa, dois homens divergindo sobre um assunto. O fato é que ao final da conversa, a Gerente-Omissa virou-se para mim e perguntou o que faríamos? Respondi que eu era quem perguntava isso.

¹⁷ Cheguei a falar para a Omissa que o Energúmeno se assemelhava a um Pastor que espancava a mulher e filhos logo após o retorno do seu belo sermão aos fiéis...

Mandaram-me de volta para a minha sala, pois discutiríamos sobre o que fazer. Já era próximo da hora do almoço e disse a eles que almoçaria e iria embora, pois ainda tinha horas pendente do “Banco de Horas”¹⁸. O

¹⁸ Denunciei ao Ministério Público do Trabalho sobre as irregularidades do Banco de Horas. O “gatilho” para pagamento das horas extraordinárias correspondia a 70 horas. Quando chegávamos perto desse gatilho, ou éramos dispensados no meio do expediente, ou não marcávamos ponto. Houve época em que trabalhei uma semana inteira sem a marcação do ponto. Prova disso foi essa minha última semana que fiquei em casa para não atingir o gatilho. Eis o texto do Ministério Público – “O EXMO. SR. DR. [REDACTED], Procurador do Trabalho da Procuradoria do Trabalho no Município de [REDACTED], no uso de suas atribuições legais, especialmente as previstas nos arts. 127 e 129, III, da Constituição Federal; art. 84 II, da Lei Complementar n.º 75/1993 (Lei Orgânica do Ministério Público da União); e no art. 8º. § 1º, da Lei 7347/1985, cc. art. 4º e seguintes da Resolução n.º 69/2007, do Conselho Superior do Ministério Público do Trabalho, resolve CONVERTER a Representação n.º [REDACTED] em Inquérito Civil n.º [REDACTED], para apuração dos fatos relativos à denúncia de CLEBER DONIZETI MARTINS, em face de [REDACTED], inscrita no CNPJ sob o n.º [REDACTED], com sede na [REDACTED], noticiando irregularidades acerca dos objetos: 6.1.18. MATÉRIAS AFINS; 8.23.1. ANOTAÇÃO IRREGULAR; 8.23.3.2 HORAS EXTRAS, cuja constatação configura lesão a interesses coletivos e difusos. Obtidos os elementos probatórios pelos meios legais, servirão os tais, conforme o caso, de base para ajuizamento de ação civil pública, ajustamento de conduta ou arquivamento nos

Energúmeno perguntou se eu tinha algum compromisso e na minha negativa pediu, gentilmente¹⁹, que eu aguardasse após o almoço uma posição da empresa. E assim foi feito. Logo após o almoço fui chamado novamente à sala da Omissa e ela comunicou o meu desligamento, porém, com o argumento de que eu deveria fazer uma carta de próprio punho alegando questões particulares para a minha saída²⁰. Segundo ela, a França (sede da empresa) estava com novas regras de reposição de mão-de-obra e se eu simplesmente fosse demitido, eles não teriam argumentos para repor a minha vaga, precisavam de uma justificativa²¹. Como eu não tinha nada a perder²² e já estava saturado

casos previstos em lei. Publique-se e afixe-se em quadro de aviso acessível ao público.

[REDACTED]
Procurador do Trabalho”

¹⁹ Acreditem!

²⁰ Verdade seja dita! Não houve imposição ou condição e a Covarde deixou-me bem à vontade em acatar ou não o seu pedido.

²¹ O meu problema de assédio moral parece ter sido encarado como um problema particular. Assim devem ter justificado para a França.

²² Como essa conversa estava sendo gravada, não tive temor nenhum em acatar o seu pedido. Eu estava bem documentado e caso eles quisessem usar aquilo contra mim, eu me defenderia. Já nessa conversa, a última, minha intenção em gravar já não era aquela de início, apenas para “refrescar a memória”. Nesses últimos instantes eu buscava proteger-me, pois já estava

daquele dia, fiz a carta, bem simples, quase padrão eu diria, e enfim, tirando um peso das minhas costas e principalmente da Covarde, fui demitido naquela tarde.

Assinei os papéis rescindindo meu contrato de trabalho e voltei a minha sala para buscar minha carteira²³. O meu chefe, Sr. Babosa, pediu que antes de eu partir, ao menos apontasse as principais planilhas que utilizava para o meu trabalho²⁴ e assim o fiz. Enquanto

mergulhado no jogo sujo, escabroso e nojento daquelas duas pusilânimes criaturas.

²³ Desde a minha saída da área de Recursos Humanos, aprendi que não devemos manter coisas particulares na empresa. É comum nas demissões observarmos as pessoas saindo com quilos e quilos de materiais pessoais. A minha ida para a área de Manufatura se deu graças a um diretor da época, que me acolheu confiante em meu trabalho, pois a minha vaga em RH fora excluída. Na ocasião a Gerente Omíssa me apresentou duas oportunidades: 1 – ser demitido ou, 2 – ser transferido. Isso corrobora as minhas alegações de que sempre fui um ótimo funcionário. A transferência se deu e notei o tanto de materiais particulares e inúteis que acumulei em minha estada em RH. A partir daquele dia criei uma regra para mim mesmo de que não mais acumularia nada que fosse meu em meu local de trabalho e que, no dia de minha demissão, pegaria apenas a minha carteira e iria embora, fato que ocorreu.

²⁴ O Sr. Babosa, antes de chefe era um grande amigo meu. O considerava como um irmão e inclusive teci vários comentários favoráveis a seu respeito em e-mail encaminhado ao Presidente da Empresa. Nas conversas com os Gerentes-sem-caráter, demonstrei por várias vezes que minha maior preocupação com toda aquela história era deixar esse meu “irmão” em apuros. Apenas para que entendam a polidez de nosso relacionamento, dias após a minha saída ele me ligou desesperado, pois

estava em dificuldades com as tarefas que eu executava e se sentia perdido. Ele foi até a minha casa e lá permaneceu até a uma hora da madrugada. Passei a ele tudo quanto foi possível, todos os “macetes”, cuidados, enfim, tudo o que era necessário para a sua sobrevivência. De tudo o que aconteceu, esse foi o único gesto que me causou arrependimento. Em respeito a nossa amizade, não medi esforços para ajudar ao Sr. Babosa e hoje, ele não mais conversa comigo. Talvez por eu ter escrito um artigo sobre seu compadre que foi testemunha da ré no processo trabalhista. No capítulo sobre o processo contra a empresa, por assédio moral, escreverei sobre detalhes sobre o Rato Marquês. Uma grande decepção... Abaixo meu e-mail de despedida, demonstrando a consideração que eu tinha pelo Sr. Babosa:

De: cleber.martins71 [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]

Enviada em: segunda-feira, 23 de março de 2009 09:58

Para: [REDACTED];

cleber.martins71@bol.com.br

Assunto: DESPEDIDA CLEBER [REDACTED]

[REDACTED],

Você, melhor do que ninguém, sabe que a nossa relação na [REDACTED] não foi de chefe-subordinado, mas uma relação de amizade, sinceridade e fraternidade.

Como te disse, nas conversas que tivemos nesses meus últimos dias na [REDACTED], a única coisa que me preocupava de fato, com a minha decisão, era te deixar em maus lençóis. Estive convicto o tempo todo do que estava fazendo e apenas te "deixar na mão" me incomodava. A reação do [REDACTED], da [REDACTED], do [REDACTED], de quem quer que fosse, não me incomodava o mínimo. Nada! Pelo contrário, pensar que a "verdade" do que acontece em Operações estava próxima de ser revelada, me deu uma inspiração, uma força e uma audácia fora do comum. Há algo em mim que clama pelo justo, que é praticamente

incontrolável. Não podemos temer e nos sentir constrangidos pelas nossas atitudes.

Não me arrependo, ao contrário, tenho um orgulho imenso do que fiz, mas fico apenas com o ressentimento de tê-lo deixado numa situação desfavorável, embora, com o tempo, as coisas tendem a voltar ao seu lugar. Como o próprio [REDACTED] disse, na conversa que tive com ele, ninguém é insubstituível e eu, lógico, concordei, muito embora eu tenha a consciência de que minha saída, no começo, gerará um caos no seu dia-a-dia, mas lembre-se, é só no começo. O tempo é nosso melhor amigo e, segurando-nos pelas mãos, nos leva aos caminhos corretos. É só ter paciência.

Peço desculpas por isso e rogo a Deus que tudo se ajuste em breve para que você tenha o reconhecimento de tua competência quer seja aí na [REDACTED] ou qualquer outra empresa que o mereça.

Eu adorei trabalhar na [REDACTED]. Gostei muito de trabalhar no PCP e, sem bajulações, você foi sem dúvida alguma, o melhor chefe que tive em vinte anos. Nas conversas com a [REDACTED] e o próprio [REDACTED], insisti inesgotavelmente, sobre a admiração, o respeito e a consideração que tenho por você. Tentei ainda, afim de te ajudar, apenas por isso, negociar minha saída mais para adiante, porém, como a [REDACTED] e o [REDACTED] disseram, não haveria "clima" com a minha presença.

Eles devem estar certos.... Mesmo eu tendo alegado que clima ruim eu via todo dia, ainda assim eles devem estar certos...

O que espero com tudo isso é que agora o departamento de Recursos Humanos tenha a decência e a retidão de partir para uma averiguação dos fatos, pois, conhecendo o [REDACTED], não duvido que todo esse alvoroço se reverta contra mim, já que "morto não fala" conquanto que eu

não esteja aí para as acareações e defesas. No dia em que estive com ele e a [REDACTED], o comportamento dele foi aquele que "os de fora" vêem, ou seja, calmo, ponderado, fazendo-se de vítima, trocando palavras tais quais, gritos por ser mais enérgico, elevação de voz, por ofensas, etc. Em verdade, poderia ter "quebrado" ele em no mínimo, quatro ou cinco ocasiões, mas não pude, por que não poderia expor ninguém além de mim, tendo que me contentar em silenciar-me e apenas ouvi-lo, olhando o no fundo dos olhos, pois é no fundo dos olhos que reconhecemos a alma de uma pessoa. Não quero aqui [REDACTED], remoer essa situação pois você sabe de tudo o que ocorreu. Me valho desta apenas para expor e reforçar essa admiração imensa que sinto por ti, o respeito, o afeto e te agradecer pela hombridade, honradez e sensatez com que me tratou durante esses anos.

Disse uma vez à mãe do [REDACTED] que fiquei imensamente feliz com dois acontecimentos na [REDACTED] - a tua promoção e a promoção do [REDACTED]. Muito mais que merecido e justo, esses dois fatos isolados causaram-me uma sensação que não se mede em palavras.

Apreendi com você algo mais sobre a humildade. Pensava que "as humildades" que eu conhecia só existia através dos contos nos livros, mas não, percebi que existem pessoas humílimas, cuja alma abnegada, parece servir-se do mundo apenas para dar mostras de exemplos.

Obrigado [REDACTED], por tudo!

Deus te ilumine, abençoe e inunde teu espírito de paz. Busque sempre a sabedoria e a use para o bem. Preencha as folgas de tua existência fortalecendo teu espírito de luz, através da reflexão, do sentimento e da gratidão pelo dom da vida. Espante-se a cada dia com a imensidão do Universo criado pelo Pai de todos nós. É

apresentava algumas planilhas o Gerente-Energúmeno se aproximou, deu um tapinha em minhas costas e pediu que eu passasse em sua sala antes de sair. Apenas acenei com a cabeça e quando ele se retirou eu disse ao Babosa que não iria, senão seria bem capaz de agredi-lo, já que, para todos os efeitos eu já estava demitido, legalmente, com todas as assinaturas já impressas. Dez minutos depois, sem despedidas, fui-me embora....

nesse espanto, que temos um pouco de noção do que Ele representa em nossas vidas.

Em tempo: Esteja preparado! É do feitio dos canalhas a covardia e a falsidade. Não tenho a menor dúvida de que o [REDACTED], agora, somente agora, tentará uma reaproximação com você, fingindo-se seu confidente, convidando-o para almoços fora da [REDACTED], etc, etc, etc. Já te disse uma vez e friso novamente - Todo o mérito de suas promoções e seu cargo hoje são únicos e exclusivos seus. Onde você enxerga que o [REDACTED] o ajudou, promovendo-o, eu enxergo como uma estagnação, já que, o seu crescimento na [REDACTED] era para ter ocorrido muito tempo antes do que ocorreu. Não se deixe enganar. O contrário da verdade é a falsidade. Seja humilde, sempre em tua vida, mas não deixe que a humildade o torne subserviente.

Valeu

Cleber

22/março/2009

Pensar é o trabalho mais difícil que existe. Talvez por isso tão poucos se dediquem a ele.

Henry Ford

O Período Pós-Demissão

O período pós-demissão foi um tanto quanto confuso, conturbado. Talvez o primeiro mês seja notável a qualquer um, aquela ansiedade crônica. Um simples “ir a padaria” é uma tarefa quase sobre-humana, pois acostumados com o ritmo frenético das empresas, não nos damos o direito de relaxar. Esse primeiro mês pós-demitido foi praticamente como se eu estivesse na empresa. Tudo feito na correria, as famosas palpitações, a irritabilidade permanente, a falta de ar e sempre aquela sensação de que não daria tempo de executar minhas tarefas, por mais simples e fúteis que fossem. Embora eu tivesse todo o tempo do mundo e não houvesse mais um troglodita berrando suas neuroses pelos corredores, ou mesmo em meus ouvidos, ainda assim eu não conseguia me desvincular dos sintomas.

Passado esse primeiro mês e com aquela agitação interna-constante, surgiu-me uma mania, quase uma obsessão, quase um T.O.C²⁵, uma compulsão por limpeza. Elegia um cômodo por dia e o esfregava até a exaustão. Talvez fosse isso um subterfúgio

²⁵ Transtorno Obsessivo Compulsivo. Doença na qual a pessoa apresenta obsessões ou compulsões, que mesmo parecendo absurdas, até mesmo aos portadores, são incontroláveis e repetitivas. É considerado o quarto diagnóstico psiquiátrico mais freqüente na população.

para alimentar meu corpo já viciado em ansiedade.

Com o tempo, esse período de agitação cede lugar a um período de desânimo total. Uma falta-de-vontade compulsiva também. Tinha a capacidade de permanecer por horas e horas a fio, deitado no chão, ora assistindo a televisão, ora olhando fixo para o teto. O silêncio externo e interno tornou-se um grande amigo. Houve ocasião em que fiquei nesse estado letárgico por dois, três dias consecutivos, não me permitindo nem ao menos um banho e uma troca de roupas. A fome, a sede, as necessidades físicas se ausentam e o corpo, esse veículo extraordinário, parece pesar uma tonelada. Levantá-lo do chão requer preparo, concentração e disposição, ingredientes esses inexistentes naquelas horas de aflição. Há também aquela expectativa de que o telefone irá tocar a qualquer momento e uma notícia sobre a execução da justiça soe pelo aparelho²⁶.

Pura ansiedade....

Abandono, solidão, angústia, revolta, ódio, planos maléficos brotando ininterruptamente na mente perturbada. Sede de justiça²⁷, embora alguns pensem ser sede de vingança.

²⁶ Até hoje essa expectativa me persegue.

²⁷ Margaret Bergamann, atleta olímpica na Alemanha nazista de 1936 teve seu recorde anulado e também foi excluída da competição por ser judia. Margaret, a partir dos anos 1980, passou a escrever cartas para dirigentes esportivos do mundo todo, contando a sua história e pedindo ao menos uma palavra de resignação da Alemanha e das autoridades olímpicas, pois, segundo

Seu valor externo desaparece, seus amigos desaparecem e, inacreditavelmente, você vai perdendo a sua identidade. Você se lança num canto qualquer e quer fazer dali o seu lar.

O trauma psíquico não permite tentativas de novo emprego. Só em pensar na possibilidade de encontrar um novo verme-energúmeno pela frente, inibe a vontade em recolocar-se no mercado profissional. Recebi oportunidade de trabalho em três empresas distintas e eu neguei as três ofertas. Preferia o chão gélido quase me envolvendo num processo criogênico, a ir para outra empresa.

Mas, aprendi também que isso seria apenas mais uma fase. A nossa vida é constituída de fases, boas e ruins. Só estava em mais uma fase ruim. Logo passaria.

E passou...

suas palavras, “eles me deviam desculpas, e eu prometi que jamais descansaria sem recebê-las”. Após quase 75 anos, enfim recebe um documento da Associação de Atletismo Alemã reconhecendo e revalidando o seu recorde de 1936. Ela foi reconhecida como melhor atleta daquele ano.

Com esse relato em mente eu pergunto: A Sra. Margaret possuía o sentimento de justiça ou de vingança?

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]
Enviada em: segunda-feira, 6 de abril de 2009 07:30
Para: [REDACTED] (Presidente da Empresa na América Latina)
Assunto: Ref.: Assédio Moral / Denúncia - Sr. [REDACTED] ([REDACTED])

***“Quer falar fale, mas fale algo que valha mais que o seu silêncio”
 (Aristóteles)***

Sr. [REDACTED], (Presidente da Empresa na América Latina)

Não sei como devo me dirigir à Vossa Senhoria, devido a relevância do cargo que ocupa. Adotarei a sigla V.Sa., como forma de tratamento, para mantermos a impessoalidade.

Talvez já seja de seu conhecimento a denúncia feita por mim, através de e-mail enviado à Sra. [REDACTED] – Gerente de Recursos Humanos -, em 09/03/09 às 17:26 hs, o qual reproduzo ao final desse texto, e meu intento nesse momento é apenas reforçar as palavras ali impressas, não para que caiamos na redundância do assunto, mas para o bem da [REDACTED]. Não quero com isso, transmitir uma imagem de revolta, de vingança, de arrependimento ou algo do gênero, ao contrário, quero alertar V.Sa. sobre o caos em que a empresa se encontra. Certo é que não possuo sabedoria suficiente para alertá-lo sobre negócios empresariais. Longe de mim tal presunção! Para ser franco, nem diploma

universitário disponho, porém a prática do dia-a-dia me permite um mínimo de ousadia, convicção e credibilidade em minhas palavras (ainda acredito mais na prática do que na teoria. O próprio Albert Einstein só teve a confirmação de sua teoria da relatividade comprovada através da experiência. Refiro-me ao desvio da luz em função da distorção do espaço no tempo, comprovadamente através de um eclipse solar). Fui admitido na [REDACTED] ([REDACTED]) em 04/04/1989, porém considero uma empresa só, pois mesmo tendo rescindido o contrato de trabalho, por ocasião da compra pela [REDACTED], fisicamente nos mantivemos lá. A mudança da planta São Paulo ([REDACTED]) para a planta São Bernardo ([REDACTED]), no meu caso, ocorreu em 1998, mas ainda assim aquele sentimento de uma única empresa manteve-se ativo em mim até a data de meu desligamento em 19/03/2009. Se considerarmos a projeção do aviso prévio, orgulhosamente afirmo que trabalhei 20 anos na [REDACTED], fato esse, que não deve ser encarado como apelo emocional por V.Sa., mas tão-somente uma mera demonstração de que possuo esse mínimo de credibilidade em meus dizeres. Em 20 anos as mudanças foram muitas. Inúmeras! A “sobrevivência” em meio a tantas turbulências ao longo desses anos, me faz crer que havia em mim um mínimo de competência e capacidade profissional, já que, nesse tempo todo, nunca houve qualquer fato que me desabonasse.

A [REDACTED] Sr. [REDACTED], é uma empresa excelente para se trabalhar. Afora os bons salários e benefícios oferecidos aos trabalhadores, há um grande número de pessoas cuja integridade, hombridade e lucidez de caráter, faz com que seus colegas de trabalho se sintam bem e motivados. Transmitem uma parcela de “humanidade” no ambiente nevoado de trabalho. Pessoas como Dr. [REDACTED], Sr. [REDACTED], Sr. [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED]²⁸, (que pediu também para ser desligado por não agüentar mais o clima, embora isso ele tenha confidenciado à alguns poucos), [REDACTED]²⁹, [REDACTED], [REDACTED] (já demitido), [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED] (seqüelado há mais de vinte anos com amputação do braço direito, trabalha com afinco, vontade e compromisso) que além de excepcionais profissionais, que “vestem a camisa” da empresa demonstrando garra naquilo que fazem, sempre primando pela perfeição, atuam de maneira ímpar seja com seus colegas de trabalho, seja com os vários fornecedores que atendem à [REDACTED]. São pessoas cuja disposição em ajudar e ouvir, os tornam únicos no trato humano e também nas resoluções dos inúmeros problemas do dia-a-dia. Afora esses nomes, há ainda um sem-

²⁸ Ainda assim, virou-me as costas quando mais precisei...

²⁹ O Rato Marquês, que teve seu caráter corrompido, quando da sua participação como testemunha em favor da Ré. Logo falaremos sobre ele..

número de “peões” que, tenho certeza, V.Sa. nunca ouviu falar, que no anonimato, mantém o ritmo produtivo da [REDACTED] e também atuam como verdadeiros consultores técnicos, ajudando quem for preciso, desprendidos de eventuais vantagens. São pessoas, assim como as outras citadas, que fazem a diferença, demonstrando paixão pelo trabalho e a paixão, como disse certa feita o Sr. Jack Welch, contagia. São vários, mas destaco os Srs. [REDACTED] (Apoio [REDACTED]), [REDACTED] (“[REDACTED] – Almojarifado), [REDACTED] (“[REDACTED] – Almojarifado), [REDACTED] (“[REDACTED] – Apoio – 2º turno), [REDACTED] (“[REDACTED] - Almojarifado), [REDACTED] ([REDACTED]), [REDACTED] (Apoio – [REDACTED]), [REDACTED] ([REDACTED] – 2º turno).

Cito esses nomes Sr. [REDACTED], pois são merecedores de confiança e de nosso respeito. São trabalhadores da [REDACTED] que estão muito além da linha do comum do funcionário-padrão, pois há muito extrapolaram as limitações impostas aos seus cargos. Foi uma honra e um aprendizado para mim, ter convivido com essas pessoas e é essa a imagem da empresa, que carrego comigo.

O “clima” na [REDACTED] até há alguns anos era normal como se espera num ambiente de trabalho. Trabalhávamos num ritmo acelerado, com uma certa pressão, porém a atmosfera era boa. Algumas discussões, alguns momentos de tensão, mas tudo dentro dos parâmetros da normalidade.

Há dois ou três anos, porém, começou o declínio. A pressão aumentou e a maneira como essa pressão era passada já não condizia a um ambiente “saudável” de trabalho. Muitas brigas, xingamentos, ofensas, que para mim, são demasiadamente humilhantes, atingindo todos os níveis da hierarquia. Passou a ser comum e aceitável entre os membros da equipe, gritos com os subordinados em meio aos corredores ou na própria sala do Sr. [REDACTED]. É verdade, e isso eu confirmei na acareação feita com o Sr. [REDACTED], que comigo essas demonstrações de fúria e totalitarismo de poder, foram poucas, porém o que aleguei e por isso que me dirijo a V.Sa., foi que o ambiente de trabalho estava muito ruim, que para mim era insustentável a situação, já que, meus nervos se afluavam a cada ocorrência dessas, mesmo com as outras pessoas, pois aquele sentimento de humilhação não atingia somente a vítima da vez, atingia também a mim e a outros colegas que também me testemunharam esse sentimento tanto de humilhação, como de constrangimento.

Esse ambiente péssimo, infelizmente se arrastou para a fábrica. Os “peões” reclamam constantemente dos mandos e desmandos do Sr. [REDACTED], bem como, numa visão que eu compartilho, sustentam que a [REDACTED] está sendo má administrada ou “afundada” como se diz na fábrica. Sugiro algumas entrevistas aleatórias no chão-de-fábrica afim da apuração da verdade.

Eu torço muito pela [REDACTED] e não há demagogia em minhas palavras. A essa altura da vida, não há tempo para isso, aliás nunca houve. A demagogia e a hipocrisia não me foram apresentadas desde o berço. Há outros valores com que me preocupo e busco atingi-los para a minha paz interior. Jamais tive pretensões de graduar cargos melhores nesses vinte anos de empresa. Há um certo desprendimento em mim e uma falta de ambição que não sei até que ponto sejam bons para a minha vida, mas, como dizem por aí “me contento com muito pouco”. Minha maior meta já foi atingida, - a aquisição de minha casa - . *“muitos são obstinados em relação ao caminho tomado, poucos em relação à meta”* – Friedrich Nietzsche.

Tenho um carinho “físico” pela [REDACTED]. Me atreveria até escrever a palavra “amor”, mas tenho receio no uso desse termo, devido a sua amplitude e complexidade. Me limito ao termo “carinho” pois essa fábrica foi por muito tempo meu segundo lar e as pessoas que lá ficaram, merecem um pouco mais de respeito. Não é preciso reconhecimento, apenas respeito pelos seus trabalhos e, principalmente respeito pela pessoa.

Estou escrevendo um artigo intitulado “*Suicídio Laboral*”, cujo foco é, num sentido figurado, a morte-profissional, e devo apresentar ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC para uma possível edição no jornal diário “A Tribuna”. Escrevo em terceira pessoa e não

menciono nomes sejam eles de pessoas ou empresas. Tento demonstrar nesse artigo esse “fundo-do-poço”, esse vazio, a desilusão e depressão que por tanto tempo me acompanharam e que culminaram no meu “suicídio profissional”. O profissional Cleber matou-se, abdicou-se de um bom salário, o convívio com algumas pessoas agradáveis, plano de saúde, excelente refeição. Abdicou-se até do status social que o emprego produz, sendo agora recebido pela sociedade como mais um desempregado. As garantias de crédito, de conforto e tudo aquilo que um bom emprego produz, esvaíram-se. O profissional Cleber, oprimido, talvez num momento de fraqueza ou de extrema coragem, pôs fim a sua carreira. Não suportou o peso da tirania, do desrespeito, do abuso de poder, do favoritismo e protecionismo escancarado a uma única pessoa, cuja função, parece, é espionar a vida alheia e levantar calúnias ou conversas distorcidas sobre os outros, pois o que se comenta pelos corredores é – “o que essa pessoa faz?”³⁰. O profissional Cleber matou-se nas dependências da [REDACTED]. Gritou por socorro dias antes ao setor de Recursos Humanos, mas não houve sensibilidade da Gerente para interpretar o pedido de demissão como um pedido de socorro e diante dessa minha ameaça de suicídio-profissional, a Gestora de Recursos Humanos ofereceu-me munição para que sucumbisse de vez. Há uma canção do Raul Seixas que diz “... é sempre

³⁰ Refiro-me a primeira-dama.

mais fácil achar que a culpa é do outro...” e essa máxima aplicou-se na íntegra. O problema apresentado, em minha concepção considerado gravíssimo, por muito pouco não tornou-se hermético. O conteúdo de meu e-mail só veio à tona por insistência minha. A postura da Sra. [REDACTED] foi extremamente covarde e egoísta, pois conforme seus próprios argumentos, ela trataria num primeiro momento de minha demissão, apegando-se à minha decisão/convicção em sair, e só depois então, trataria da “questão-[REDACTED]”. Tão logo eu conclua esse artigo e, se houver interesse de V.Sa., posso encaminhar uma cópia.

Sr. [REDACTED], talvez eu não tenha agido nos campos da ética, mas eu precisava me precaver. O fato é que gravei, através do meu aparelho de telefone celular, todas as conversas que tive com a Sra. [REDACTED] e o Sr. [REDACTED]. Se houver interesse posso te enviar também, porém o formato do arquivo está em extensão “AMR” exclusivo para celulares. Há métodos que convergem esses arquivos para o formato “MP3”, porém desconheço a prática. Essas conversas, de certa forma, aniquilam a minha ou qualquer outra versão. É a realidade de tudo o que ocorreu desde o envio do e-mail-denúncia sem manipulação de palavras, acréscimos ou ocultações.

Não possuo mais vínculo com a [REDACTED]. Meus direitos e obrigações expiraram em 19/03 p.p. Teoricamente, não se faz necessário a composição desse e-mail, porém, mais uma

vez digo, o faço para a sobrevivência da [REDACTED]. Há muitos profissionais, e isso eu também comuniquei ao Sr. [REDACTED] durante a acareação, que estão buscando novos rumos. A insatisfação é enorme e geral. Tornou-se raro o encontro de profissionais que estejam satisfeitos em suas funções. É preciso mais atuação de Recursos Humanos junto à fábrica para sentir o clima, promovendo pesquisas onde o trabalhador, anonimamente, possa manifestar seus sentimentos em relação à fábrica. Sugiro anonimamente, porque as pessoas não se expõem. Há um medo intrínseco no ser humano que inibe a manifestação de seus pensamentos, daí o surgimento de sindicatos e outras representatividades para os trabalhadores. Há uma tristeza em mim por saber que a [REDACTED] está perdendo excelentes profissionais por causa de duas ou três pessoas que se mantém no comando. Essas perdas não são apenas buscas por “novos ares”, mas também por seqüelas físicas e emocionais. Não só eu estava em tratamento psiquiátrico. Há outros profissionais na mesma situação. Chegará o momento em que se “suicidarão laborativamente” ou simplesmente se afastarão por motivos médicos, seja por DORT³¹ (seqüelas físicas), ou Síndrome de Burnout³²,

³¹ Doenças Osteomusculares Relacionados ao Trabalho.

³² A síndrome de Burnout conhecida também por Síndrome do Esgotamento Profissional, tem como característica principal a dedicação exagerada à atividade profissional, além do desejo de ser o melhor e sempre demonstrar alto grau de desempenho. A

estresse, ansiedade generalizada (seqüelas emocionais). O setor de Recursos Humanos é distante da fábrica, omissos. Estão mais para “pagadores de salários” do que agentes transformadores das Relações Humanas no trabalho.

Encerrando, já que tomei parte de seu tempo, que reconheço ser escasso (ao contrário do meu que agora é livre), peço a V.Sa., uma análise para extensão de meu plano médico ([REDACTED]), por três ou seis meses, já que me encontro em tratamento há alguns meses. Em conversa com a médica que me assiste, foi prescrito tratamento por um período de mais ou menos oito meses, porém acredito que três meses serão mais do que suficientes para eu me re-compor. Se não houver a possibilidade, não restará ressentimentos ou mágoas, acredite! Havia um Gerente de Recursos Humanos na [REDACTED], excelente gestor, Sr. [REDACTED] que sempre dizia : “o não nós já temos, vamos em busca do sim” e aplico aqui esse ensinamento para a manutenção do meu convênio.

literatura médica apresenta doze estágios da Síndrome de Burnout: necessidade de se afirmar, dedicação intensificada, descaso com as necessidades pessoais, recalque de conflitos, reinterpretação dos valores, negação de problemas, recolhimento, mudanças evidentes de comportamento, despersonalização, vazio interior, depressão e esgotamento profissional levando ao colapso físico e mental.

Ainda com aquela ousadia que me persegue, mas sem a sabedoria necessária para os negócios empresariais, acreditando na prática, e, em busca do “sim” (do [REDACTED]), finalizo com uma última sugestão: indicaria o Sr. [REDACTED] Babosa³³ para ocupar a cadeira do Sr. [REDACTED]. Interessante seria uma investigação do passado do Sr. [REDACTED] na [REDACTED] e um levantamento de sua formação acadêmica, bem como o recolhimento de algumas referências sobre sua pessoa, seja nos níveis de diretoria, gerência, chefia, “chão-de-fábrica” seja [REDACTED], seja [REDACTED]. Indicaria, por exemplo, o Dr. [REDACTED] para relatar a atuação do Sr. [REDACTED] quando assumiu o setor de Logística, com um alto índice de funcionários “baixa-performance”. Indico também, apenas como exemplo, o Sr. [REDACTED]. Não vou me estender em panegíricos sobre o Sr. [REDACTED]. Quero apenas demonstrar a verdade. Comecei citando Aristóteles e termino com ele (não que eu seja fã de Aristóteles, apenas coube a citação no contexto. Meu grande ídolo é Friedrich Nietzsche):

“Amicus Socrates, amicus Plato, sed magis amica veritas”.

Obrigado Sr. [REDACTED]! Sucesso a todos vocês do [REDACTED] [REDACTED]

³³ E hoje ele nem fala comigo...

Em Tempo: *“o que não me mata me torna mais forte”* – Friedrich Nietzsche

Esse e-mail foi transmitido ao Presidente do grupo na América Latina e encerra-se com o e-mail que inicia esse livro.

Como a Gerente-Covarde tentou a todo custo “abafar” o caso, jogando “panos quentes” como diz o dito popular, me incomodava aquela sensação de que mesmo após a minha saída essa tentativa de não levar o caso, gravíssimo, a cúpula da empresa persistiria.

Não podia e não posso me calar! Lembrava sempre do meu filho: ***“jamaís baixe sua cabeça para ninguém”***. *Baixei a minha por muito tempo e agora basta, pois afinal, tenho que dar exemplo a ele e prepará-lo para uma vida digna, vida essa que abandonei há algum tempo”*.

Nesse e-mail, como se pode observar, pedi uma extensão de meu plano de saúde, haja vista eu ainda estar em tratamento psiquiátrico. No afã de minha “liberdade” comuniquei ao Presidente que seis meses seriam suficientes, talvez três...

O benefício foi concedido. Concederam-me mais três meses de extensão, mas não sem antes tentarem me passar uma lição de moral. Na empresa há duas gerentes de RH e dessa vez não a Covarde, mas a outra que me respondeu em e-mail, que reproduzo a seguir,

invertendo a ordem tradicional de escrita nos e-mails, ou seja, no original primeiro apareceria minha resposta e depois o e-mail da outra Gerente. Inverto para facilitar a leitura:

De: [REDACTED]
 mailto:[REDACTED] (Outra Gerente de Recursos Humanos)
Enviada em: quarta-feira, 8 de abril de 2009 21:18
Para: cleber.martins71@bol.com.br
Assunto: Resposta email enviado

Prezado Cleber,

Recebemos sua mensagem enviada no dia 06 de abril de 2009.

Mesmo constatando uma eventual conduta reconhecidamente antiética e, a nosso ver ilegal, não condizente com o perfil demonstrado por você ao longo do período que trabalhou aqui, informo que, por mera liberalidade, a empresa atenderá a sua solicitação e estenderá o Plano de Saúde por mais 03 meses.

Estamos providenciando a manutenção de sua permanência junto à Operadora de Saúde e informaremos tão logo tenhamos a efetivação deste processo.

Atenciosamente,

[REDACTED]

Gerente Administração de RH

HR Administration Manager

Human Resources

[REDACTED]

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]
Enviada em: quinta-feira, 9 de abril de 2009 09:40
Para: [REDACTED]
Cc: [REDACTED] (Presidente do Grupo na América Latina)
Assunto: RES: Resposta email enviado

[REDACTED], Bom Dia!

Agradeço a prestatividade e o atendimento da solicitação, porém esclareço alguns pontos de seu e-mail:

Creio que a sua citação de “*uma conduta reconhecidamente antiética*”, refere-se às gravações feitas em meu aparelho de telefone celular que expus ao Sr. [REDACTED] (Presidente da Empresa na América Latina), pois é somente nessa passagem que faço uso desse termo. Assim sendo, constato também, nesse momento delicado, que tanto a empresa quanto eu, procuramos nos resguardar, de maneira até compulsiva, documentando tudo quanto for possível, afim de nos garantirmos no futuro. É certo que, em seu texto há um

evidente apontamento, “acusação” de uma atitude não condizente com o “bem”, pois que a ética nada mais é do que o estudo da conduta humana estabelecendo os conceitos do bem e do mal. Nada além disso. É uma palavra bonita, muito aplicada no cotidiano-mímico das pessoas que pronunciam e não sabe o porquê do pronunciamento. No e-mail que enviei ao Sr. [REDACTED], o subjetivo da mensagem está justamente na concepção de que esse “agir-não-ético” refere-se apenas ao fato de que meu erro não foi ter comunicado à Sra. [REDACTED] (*Gerente Covarde*) que gravaria a conversa. Eu não precisava nem de autorização para a gravação, apenas um pedido formal de “licença” para gravar, já que, devido o conteúdo do assunto ser gravíssimo, ao menos para mim, e, eu não ser portador de uma memória “savant” guardando 100% daquilo que falo, ou leio, ou escrevo, essa minha atitude de denunciar desencadearia uma série de versões, principalmente pelo fato de eu não estar mais na empresa para contra-argumentar essas versões.

Talvez ao “ver de vocês” essa atitude seja ilegal, mas o que é válido é o olhar atento da justiça, com suas leis. As opiniões pessoais de nada valem para esses casos. O ilegal é o “grampeamento” telefônico, esse sim apontado e refutado pela lei. Se acharem necessário, se informem e que se aplique as sanções legais para esse meu mau-procedimento, assim como eu me movimento também em busca das

informações sobre a legalidade dos motivos que direcionaram minha demissão.

Tentei, exaustivamente, expor a verdade. É tão-somente esse o motivo de minhas denúncias. Entre ferir de raspão a ética e ocultar a verdade, não tenho a menor dúvida de que a verdade sempre prevalecerá sobre mim. A verdade, muitas vezes para ser apresentada, requer um duelo com a ética.

O que me espanta é saber que em meio a todas essas argumentações feitas por mim, embasadas em provas, a empresa se atenha a detalhes supérfluos como esse.

O perfil que demonstrei ao longo do período trabalhado na [REDACTED] manteve-se desde o primeiro dia em que pisei aí. Repito, eu não precisava nem de autorização para gravar a conversa. Apenas não informei que seria gravada. Isso não é motivo para comentários sobre o meu perfil. Há outros perfis em que vocês deveriam se ater.

O que lamento e isso já demonstrei no primeiro e-mail que enviei à Sra. [REDACTED] (*Gerente Covarde*) é que aquela estranha sensação de que nada será feito/resolvido permanece, porém não cabe a mim mais envolvimento com a [REDACTED].

Agradeço a liberalidade³⁴ na concessão do benefício. Reconheço ser liberalidade mesmo, embora eu preferisse apenas o uso do bom senso.

“O bom senso é a coisa mais bem distribuída do mundo”

(René Descartes)

Obrigado [REDACTED], Obrigado Sr. [REDACTED],

Não houve mais respostas sobre esse assunto. É certo que a Gerente-Covarde leu, releu, releu e leu novamente o e-mail antes de transmitir, sob as costas da outra Gerente. O que as pessoas não sabem é que elas são cheias de manias, de vícios de linguagem e com o tempo aprendemos a identificar as pessoas apenas por suas palavras. Esse e-mail-resposta pode até ter sido redigido pela outra Gerente, mas sou capaz de apontar as linhas que obteve intervenção da Covarde.

O importante é que a minha dignidade requeria tratamento e consegui ganhar um “cala-boca” que me deixou feliz.

Continuei meu tratamento psíquico...

³⁴ Palavra muito utilizada pela Gerente Covarde.

Não sei precisar ao certo quando foi a primeira vez que fui ao psiquiatra. Consultei-me com três ou quatro deles, mas o tratamento psiquiátrico é um tanto quanto “frio”. Não há muito diálogo e assim como os inúmeros profissionais da área de saúde, a emissão de um atestado alegando a sua insanidade é quase um milagre. Lembro-me que o primeiro profissional que me atendeu, diagnosticou-me como Síndrome de Burnout e indicou-me um remédio controlado que não recordo o nome, mas que não cheguei a usar. Não senti segurança na postura do profissional e não aceitava o fato de que necessitava dessas drogas.

Como a crise mental não passava, me vi forçado a procurar outro psiquiatra. Dessa vez uma médica, que ouviu melhor a história, me passando mais credibilidade em seus argumentos e me diagnosticando como ansiedade generalizada, além da depressão. Segui o tratamento prescrito, mas os efeitos colaterais da droga foram muito ruins. Com o tempo a droga perdia efeito e as dosagens tinham que ser aumentadas e com isso também, os efeitos colaterais.

Abandonei o tratamento...

O conhecimento gera no homem o respeito ao próximo e o ódio à tirania.

Antonio Gomes Lacerda

24 Horas de Ódio

Não sabia ao certo o que tinha, mas conhecia bem os sintomas. Dentre os mais comuns como cefaléia, tontura, lapsos de memória, depressão, dores estomacais e pelo corpo todo, obtendo-se como um dos diagnósticos a fibromialgia³⁵. Mesmo assim, com o corpo e a mente exauridos de forças, eu trabalhava muito além do normal, inclusive aos sábados.

As dores, é verdade, incomodavam bastante, mas o que mais se destacava em mim, quando da suspensão do medicamento era um ódio incontrolável. “Pavio curto” era pouco para mim. O simples cair de uma caneta no chão me fazia destruir tudo. Esmurrava paredes, quebrava as coisas, sem contar que a pobre caneta (ou qualquer outra coisa que fosse) desintegrava-se debaixo de minha fúria. Iniciava meu dia com ódio. Acordava e praguejava uma série de palavrões e por vezes, não encontrando o meu chinelo próximo

³⁵ Caracteriza-se por dor muscular e tendinosa difusa crônica em pontos dolorosos de localização anatômica específica, causando dor crônica nos músculos e nos ligamentos. Os principais sintomas são: dores generalizadas, fadiga, sono superficial, não reparador e insônias, depressão, ansiedade, dor de cabeça, dormência de mãos e pés, dor abdominal com períodos de prisão de ventre intercalados com diarreia.

de mim, já esmurrava a parede. Não estou exagerando. Tinha consciência de que era um absurdo eu “explodir”³⁶ por tanta futilidade, mas era algo incontrolável. O mau humor me perseguia desde o primeiro instante da vigília até o meu repouso. No trânsito, várias vezes ofendi e fui ofendido e cheguei a ser ameaçado de morte. A espera de alguns segundos para “baixar” um e-mail me custou um teclado, praticamente partido ao meio por um soco transferido alucinadamente...

Num estado desses, é evidente que voltei a psiquiatra. Novamente dosagens altas de “sossega-leão”. Com todos os efeitos colaterais que se apresentavam, não se pode negar a sua eficiência no combate ao ódio. Bastavam alguns dias, seguindo corretamente o tratamento, que era aniquilado quase como por encanto e assim, você passa a viver intercalando seus dias entre um ódio mortal e um corpo-vivo-mecânico, mas que não atrapalha ninguém, principalmente a você mesmo.

Além dos sintomas clássicos das crises de ansiedade e depressão, fui contemplado também com uma diplopia³⁷ e perambulei por oftalmologistas, neurologistas e clínicos geral, sem resultado do que eu tinha. Inúmeros exames, inclusive mapeamento no cérebro perturbado e nada. Passei cerca de dois meses vendo tudo dobrado e a solução paliativa foi

³⁶ Verbo defectivo. Não se conjuga em primeira pessoa no presente do indicativo.

³⁷ Visão Dupla

um tampão no olho esquerdo, um verdadeiro pirata³⁸. O bom dessas aberrações é que você conhece coisas que jamais imaginava existir, como por exemplo, um ramo da medicina que atua com uma espécie de fisioterapia para os olhos. Por algumas semanas fiz vários exercícios para os meus olhos. Não me recordo o nome dessa modalidade médica, mas achei bastante interessante. Meus olhos ficaram “bombados” com os exercícios e misteriosamente, sem um diagnóstico preciso, voltei a enxergar normal.

Alguns meses depois, enquanto dirigia em alta velocidade na Rodovia Anchieta, de madrugada, meu olho esquerdo escureceu-se por completo. Tive um pouco de tontura e não sei ao certo como, consegui refúgio no acostamento. Zero por cento de visibilidade no olho esquerdo...

Fiquei por alguns instantes ali no acostamento e fiz alguns testes tapando ora a vista esquerda, ora a direita. Como a direita estava “em ordem”, fechei o olho esquerdo, engatei primeira e fui o mais rápido que pude para casa³⁹. Chegando em casa e passado algum tempo a visibilidade voltou gradativamente, mas ficou como seqüela uma mancha que tenho até hoje, incapacitando a pernitude de minha visão esquerda. Fiz uma nova maratona

³⁸ Por um tempo meu apelido foi “pirata” .

³⁹ Pode parecer estranho ser madrugada e eu estar voltando para casa, mas o ritmo na empresa muitas vezes era assim. Entrávamos as oito da manhã e saíamos no dia seguinte.

de médicos e constantaram uma espécie de derrame ocular sem saber ao certo os motivos desse derrame.

Todos esses fatores se devem a distúrbios psicossomáticos em minha modesta opinião.

O desespero é o suicídio do coração.
Jean-Paul Sartre

Suicídio Laboral

Um dia estava em casa, de noite, e o telefone tocou. Atendi e era um amigo da empresa que trabalhei e que havia tomado como rumo os caminhos sindicais. Na ocasião ele ocupava o cargo de Diretor Administrativo do Sindicato⁴⁰ e já no início de nossa amizade eu o apelidei de “matador”, pois ele chamava a todos de “matador” e por fim o apelido ficou para ele próprio.

Já havia se passado alguns dias do meu desligamento e o Matador ligou oferecendo ajuda e palavras de conforto. Conversamos por cerca de uma hora. Até aquele dia, ele nada sabia sobre os motivos de minha saída e expus a ele todo o corrido, como também disse que precisava mesmo falar com ele, pois estava escrevendo⁴¹ um artigo intitulado “*Suicídio Laboral*”⁴² e desejava enviar esse artigo ao Sindicato para uma possível publicação no jornal “A Tribuna Metalúrgica”⁴³.

⁴⁰ O cargo de Diretor Sindical requer tempo integral em favor das lutas sindicais. Portanto, mesmo ele sendo funcionário da empresa, não permanecia, fisicamente, nela.

⁴¹ Em verdade, ainda não estava escrevendo, mas o tinha na cabeça.

⁴² Conforme havia informado ao Presidente da empresa, por e-mail.

⁴³ Jornal com tiragem de 40.000 exemplares por dia e distribuído aos trabalhadores nas indústrias metalúrgicas do ABC.

O Matador prontamente acatou ao meu pedido, porém ele não tinha poderes de decisão sobre as pautas do jornal. O que ele poderia fazer naquele momento para me ajudar era receber o artigo e encaminhar aos responsáveis, sem no entanto, assegurar a publicação.

Fiquei numa alegria que há muito já não sentia. Uma mão amiga estendida nos momentos de dor e de angústia supera qualquer recompensa indenizatória imaginável. Uma das maiores frustrações do assediado é o silêncio alheio, a passividade das autoridades e dos responsáveis legais por esse assunto – assédio moral - .

Prometi ao Matador que enviaria o artigo na manhã seguinte, pois além de já ser tarde da noite, precisava concluí-lo.

Desliguei o telefone, feliz e grato ao Matador por ter lembrado de mim, mas principalmente por demonstrar interesse em me ajudar.

Corri para o computador e iniciei o artigo. Em verdade não havia escrito nada. A idéia estava fixa na mente e confiava em minha capacidade de escrita para produzir um texto em poucos minutos, o que se realizou de fato.

Com o texto pronto, enviei-o na manhã seguinte ao Matador e ele acusou o recebimento, como também encaminhou aos responsáveis pelo jornal.

Passaram-se alguns dias. Não sei precisar quantos foram os dias e, sinceramente, eu já nem pensava mais nisso, pois sei do volume de matérias que um redator recebe para avaliação e o quão rigoroso e seletivo tem que ser esse profissional. O importante para mim

foi que havia tentado e que tinha agora um texto em mãos, resumindo parte daquilo que havia sofrido.

Houve um dia em que eu estava em casa, deitado no chão, que tornou-se a minha cama e ocorreu-me a idéia de elaborar um jornal, algo simples, objetivo, artesanal. Essa idéia me tirou do chão...

Gosto muito da letra da música chamada “A Internacional”⁴⁴ e seu primeiro verso prima o seguinte – “*De pé vítimas da fome, de pé famélicos da terra...*”. Esse é o hino internacional dos trabalhadores! Não podemos esquecer disso!

Refletindo sobre o meu futuro jornal, sobre tudo o que ocorreu comigo e com essa música na cabeça batizei meu boletim de “*Famélicos da Terra*”. Nessa primeira edição, nada mais justo que eu homenageasse aquele que me inspirou tanto pela letra, quanto pela idéia do nome e apresentei através de meu boletim, o Sr. Eugène Pottier, numa breve biografia. O jornal é composto de apenas duas páginas (uma folha frente e verso) e no verso dessa primeira edição, publiquei meu artigo – *Suicídio Laboral*. Distribui a alguns amigos e desconhecidos na rua em cópia impressa e a um grande número de contatos virtuais e tanto o artigo quanto o jornal foram bem recebidos. Isso me encheu de forças para lutar! Senti-me renovado!

Eu não me lembro onde estava, mas sei que não era em casa. O celular tocou e era o

⁴⁴ Dedicado a todos os trabalhadores no início desse livro.

Matador do outro lado. A ligação estava horrível, mas foi possível o entendimento da mensagem. Ele estava me convidando a ir ao Sindicato para tirar umas fotos. Minha matéria seria publicada! Ri compulsivamente! Nunca imaginava ter meu rosto estampado num jornal. O texto eu até tinha fé de vê-lo um dia publicado, mas a minha foto era demais. Se a publicação do artigo já era uma excelente notícia, o que se dizer de ter a matéria acompanhada de minha fotografia?

Marcamos a data do encontro e no dia anterior fui ao cabeleireiro. Já que ia aparecer precisava ao menos dar uma aparada nos pêlos... Foi a última vez que me lembro de ter cortado o cabelo e a barba⁴⁵.

⁴⁵ Não quero representar aqui o papel de hipocondríaco. Ainda que o leitor julgue eu estar falando muito sobre doenças físicas e mentais, é necessário. Eu preciso alertar as pessoas sobre a degradação de um homem. Vivo na pele dia-a-dia momentos de pico de depressão, ansiedade e angústia. É preciso ter consciência! Só mesmo quem vive essa situação pode ter noção de suas reais dimensões. Os de fora, por mais que se esforcem, não compreendem. É como tentar sentir a dor de uma mãe que perde seu filho de uma hora para outra. Por mais que tentemos sentir essa dor, não nos aproximamos dela. O campo da imaginação é cem anos-luz distante do campo da realidade.

Passado quase um ano de meu declive, ainda assim os tormentos me perseguem. Dias desses minha mãe pediu que eu cortasse o cabelo, pois estava parecendo um mendigo. Ao chegar em casa me olhei no espelho... De fato eu parecia um mendigo maltrapilho. Há quase um ano eu não me olhava no espelho... É preciso entender, eu me olhava no espelho mas não me via. O depressivo ansioso enxerga coisas distantes da realidade. As

Fui ao Sindicato e o Matador me apresentou a equipe de jornalismo. Teceram alguns comentários sobre o artigo que me causou júbilo. Conversamos um tempo e me dirigi a uma outra sala para a sessão de fotos.

As fotos foram batidas e quando as vi, confesso que fiquei um pouco desapontado, não pela falta de beleza que me acompanha mas pelo escurecimento afim de preservar a minha imagem. Protestei que queria minha “cara limpa” pois não tinha nada a esconder ou temer e acabei sendo convencido pelo pessoal de lá que o mais sensato seria manter-me oculto diante daquele artigo.

imagens do real ficam em segundo plano e as manifestações imaginárias dominam o pensamento. Com o impacto das palavras de minha querida e preocupada genitora, nesse dia, vi ali refletida naquele invento maravilhoso a minha imagem invertida. Vi o quanto desganhado estava o meu cabelo, a minha barba cobrindo todo o pescoço e começando a acariciar o peito... Olhei profundamente em meus olhos, frio, sem sentimento de autopiedade ou coisa parecida e por alguns instantes assim permaneci. Encarei a mim mesmo tentando buscar a alma daquilo que via diante do espelho. E por fim disse ao outro eu que ali me fitava – “em que você se transformou...” -.

Quase como numa ficção científica, a noção de tempo e espaço se perdem em algum canto de seu corpo e de sua mente embrutecida, entorpecida. Não houve emoção, apenas uma troca de olhares acusativos de mim para mim mesmo. Quis raspar minha cabeça e minha barba naquele instante, mas faltou-me instrumentos para isso. Depois disso, voltei a ser o zumbi de sempre.

Saí de lá extasiado! É evidente que além da justiça começar a dar seus primeiros vestígios, essas coisas mexem com o brio da gente. Não sabia e nem perguntei quando seria publicada a matéria.

Talvez uma semana tenha se passado e no dia 09 de junho, o telefone de casa tocou logo cedo. Sete e pouco da manhã. Era um colega me parabenizando pelo artigo. O “*Suicídio Laboral*” circulava pela fábrica e o alvoroço foi geral. Outras ligações eu recebi. Foi um dia inesquecível. Pagaria tudo o que tinha para ver a “cara” do energúmeno. A “peãozada” contou, na maneira deles, como foi. Cada um que passava olhava para a sala do gerente-energúmeno⁴⁶ como que, buscando sua reação. A exposição diante de outras pessoas, que eu e tantos outros companheiros sofrimos por anos, se dava com ele agora. Fora desmascarado na frente de todos e não havia como retrucar ou esbravejar em cima de alguém. Soube que nesse dia o energúmeno foi embora às onze horas da manhã⁴⁷...

O artigo foi um sucesso. O Matador me disse que foram muitos os comentários com o comitê sindical⁴⁸ e que, pela primeira vez, faltou jornal para a “peãozada”. Segundo um outro colega, houve até uma pequena paralisação logo na

⁴⁶ Nossa sala ficava de frente a fábrica com amplas janelas de vidro. Víamos a fábrica e a fábrica nos via.

⁴⁷ Essa não seria a sua primeira fuga em momentos de tensão, cujo o poder de nada lhe valia.

⁴⁸ Formado por três trabalhadores, ao contrário do Matador, esses ficam fixos na empresa.

entrada do primeiro turno. Queriam saber se o “cara” da foto era o Clebão...

Reproduzo a seguir a íntegra do artigo “*Suicídio Laboral*”.

Suicídio Laboral

Há um certo tempo li o depoimento de uma cidadã que narrava sua angústia, sua dor e sofrimento em função do suicídio de seu pai. Relata essa jovem que seu pai há tempos vinha dando sinais de que daria um “basta” à sua vida e gritando por socorro de maneira subjetiva, de um modo que a família não entendia e que, somente após quinze anos decorridos de sua morte, a jovem começava a compreendê-lo.

De maneira similar, porém não tão trágica quanto o suicídio propriamente dito, o suicídio laboral é muito mais comum do que imaginamos.

Entende-se por suicídio laboral, a morte funcional, o desespero, o “jogar tudo para cima” daqueles funcionários que, não suportando mais as pressões e opressões do dia-a-dia nas grandes organizações, decidem por fim em suas carreiras.

Aconteceu comigo

Trabalhei por vinte anos numa empresa multinacional e nos três ou quatro últimos anos

que me mantive com o vínculo empregatício, a decadência aumentou no mesmo passo do avançar dos dias.

Não obstante o fato de hoje, século XXI as empresas digladiarem freneticamente em busca de resultados cada vez maiores, onde a moeda tornou-se capital maior que o capital humano, há ainda aqueles cidadãos que, envoltos de um pseudo-poder e numa demonstração patética de supremacia, emperram o curso natural dos processos, pois que, se não demonstram esse pseudo-poder, não conquistam o júbilo de seus egos.

Nesses últimos três ou quatro anos tive a infelicidade de conviver com um energúmeno desses, que além de não cumprimentar seus subordinados, esbarrando com eles pelos corredores com o olhar fixo no chão, cumprimentando apenas seus superiores e pares, tratava-os como excremento social. Raras eram as vezes em que olhava nos olhos dos menos abastados nas nomenclaturas de cargos. Atitude típica dos covardes...

Era comum a gritaria, o berreiro, a humilhação, a exposição à situações ridículas, o nepotismo à vista de todos, os mandos e desmandos, o uso demasiado de verbos imperativos e a cobrança de trabalhos em tempos surreais, na gestão do “poderoso gestor”.

A soma desses ingredientes aliada ao tempo e ao convívio é a receita perfeita para o desgaste

emocional, físico e mental dos trabalhadores. A máquina-corpo obtém recursos próprios para suportar a dispepsia desses ingredientes e o mais interessante é a capacidade do corpo em ludibriar nossas fragilidades. Embora convivamos com as dores (de cabeça, estomacais, musculares e, principalmente aquelas dores abstratas que ferem nosso caráter, nosso orgulho e nossa honra) resultantes do dia-a-dia, fruto do trato a que somos submetidos, ainda assim, por responsabilidade ou por medo da perda de nossos empregos, mantemo-nos firmes no cumprimento do dever. Engolimos as humilhações, as ofensas, os xingamentos, as explosões desses energúmenos e, feito cordeiros, continuamos a pastar o nosso solo.

Um dia porém, todas essas manifestações de maus-tratos com o corpo se apresenta de maneira agressiva. A depressão, a angústia e aquela sensação de insanidade começa a nos rondar cada vez mais de perto. Desesperados, tentamos ludibriar o corpo, que por sua vez já se esgotou nas tentativas de ludibriar as doenças e aquela sensação de que somos mesmo um excremento social se torna latente. Abdicamos um pouco da nossa maior opressora – a responsabilidade – e tentamos relaxar. Pensamos em férias, em uns dias de afastamento e aquelas tantas outras soluções paliativas que bem conhecemos.

São os primeiros sinais, os primeiros gritos-calados por socorro. Precisamos urgente de

ajuda! Começamos a nos lamentar pelos cantos, as conversas com os companheiros giram em torno dessas nossas mazelas, começamos a faltar mais ao trabalho em busca de auxílio médico, porém o “mal” continua ativo, operante e mandante. A cada dose de vallium, diempax, somalium, lexotan, triptanol e outros tantos remédios que a maioria dos trabalhadores passou a conhecer (antes tidos apenas como remédios para tratamento de loucos), o nosso humor, a nossa personalidade sofre alterações bruscas. Perdemos um pouco de nós mesmos. Já não nos reconhecemos. Os amigos se afastam e acusam-nos de distantes, afastados, omissos, a família cobra por aquele homem de outrora e que agora vive recostado num canto da sala vendo televisão em seus raros momentos de folga. Um homem transformado apenas num corpo inerte submerso em sua angústia e lutando contra seus próprios demônios. Há ainda a sociedade, que exige padrões de comportamentos adequados, pois o suicida laboral, em seu ápice, vive às margens do social. A atmosfera carrega lampejos de pensamentos macabros e isso é tão-somente o começo do fim.

Nesse estágio, geralmente ocorre o suicídio laboral. O profissional já não suportando a situação, julgando-a insustentável, cede por vez aos caprichos dos tiranos. Decide por fim à sua carreira profissional, seja ela em que ponto se encontra. Seja o tempo que for. Cinco, dez, quinze, vinte anos, não importa, assim como o

suicídio tradicional, o laboral não escolhe idade, classe social, raça, cor, religião.

O suicida laboral, depois de ter demonstrado a todos as suas amarguras e insatisfações, desiste. Torna-se um paranóico, muitas vezes obcecado por receituários médicos a fim de validar seus argumentos e suas dores, pois que suas palavras perderam o crédito. É comum nessa etapa a entrega ao fumo, ao álcool, às drogas... Decide então, por fim ao seu vínculo empregatício e esse desejo de “morte no trabalho” é tão forte que o suicida consegue vencer todos os seus medos e preocupações. Já não importa a ele se o mundo está em crise, se o seu salário vai ser menor em outra empresa, se não tem escolaridade, se já está com a idade avançada... Seu desejo de morte, de ruptura com os energúmenos-opressores é demasiado forte para um possível arrependimento e por mais contraditório que possa parecer, esse desejo de morte no trabalho é em verdade um desejo de vida.

A única esperança para o suicida laboral é o corte trágico com aqueles que lhe causam feridas, pois vê nessa ruptura um horizonte novo, de paz e longe das tolices do poder ditatorial. O livrar-se desses ditadores é para o suicida, sinônimo de renovação.

A única intenção desse escrito é o alerta aos companheiros que passam por uma situação similar. É importante esclarecer alguns pontos:

1º - o poder é bom e necessário para o equilíbrio e progresso, desde que não haja abuso desse poder. 2º – a pressão é comum nas empresas e de certa forma até nos estimula a alcançar metas e resultados, mas a pressão é totalmente distinta da opressão. Pressão constrói, opressão destrói. 3º – Não tenham medo! Denunciem todo o tipo de abuso de poder e de assédio moral. Não se sujeitem as humilhações e saiam todos os dias de seus postos de trabalho com a cabeça erguida, com dignidade e com a paz interior do dever cumprido. 4º - Filiem-se aos Sindicatos representativos da categoria. Eu sou um suicida laboral e, se fosse sócio da entidade sindical que me representava na época, certo é que eu não teria “exterminado” a minha carreira. O Sindicato é a voz de cada trabalhador no ouvido dos opressores. Insisto, não tenham medo. Se não forem direto, “olho no olho” com os opressores, passem a reclamação ao Sindicato que na certa irá auxiliá-los e vocês não correrão o risco de represálias. O setor de Recursos Humanos, ao menos na empresa em que tive a experiência é defensor único e exclusivo do empregador. Confie primeiro no Sindicato, depois no Recursos Humanos, se não houver opção. 5º gravem em suas memórias uma das últimas frases do suicida laboral: “Eu prefiro morrer de fome em casa, do que morrer enfartado nessa empresa”.

Boa Sorte a todos!

celular e gesticulei através de mímica demonstrando como havia feito⁴⁹.

A audiência de instrução foi marcada para início de setembro e na ocasião tanto eu como a reclamada deveria apresentar testemunhas.

Quando saí da empresa, como não havia praticamente me despedido de ninguém, liguei para alguns colegas no decurso da primeira semana, para oficializar a minha saída, pois considerava essas pessoas dignas e até amigas, sendo merecedoras, no mínimo, de uma satisfação sobre tudo o que havia acontecido. A maioria dessas pessoas, espontaneamente, afirmo e reafirmo convicto,

⁴⁹ Eis a transcrição da Ata de Audiência: "...decidiu este Juízo interrogar preliminarmente o reclamante acerca do referido tema, tendo o mesmo informado o seguinte: que o conteúdo que consta no CD acima referido é fruto de 4 conversas, sendo que cada uma tem aproximadamente duração de 50 minutos; afirma que em 3 conversas participaram apenas o reclamante e a Sr^a [REDACTED], gerente de RH; na outra conversa além do reclamante participaram a Sr^a [REDACTED] e o Sr. [REDACTED], gerente de operações; esclarece que não comunicou aos interlocutores que se utilizava de seu celular para gravar as referidas conversas, afirmando que já havia passado e-mail à Sr^a [REDACTED] avisando-lhe que o mesmo seria utilizado em futura ação judicial em virtude de assédio moral; afirma ainda que todas as gravações foram feitas na sala da Sr^a [REDACTED]. Considerando a peculiaridade do tema objeto da lide (assédio moral), que é sabido ser de difícil comprovação, decido determinar transcrição do documento [REDACTED], reservando para a prolação de sentença o enfrentamento da questão acerca da licitude ou ilicitude da referida prova..."

espontaneamente ofereceram ajuda no que fosse preciso, inclusive se fosse o caso, se apresentariam como testemunhas num possível processo trabalhista movido por mim. Como eu precisava de testemunhas naquele momento e lembrando-me de toda a filantropia oferecida que me ofereceram algumas dessas pessoas, dias após o meu desligamento, elegi quatro colegas para testemunharem a meu favor. Evidente que os deixei muito a vontade para negarem ao meu pedido. Dessas quatro pessoas, um eu considerava como pai e cheguei a escrever, muito antes de tudo isso acontecer, uma carta com cerca de 40 páginas demonstrando o afeto, o carinho, o respeito e a consideração verdadeiramente de pai que sentia por esse cidadão. No decorrer de toda a carta nomeei-o meu terceiro pai, pois em meu conceito, o Verdadeiro, número-um, é Deus. O número dois é o pai-terreno, também eleito por Deus para guiar-nos nos caminhos do bem e o terceiro, esse sim bem mais fácil eleger, pois somos nós que escolhemos. A outra testemunha eleita era considerada por mim como um irmão. Foi meu parceiro no setor, com mesmo cargo, salário diferente, eu ganhava mais, não sei quanto mas era mais. Foi ele que me acolheu e me ensinou bastante sobre a rotina do setor. Considerava-o um amigo de verdade. A terceira testemunha foi um rapaz que trabalhou por apenas alguns meses na empresa e a quarta, por sorte minha, havia sido dispensado da empresa um mês após o meu desligamento. Falarei mais sobre essa quarta testemunha, pois a sua história é

digna de nota. Todas essas pessoas, além do bom relacionamento que nos unia enquanto partilhávamos nossas vidas naquele purgatório, foram vítimas de assédio. Todos eles e mais uma gama de outros. Com exceção da primeira-dama, não havia um que nunca tivesse sido “pego para Cristo” pelo energúmeno. Uns com maior furor que outros, mas todos vítimas do troglodita-energúmeno. Com quatro testemunhas tidas por mim como confiáveis, fiquei relativamente tranqüilo, já que os havia avisado com bastante antecedência dos detalhes da audiência. Sei o quanto é constrangedor, inibidor até, ser testemunha contra a empresa, principalmente quando se trata de assédio moral. Respeito as opiniões e decisões de quem quer que seja, por isso, antes de concordarem ou não em ser testemunhas, deixei esse pessoal bem a vontade quanto a recusa de meu pedido, Lamentavelmente, dois dias antes, aquele que eu tratava como meu terceiro pai, após eu ter ligado para ele, pediu perdão, mas não poderia ser minha testemunha. Como ele havia sido dispensado e passado por uma intervenção cirúrgica, solicitou a ex-empregadora uma extensão de seu plano de saúde, assim como eu também havia solicitado para meus tratamentos com psiquiatras, e como ainda estavam em negociação ele acreditava que se fosse ser minha testemunha isso poderia prejudicá-lo de alguma maneira. Respeitei, mas

me decepcionei⁵⁰. Só o havia procurado porque ele me havia oferecido ajuda... Mas ainda restavam três testemunhas. Liguei para aquele que considerava como irmão, também demitido, também humilhado, massacrado, execrado e perseguido pelo energúmeno, tanto que o Sr. Babosa, tentou impedir o seu desligamento, haja vista que era o seu superior imediato, mas mesmo assim o troglodita o demitiu. Sabem porquê? Porque o irmão o enfrentava. Conversamos e ele alegou que precisaria conversar com a sua chefia, haja vista que já tinha se recolocado no mercado de trabalho. No dia anterior à audiência, em novo contato, meu “irmão” pediu que o perdoasse, mas o seu chefe não havia lhe concedido a dispensa. Também respeitei, mas me decepcionei.⁵¹ Liguei então para o rapaz que trabalhou por pouco tempo na minha ex-empregadora. Para ser franco, não tinha uma opinião clara sobre o

⁵⁰ Hoje, no mundo em que vivemos, entendo com maior lucidez que os relacionamentos paternos-filiais não são necessariamente aquilo que eu julgava ser. Sempre pensei que a família dos outros fossem iguais a minha, mas infelizmente me enganei. Meu segundo-pai, o terreno, enfrentaria uma artilharia em minha defesa. O mesmo faria eu por ele e pelo terceiro-pai. Depois disso não mais nos falamos. Ele, talvez por vergonha e eu por não ter o que dizer...

⁵¹ Assim como meu segundo pai, o terreno, enfrentaria uma artilharia para me defender e eu a ele, o mesmo se dava com os meus irmãos consanguíneos, Kinho e Déds. O meu relacionaento familiar sempre foi de ajuda mútua, verdadeiramente, uma fraternidade no bom sentido da palavra.

caráter desse rapaz. Em nosso primeiro contato, meses antes, ele já havia dito que o dia da audiência seria o dia em que ocorreria o inventário físico na empresa que trabalhava e que portanto poderia ter dificuldades, mas que eu ligasse mais próximo a data da audiência. Liguei por diversas vezes e não fui atendido. O telefone só chamava.

Comecei a me preocupar...

Angústia, revolta, sentimento de traição e de perda... Senti que todo o meu desejo de justiça cairia por terra, pois as testemunhas, são peças-chave nas audiências. Se eles tivessem negado ao pedido logo de início teria avisado ao Dr. Advogado e a nossa defesa teria tomado outros rumos, mas agora era tarde. Não havia como chegar na Audiência e falar ao Meritíssimo que três testemunhas haviam desistido. Que fique claro - se essas pessoas não tivessem se prontificado a serem testemunhas eu teria movido ação trabalhista do mesmo jeito, mas teria instruído o Dr. Advogado a incluir em nossa defesa a dificuldade em se apresentar testemunhas para esses casos, graves, de assédio moral. Acredito que não haveria qualquer problema em relação a isso ou mesmo que houvesse problemas, poderíamos intimar judicialmente qualquer pessoa para depor. Só dependeria do Meritíssimo a ordem de execução.

A frustração se deu porque essas três testemunhas ofereceram, voluntariamente, ajuda e não cumpriram suas palavras. Acreditem ou não, o que tenho de maior valor em minha vida é a palavra. Morro por ela se for

preciso. Eu, na situação de testemunha não mediria esforços ou retaliações para defender a um amigo, mas a minha ingenuidade por vezes me expõe a esses impasses. Sou tão ingênuo as vezes que chego a ser tolo!

Liguei para a quarta testemunha. E com a coragem de um “Leão”, manteve-se fiel a sua palavra. Chamarei-a de Leão...

A história do Leão, tem muitas semelhanças com a minha. Assim como eu, o cargo dele foi extinto na empresa devido a fusão de fábricas e ele se viu entre aquelas duas opções que me foram ofertadas pela Covarde, quando de minha saída de Recursos Humanos, ou seja, ser demitido ou aceitar uma vaga em outro setor, no caso dele de Supervisor de Logística oferecida pelo próprio energúmeno⁵². Como o Leão tinha aquela imagem de benevolência apresentada pelo energúmeno, aceitou de pronto e de bom grado a oferta, mesmo não tendo nenhuma vivência nessa nova área, tampouco no cargo de supervisão. No começo “apanhou” muito devido a essa “virginidade” no cargo de chefia e na área nova. Jamais

⁵² A vista de outros setores o troglodita disfarçava sumariamente bem e era tido como uma pessoa tranqüila, ponderada, atenciosa. Apenas para exemplificar, uma pessoa que trabalhava em um dos maiores fornecedores de matéria-prima para a empresa, ficou espantada quando eu disse que energúmeno daria um “show” pela falta de material que ocorreria, pois para essa pessoa e seus pares, o energúmeno era um homem extremamente equilibrado. Dito e feito. O show foi dado, por telefone, em viva-voz e essa pessoa acreditou, enfim, naquilo que eu dizia.

exercera a função de Supervisor. Jamais tivera subordinados. Aprendeu tudo “na marra” pois era prática desse setor lançar os novatos a própria sorte. Eu mesmo havia experimentado isso. O seu Gerente, energúmeno, antes de lhe dar apoio lhe dava “pressão total”, cobranças exacerbadas em rotinas que o Leão nem sabia do que se tratava. Era nítida a sua falta de rumo....

O *modus operandi* do energúmeno era assim: - quando ele ainda não tinha “liberdade” com o subordinado novo, suas cobranças se apresentavam sempre acompanhadas de um gracejo qualquer. Com o passar do tempo esses gracejos eram deixados de lado e ele atuava com mais aspereza em seus argumentos e gestos, pois com a arrogância que lhe é peculiar, dava as primeiras mostras de seu absolutismo e de seu poder. Essa postura durava mais algum tempo e gradativamente iam se tornando mais graves até que um belo dia, por um motivo fútil qualquer, ele estourava e nos brindava com os seus berros, gestos e atitudes. Aqueles que retrucavam tinham seu nome marcado na memória psicótica do troglodita e na primeira oportunidade eram demitidos⁵³. Aqueles que se

⁵³ Houve o caso de um supervisor, de outra gerência, que enfrentava o carrasco, olho-no-olho. Em dado momento, devido as várias mudanças nas quais a empresa passava, houve uma reestruturação em alguns setores e o infeliz do supervisor passou a reportar-se ao energúmeno. A troca de gerência foi num determinado dia e no outro o supervisor, pela manhã, foi demitido. Houve também o caso de um supervisor que foi demitido

calavam e aceitavam as humilhações eram vítimas do escárnio do troglodita-repulsivo. O Leão foi um dos que calou, talvez por carregar uma culpa (inconsciente) por ser novo na área e assumir responsabilidades que apesar de suas, não poderiam ser exigidas devido ao pouco tempo na área, o que tornava lógico o seu despreparo. No curto tempo que trabalhou com o energúmeno, cerca de dois anos, não tenho dúvidas de que o Leão foi um dos que mais sofreu humilhações e perseguições.

Testemunhei por um sem-número de vezes o Leão sendo exposto aos berros, na frente de várias pessoas. Testemunhei ele sendo “detonado” pelo energúmeno, na frente de seus subordinados, enfraquecendo também a sua posição de líder. Testemunhei várias vezes o Leão tendo o seu almoço interrompido porquê o energúmeno quando queria algo, queria exatamente no mesmo instante em que sua mente doentia desejava. A sua ordem, prepotência, absolutismo e poder estavam além do bem e do mal. Testemunhei outras tantas vezes o energúmeno falando para a primeira-dama: “Fu⁵⁴ chama aquele “porra” lá

por ter se “engraçado” com a primeira-dama. Evidente que os motivos justificados para a dispensa do supervisor foram outros... Ai daquele que se aproximar da primeira-dama! O entorno dela é demarcado pela urina fétida desse cão pulguento! O meu “irmão” também foi vítima por seu enfrentamento.

Diga-se de passagem que ambos os supervisores eram excelentes funcionários...

⁵⁴ Forma carinhosa para “Fulana”, já que não posso revelar os nomes. Para exemplificar, se eu fosse a

para mim” ou ainda, *“Fu, acha o Leão agora!”*. A “Fu” regozijava-se com as ordens. Quase um êxtase se estampava em sua face, um “gozo ocular” e tal qual uma cadela adestrada, saía em busca do “graveto” da vez. Sem exageros, um dia a “Fu” pediu que eu entrasse no banheiro a procura de um supervisor. Até mesmo uma defecada era interrompida pelo energúmeno. Defecávamos as pressas, sempre! Testemunhei a degradação psíquica e física, passo-a-passo do Leão e também testemunhei o seu pranto...⁵⁵

Não vou dizer aqui que o Leão era meu amigo. Não, não era. Nossa relação era de colegas de trabalho e por três ou quatro vezes conflitamos com os ânimos alterados, pois aquele setor tornou-se um campo de desajustados. Independente desses conflitos, sempre tive muito respeito por ele e me sensibilizava bastante com as agressões que ele sofria do energúmeno, sendo tratado como lixo. Me sensibilizava por nossa história apresentar semelhanças e, sem prepotência, eu tinha a capacidade de entender o que o Leão sentia.

Nos momentos em que tínhamos um pouco de paz, raros momentos esses, principalmente

primeira-dama, ao invés de ser chamado de Cleber pelo troglodita, seria chamado de “Clé”.

⁵⁵ Houve um outro supervisor que me confidenciou ter chorado escondido no banheiro. Naquele inferno em que vivíamos, presenciei coisas muito raras na própria natureza, como o choro de um homem.

aos sábados⁵⁶, conversávamos sobre as nossas insatisfações e eu sempre tentei demonstrar esse respeito e incômodo que sentia quando o troglodita o estraçalhava.

Resumindo, eu gostava do Leão e já devo ter mencionado, se não mencionei o faço agora, que enviei alguns e-mails de despedida após a minha saída, não mais que quatro⁵⁷.

Dentre esses quatro e-mails, um foi enviado para o Leão, que reproduzo agora:

De: Cleber Martins [<mailto:cleber.martins71@bol.com.br>]
 Enviada em: segunda-feira, 23 de março de 2009 00:21
 Para: [REDACTED]
 Assunto: Despedida Cleber Panex

[REDACTED]

Desejo a você, dias melhores aí na [REDACTED], pois sempre me peguei refletindo sobre a sua situação, a guinada que a vida te preparou.

Embora tenhamos tido momentos tensos, onde o estresse sobrepujou a nossa dignidade humana, te considero um cara justo e de caráter.

⁵⁶ Oficialmente nossa jornada era de segunda a sexta, mas em quase todos os sábados estávamos lá, as vezes ultrapassando as 14 horas de trabalho.

⁵⁷ Um dos quais para um gerente que tenho eterna gratidão pelo que fez por mim. Passa-me nesse instante a idéia de terminar esse livro com algum agradecimento a ele.

Não sei ao certo o que você sabe sobre a minha demissão, mas o que te digo é que aquele momento de estouro que sempre comentamos, finalmente chegou para mim.

Fui para cima do [REDACTED] com a cara e a coragem e o denunciei ao RH, alegando assédio moral. Fiz um relato detalhado para a [REDACTED] e lá exponho as atitudes/posturas do [REDACTED], bem como o colapso mental em que me envolvi devido a essas circunstâncias.

Falei especificamente de mim e fui chamado em determinado momento para uma conversa com a [REDACTED] onde lá, face a face, pude reafirmar tudo o quanto tinha dito, fundamentando meus pensamentos. Falei de uma maneira geral o que ocorre em Operações e, em certa ocasião citei seu nome para demonstrar que as gritarias do gerente iam do nível mais baixo aos superiores. Não entrei em detalhe algum quanto a tua pessoa, apenas disse que o berreiro se dava com você, com o [REDACTED], [REDACTED] e Supervisores, além de toda a equipe do PCP, naturalmente.

Mas, te escrevo agora não para desabafar ou tentar te convencer de que estou certo ou apresentar minha versão justificando meus atos. Nada disso! Fiz tudo consciente, pensado e planejado, sem um mínimo de arrependimento. Fiz isso pensando em meus colegas de trabalho que ficaram, na esperança que para eles (principalmente ao [REDACTED]), os dias sejam melhores.

Te escrevo apenas para agradecer pelo tempo que passamos juntos, pelas “quebradas-de-galho” e até pelos momentos em que podemos desabafar um pouco, confessando um ao outro um pouco de nossas frustrações.

Desejo sucesso aí na [REDACTED] e que as coisas melhorem para você e sua equipe e que o ambiente de trabalho se torne digno e suportável a todos vocês.

Obrigado!

Abraços,

Cleber

Um ou dois meses após o envio desse e-mail o Leão foi demitido. Embora no começo do ano ele tivesse falado com o energúmeno, em conversa aberta e franca, sobre o seu desempenho profissional e o troglodita tivesse argumentado que ele ia muito bem, fazendo um ótimo trabalho, ainda assim o Leão foi demitido pelo verme, aliás, não foi pelo verme. O verme-energúmeno, apesar de ter ficado até por volta das 22 horas na empresa, no dia que antecedeu a demissão do Leão, no dia seguinte, data da dispensa, não compareceu na empresa. Soube que a primeira-dama anunciou que ele havia torcido o pé (ou joelho)

em uma partida de tênis no dia anterior. Estranhíssima essa torção... O nosso super-herói saiu da empresa às 22 horas e ainda reuniu forças para uma partida de tênis. Penso que a covardia deve ter torcido as entranhas do energúmeno, tão “macho” e tão sensível, de acordo com o ambiente.

A incumbência do desligamento coube ao chefe do energúmeno, seu diretor⁵⁸.

Se o energúmeno tivesse postura e dignidade de “homem”, ainda que fosse verídica a história de sua lesão, ainda assim, não mediria esforços para ir a empresa naquele dia ou postergar a data da rescisão do Leão. Trabalhei por anos em Recursos Humanos e uma das práticas desse setor era a dispensa no final do mês ou em casos específicos, sempre na sexta-feira. Era prática comum no RH. Estranhamente o Leão foi demitido no meio do mês, em um quarta-feira.

“A arapuca está armada e não adianta de fora protestar, quando se quer entrar num buraco de rato, de rato você tem que transar..” (Raul Seixas).

Essa é a história do Leão e contrariando as minhas perspectivas⁵⁹, ele foi o único que

⁵⁸ Apesar dos comentários que acusavam esse diretor de ser da mesma “espécie” do energúmeno, nunca presenciei nada que o desabonasse. Ao contrário, esse diretor sempre demonstrou simpatia com os subordinados inclusive ouvindo-os com atenção. Minha única queixa é que de quando em quando ele pegava meu isqueiro emprestado e sumia para alguma reunião.

compareceu na segunda audiência, de instrução, no início de setembro. Ironicamente o energúmeno deu “um tiro” no próprio pé, pois se ele usasse o seu cérebro com pensamentos estratégicos, afinal para isso era bem pago, teria concluído que o Leão seria um fortíssimo candidato a ser minha testemunha. Bastava ter esperado alguns dias, mas como eu já mencionei, quando o energúmeno queria algo, queria para o segundo seguinte ao seu pensamento insano. Tanto é que fez o seu diretor executar uma tarefa que era sua.

No dia da segunda audiência, adentramos na sala da Meritíssima Juíza, nos posicionamos e a advogada da reclamada levantou protestos novamente em razão das gravações feitas. Pediu a Excelência o adiamento daquela audiência, haja vista ter pedido a transcrição das conversas gravadas e estas não terem sido feitas em tempo hábil para a sua defesa. O Dr. Advogado argumentou que concordava e até seria justo, pois que, as nossas testemunhas se omitiram. Pediu o Dr. Advogado que duas testemunhas omissas⁶⁰ fossem intimadas para depor. A rogo da ré apresentaram-se como testemunhas o Sr. Babosa e o Sr. Rato-Marquês.⁶¹

Encerrou-se a audiência e fui para a casa com um sentimento estranho, um misto de derrota,

⁵⁹ A vida relamente ensina. Não foi a primeira vez que recebi ajuda de uma pessoa que jamais pensava pudesse me ajudar.

⁶⁰ O segundo-pai e o irmão.

⁶¹ Falarei a respeito do Rato-Marquês em breve, quando da terceira audiência de instrução.

traição e a depressão que já era parte intrínseca de minha personalidade.

A terceira audiência foi marcada para o dia 22 de outubro.

No dia 21 de outubro uma das testemunhas intimadas⁶² ligou-me, alegando que talvez não poderia ir, haja vista ele morar relativamente longe e a placa de seu seu carro estar contemplada no Rodízio Municipal da Cidade de São Paulo. Um novo choque e calafrio percorreu-me a espinha. Estudamos várias alternativas para que ele pudesse vir, mas não encontramos nenhuma e infelizmente (para mim) novamente ele não viria. Preocupava-me o fato de ele estar sob intimação, mas quem deveria resolver isso agora era ele, pois a partir desse dia, eu teria que me preocupar mais comigo e não com os outros.

No horário marcado fui para o prédio da Justiça do Trabalho e me encontrei com o Dr. Advogado. De lá liguei para o Leão e ele confirmou que estava próximo e em questão de poucos minutos nos encontraríamos. A segunda testemunha intimada não estava presente e, faltando cerca de 15 minutos para o início da audiência, ela chegou.

Fizemos um pequeno ensaio, comum entre os advogados, onde o Dr. Advogado fez alguns questionamentos para “testar” os argumentos da testemunha. A cada resposta que o rapaz dava, meu coração disparava. Tudo aquilo que ele havia presenciado e testemunhado, estava sendo negado ali, na minha “cara”. Perguntas

⁶² Meu “irmão”.

do tipo – “*como era o ambiente de trabalho?*” – era respondida – “*era normal como em qualquer empresa*” – “*O Sr. alguma vez viu o Sr. Energúmeno destrutando o Sr. Cleber?*” – “*Não, existia uma pressão como em qualquer empresa, não é não Clebão?*”

- É... foi a minha única resposta. Fiquei arrasado, não pela audiência, mas pela miséria da alma humana...

O Dr. Advogado dispensou o sujeito, agradecendo e desejando tudo de bom. Não havia mais a necessidade do depoimento dele. Quanto à intimação não sei o que o Dr. Advogado fez, mas se fosse eu, teria posto o sujeito atrás das grades⁶³.

Fomos chamados à sala...

Antes mesmo do início da audiência propriamente dita, a Dra. Bajulação tentou impedir a oitiva do Leão, alegando que o mesmo era “inimigo” do energúmeno e por ser demitido recentemente encontrava-se cheio de mágoas e rancores⁶⁴. A Meritíssima colheu algumas informações diretamente do Leão e indeferiu o pedido. Em igual medida de justiça, mas não de alegação, o Dr. Advogado também apresentou seus protestos, pedindo a Vossa Excelência que deferisse seu pedido, que foi a anulação do depoimento do Sr. Babosa, visto o mesmo ser amigo pessoal do energúmeno, a

⁶³ Ao término dessa audiência eu entenderia o porquê do rapaz ter agido daquela maneira.

⁶⁴ Observem o nível da alegação de uma das maiores referências em direito na cidade de São Bernardo do Campo.

ponto de freqüentar a casa de campo do troglodita em alguns finais de semana. A Excelência deferiu o pedido do Dr. Advogado e o Sr. Babosa foi dispensado pela juíza, cabendo apenas o depoimento do Rato Marquês, a segunda testemunha da ré. O que é justo é justo e agora estávamos no mesmo peso de igualdade cada um com uma testemunha.

Ajustados os detalhes, a Meritíssima colheu o depoimento da preposta da empresa, Sra. Imitação da Gerente-Covarde⁶⁵ e, como o preposto não tem muito compromisso com a verdade, narrou aquilo que foi orientada, naturalmente pela Gerente-Covarde, que na certa nem dormiu na noite anterior. Foi até bem em seu depoimento, extraíndo a parte em que narrou que a Sra. Gerente-Covarde e o Gerente-Energúmeno fizeram uma reunião comigo tentando me persuadir do desejo de ser demitido, o resto foi coerente, pelo que me lembro.

Fui o segundo a depor e respondi a todas as perguntas da Meritíssima, inclusive que havia mesmo gravado as conversas. Reafirmei as denúncias, os abusos e o autoritarismo do energúmeno. Em dado momento, narrando a última desavença que tive com o troglodita, informei a Meritíssima que em meio ao berreiro da criatura bestial, virei minhas costas e “larguei” o animal falando sozinho, pois não era obrigado a suportar aquilo. A Dra. Bajulação,

⁶⁵ Apenas para você, desculpem-me os demais leitores - Imposto de Renda, Vale-Transporte... -

rata sorrateira que é, pediu uma inclusão nos autos sobre essa minha alegação de que tinha “largado” o troglodita falando sozinho. Não vou narrar todo o meu depoimento aqui, pois ele está intrínseco nas páginas desse livro e não pretendo cair em redundância.

O terceiro depoente foi o Leão, num impecável terno preto⁶⁶. Depôs de maneira impar, a bem da verdade e acrescentou fatos que, confesso, eu nem me lembrava. Como dizem, “*falou tudo e mais um pouco*” e eu lá, durante a audiência dei uma “viajada mental”. Pensei na não-casualidade das coisas e que ali na minha frente, uma pessoa que eu jamais pudesse imaginar que um dia me ajudaria, estava ali, firme, convicto de sua palavra e a vontade para falar sobre o que era perguntado. É lógico que nessa “viajada” perdi muita coisa do que estava acontecendo e soube depois através da Ata de Audiência, disponível no site da justiça do trabalho⁶⁷. A propósito do depoimento do Leão,

⁶⁶ Eu me apresentei “largado”, pois era isso que havia me tornado. Calça jeans, sapatos desgastados, uma bolsa a tiracolo, cabelos desgrenhados e barbudo. Havia um furo em minha camisa, acusado por minha mãe quando de meu regresso a sua casa.

⁶⁷ As pessoas precisam se informar melhor sobre a acessibilidade aos seus processos jurídicos. Com muita pesquisa, encontrei várias etapas de meu processo, sem ter que ocupar o tempo do Dr. Advogado com perguntas. Nos sites da Justiça do Trabalho há informações sobre andamento dos processos, atas, sentenças e condenações. Há inclusive, meios de receber informações em tempo real, através de e-mail sobre o andamento dos processos. Essa base de informações é

a Meritíssima ressaltou *“que nada nos autos demonstrou inidoneidade da testemunha, seu testemunho foi firme e coerente. Em nenhum momento durante a narração dos fatos a testemunha se contradisse ou foi omissa, demonstrou ânimo calmo e imparcialidade em suas colocações, o que esse verifica, por exemplo, do trecho de seu depoimento em que afirma que nem sempre o tom do gerente era agressivo nas conversas.*

O fato de a testemunha ter informado que também foi humilhada pelo gerente [REDACTED] e que chegou a pensar em pleitear indenização pelas humilhações sofridas⁶⁸ não fragiliza seu depoimento, não podendo a testemunha ser considerada suspeita pelo simples fato de manifestar intenção de exercer um direito constitucionalmente garantido”.

O Leão, desde esse dia, passou a integrar meu grupo seletivo de cinco pessoas que devo gratidão eterna, não por ter me defendido, testemunhando a meu favor, mas por fazer

imprescindível para os reclamantes saberem tudo o que se passa sobre as suas ações judiciais. Qualquer site de pesquisa nos dá informações sobre endereços eletrônicos das várias áreas da Justiça. Façam valer os seus direitos.

⁶⁸ Mais uma vez a Dra. Bajulação tenta de tudo para desviar o foco das atenções. O Leão diz ter pensado em pleitear na justiça seus direitos em relação ao assédio sofrido e a Dra. Bajulação contestou essa atitude, pondo-o em atitude suspeita, afim de fragilizar o seu depoimento.

prevalecer a justiça, com dignidade e o uso contínuo da verdade. Eu admiro as pessoas de caráter, cada vez mais raras em nossa sociedade medíocre.

O quarto depoente foi o Sr. Rato Marquês. Vejamos o que afirma a Excelência quanto ao seu depoimento: *“A testemunha ouvida a rogo do autor⁶⁹, ainda, trouxe aos autos a informação de que vários outros empregados sofrem humilhação pela conduta do gerente [REDACTED] e que nada falam por medo de perderem o emprego [REDACTED]. Tal informação pode ser confirmada logo a seguir, por este juízo, no depoimento da testemunha ouvida a rogo da reclamada (Rato Marquês), vez que a testemunha se demonstrou completamente insegura, nervosa, ficando bem clara neste Juízo a impressão de que a testemunha temia responder aos questionamentos”*

No depoimento do Rato Marquês, creio ter passado por um dos momentos mais tristes e decepcionantes de minha vida. Depressivo, amargurado, desesperançoso e frustrado e ainda sem perspectiva nenhuma sobre o futuro, tinha plena confiança no depoimento dele. Não sejamos hipócritas. É evidente que o medo se estampe no rosto daqueles que são apontados pela empresa para testemunharem a seu favor e eu, conhecedor dos bastidores da área de Recursos Humanos sabia perfeitamente que as testemunhas eram intimadas para deporem,

⁶⁹ Refere-se ao Sr. Leão.

ficando sempre, numa “saia justa”. Não havia mal nenhum nisso e não me surpreenderia jamais se no momento de sua oitava a mendacidade se fizesse presente. Sei bem o que se passa antes de uma audiência numa empresa, principalmente que tem o comando de Recursos Humanos nas mãos de uma Gerente Covarde, que pelo medo, elege a mentira como arma para a manutenção de seu cargo.

A decepção não foi por isso.

Alguns dias antes, fui convidado pelo Sr. Babosa e pelo Rato Marquês para um almoço. Nos encontramos, comemos jabá e todos os custos foram arcados pelos dois. Fizeram essa caridade ao desempregado. Esse almoço se deu porque ambos se diziam preocupados, com insônia até, segundo o Sr. Babosa, pois eles haviam sido “convidados” a serem testemunhas a favor da empresa. Não me surpreendeu em nada essa revelação, pois eu mesmo já tinha antevisto essa atitude inclusive alertando ao Sr. Babosa de que era certeza de que ele seria chamado, porém que isso em nada interferiria em nossa relação de amizade. Juro pelo Sagrado que pensei em gravar as conversas da mesa naquele dia, mas acusei-me de obcecado e que não deveria fazer isso por confiar naqueles dois⁷⁰. Eu estava na

⁷⁰ Metaforicamente, se eu tivesse a gravação em mãos no dia da audiência, teria batido na mesa e “trucado” na testa no Rato Marquês, pois tinha o “zap” na mão.

retaguarda e nada mais justo que eu me munisse de provas. A conversa na mesa se deu em torno da audiência vindoura. Tanto um como o outro asseguraram, sem que eu nada pedisse, de que fariam apenas a verdade. Qualquer que fosse a pergunta fariam a verdade, doesse a quem doesse e eu, tonto que sou, tomei aquilo como verdade, de verdade. Se diziam homens de palavra e qualquer que fosse o resultado, manteriam os seus argumentos.

A Meritíssima iniciou o interrogatório e eis a transcrição do depoimento do Rato Marquês: *“...que trabalha para a reclamada desde 1997; trabalha subordinado ao gerente [REDACTED]; o reclamante trabalhava no mesmo setor que a testemunha; nunca viu qualquer discussão entre o reclamante e o gerente [REDACTED]; nunca presenciou o gerente [REDACTED] usando palavras de baixo calão ou inadequadas ao ambiente de trabalho para se dirigir ao reclamante; apenas viu o gerente [REDACTED] em conversas com subordinados exercendo pressão que considera normal ao ambiente do trabalho⁷¹; nunca qualquer colega de trabalho fez qualquer comentário sobre a conduta do gerente [REDACTED] à testemunha; o superior imediato da testemunha é a pessoa de [REDACTED] e acima dele encontra-se o gerente [REDACTED]; trabalha*

⁷¹ Nesse momento entendi a minha testemunha que foi dispensada pelo Dr. Advogado. Os dois, o rapaz e o Rato Marquês eram amicíssimos levando a crer que já haviam ensaiado juntos as suas respostas.

como analista de planejamento sênior; sempre participou de todas as reuniões com os outros analistas; nunca reparou se algum analista às vezes não era convidado às reuniões; acredita ter participado de todas; o reclamante participava das reuniões mas não sabe dizer se de todas; as reuniões eram comandadas pelo gerente [REDACTED] e seu superior [REDACTED]; trabalha acerca de 3 metros do gerente [REDACTED]; o gerente [REDACTED] tem sala própria mas as paredes são de vidro pela metade; para quem está próximo a sala é possível ver os acontecimentos lá dentro; utilizando tom de voz normal não é possível ouvir as conversas dentro da sala; a porta da sala geralmente ficava aberta; o reclamante ia bastante até a sala do gerente [REDACTED]; tal fato ocorria cerca de 3 vezes por semana; nunca ouviu as conversas entre o reclamante e o gerente [REDACTED]; nunca percebeu qualquer discussão ou conversa em tom mais alto entre o reclamante e o Sr. [REDACTED]; em razão do trabalho tinha contato diário com o reclamante; o reclamante algumas vezes comentou com a testemunha sobre a pressão no trabalho; nunca comentou nada específico em relação ao gerente [REDACTED]; nunca presenciou o reclamante utilizando palavras de baixo calão em conversas normais; nunca presenciou o reclamante nervoso ou descontrolado; houve um período na empresa bastante turbulento, difícil e estressante em razão da necessidade da troca de material, vez que se estava mudando a [REDACTED]; nessa época houve um problema com a

administração do estoque que era responsabilidade do reclamante; ficou sabendo em razão de suas atividades na empresa; houve atraso para entrega da matéria prima; havia bastante pressão pelos resultados e a matéria prima que estava faltando era essencial; passa cerca de 80% do tempo em sua mesa de trabalho.

Nada mais.”

Ainda hoje quando releio esse depoimento, sinto náuseas. Sinto vontade de expelir meu vômito fétido nomeando-o de [REDACTED].

Esse cidadão, também sumariamente humilhado pelo energúmeno, gabava-se de certa feita ter ido conversar com o troglodita sobre uma “esculhambada” dada em público. O fato de ele ter ido à sala do troglodita, quase como um cão com o rabo entre as pernas dava a ele uma falsa sensação de que “não levava desaforo para casa”, segundo suas próprias palavras. Além de tudo, o Rato Marquês tinha a péssima mania de nunca estar por baixo de qualquer situação. Suas coisas sempre foram melhores que a dos outros, suas idéias, algumas “Ctrl C, Ctrl V” sempre eram impecáveis, na opinião dele é claro, além do vício de linguagem de sempre perguntar ao final de suas frases – *concorda comigo?*

Em uma de minhas gravações falei olhando nos olhos do energúmeno que nossa última discussão se deu ao lado da mesa do Rato Marquês, o próprio energúmeno concordou e como pode esse sacripanta ter coragem de dizer que nunca viu o energúmeno berrar? Em

cinco minutos de depoimento ele utilizou nove vezes a palavra “nunca”. Reforçando a nossa memória ele:

- 1 - nunca viu qualquer discussão entre o reclamante e o gerente ██████,
- 2 - nunca presenciou o gerente ██████ usando palavras de baixo calão ou inadequadas ao ambiente de trabalho para se dirigir ao reclamante,
- 3 - nunca qualquer colega de trabalho fez qualquer comentário sobre a conduta do gerente ██████ à testemunha,
- 4 - nunca reparou se algum analista às vezes não era convidado às reuniões,
- 5 - nunca ouviu as conversas entre o reclamante e o gerente ██████,
- 6 - nunca percebeu qualquer discussão ou conversa em tom mais alto entre o reclamante e o Sr. ██████,
- 7 - nunca comentou nada específico em relação ao gerente ██████,
- 8 - nunca presenciou o reclamante utilizando palavras de baixo calão em conversas normais,
- 9 - nunca presenciou o reclamante nervoso ou descontrolado.

Nunca a palavra nunca foi tão utilizada...

Já no primeiro “nunca” do Rato Marquês, me senti apunhalado. A tristeza que era grande tornou-se infinita. Inconformado busquei os olhos do sacripanta, na tentativa de enxergar o seu caráter, mas ele olhava para baixo, transpirando como alguém com quarenta graus

de febre, embora os calafrios febris se passavam em meu corpo.

De novo “viajei”... Sem conotação religiosa pensei em Jesus, quando entregue aos seus atroztes. Assisti por diversas vezes a um filme retratando os últimos instantes de Cristo e várias imagens me percorreram a cabeça. Senti-me só, abandonado e traído. Minha resposta foi o silêncio, não o silêncio voluntário e reflexivo, mas aquele imposto pela ocasião. Discretamente chorei. Não foi aquele pranto regado a soluços, desesperado, cujas lágrimas vertem vertiginosamente pela face. Um choro triste, profundo e seco se instaurou por todo o meu ser. As imagens de Jesus em silêncio, ouvindo suas acusações me emocionaram. Não me contive e entreguei-me a emoção. Eu era o terceiro homem daquela empresa a chorar em tão pouco tempo.

Por sorte tenho todos os depoimentos por escrito. Se não tivesse acesso a eles, hoje eu não saberia o que o Rato Marquês falou e não poderia relatar, com fidelidade, a minha história.

Ouvidas as testemunhas, a preposta e o reclamante, a Dra. Bajulação, num esforço extremo para demonstrar competência, solicitou a Meritíssima um exame pericial para atestar a minha “insanidade”, pedido negado pela Excelência⁷². Já nos últimos instantes, a

⁷² Transcrição da decisão da Meritíssima: “*Requerida a perícia pela reclamada a fim de comprovar o dano físico do reclamante foi indeferida por este Juízo em razão do*

Meritíssima disse algo como “razões verbais”⁷³ e que daria 10 minutos para o Dr. Advogado e para a Dra. Bajulação.

Não entendi ao certo o que iria acontecer mas o fato é que o Dr. Advogado, sentado ao meu lado, começou a falar para uma mulher que fica ao lado da Meritíssima defrente a um computador⁷⁴. Disse o Dr. Advogado⁷⁵: *“ficou comprovado nos autos o assédio moral, ou seja, a atitude dura do [REDACTED] empregava ao reclamante como a todos os empregados, isso é de fácil visualização não só pelo material documental trazido na inicial como e-mails como relatórios médicos de tratamento do reclamante que em razão da cobrança irascível fez com que o reclamante esteja em tratamento*

pedido de indenização por dano moral se fundamentar em alegação de assédio moral”.

Ressalto que nesses últimos anos em que estive em tratamento, jamais solicitei um relatório médico, como também não me consultei com os médicos da empresa. Todas as minhas saídas médicas, não eram abonadas, por eu não requerer atestados de trabalho, pois para mim, a empresa não tinha que arcar com os custos de minhas doenças. Apenas para que a Dra. Bajulação saiba e se desejar, hoje possuo um laudo psiquiátrico, emitido em 04 de março de 2009 pela quinta psiquiatra, onde, entre outras palavras refere: *“evolui com muita irritabilidade, tristeza, desânimo, ansiedade..”*. O C.I.D diagnosticado é F41.1 + F32.0. As cópias de receitas médicas que indexei ao processo, são as segundas-vias que acompanham os originais, o que é praxe em qualquer procedimento desse tipo.

⁷³ Eu estava “viajando” de novo...

⁷⁴ Na minha época de Recursos Humanos essa pessoa chamava-se Juiz Classista.

⁷⁵ Trecho extraído da Ata de Audiência

constante em razão de depressão. Também encontramos na gravação feita e transcrita às fls., por exemplo [REDACTED], em conversa mantida com o Sr. [REDACTED], Kleber (sic) e a Sr^a [REDACTED], onde o Sr. [REDACTED] coloca seguinte colocação “acabei de mandar o [REDACTED] embora, porra, será que excluí o cara errado?”. Assim como o Sr. [REDACTED] o reclamante também sofreu com a cobrança exagerada que é robustamente comprovada com o depoimento do Sr. [REDACTED]. Por fim a testemunha da reclamada demonstra total desconhecimento de tudo que acontece na empresa, pois nada tem a esclarecer. Requer pela procedência da ação. Nada mais.”

Após a retórica do Dr. Advogado, começou a falar a Dra. Bajulação: *“Preliminarmente reitera a contradita tendo em vista que no depoimento a testemunha do reclamante afirmou que se sentia perseguido e pensa em entrar com ação de indenização contra a reclamada. Reitera o requerimento de prova pericial pois o reclamante alega sofrer de problemas de saúde por conta do assédio moral. No mérito o depoimento do reclamante não confirmou nenhuma ofensa pessoal por parte do Sr. [REDACTED]; o depoimento da primeira testemunha é temerário pois a mesma sempre insistia sem ser perguntada em ressaltar condutas negativas do Sr. [REDACTED] além de que tal testemunha não indicou especificamente quais teriam sido as ofensas alegadas pelo reclamante. Por fim a segunda testemunha prestou depoimento firme, seguro e*

transparente no sentido de confirmar a tese da reclamada de que o Sr. ██████ nunca proferiu palavras ofensivas ao reclamante e que seu relacionamento com o reclamante se limitava a questões de trabalho ainda que tal pudesse envolver pressões próprias do ambiente de trabalho. No mais reitera sua defesa e sua manifestação sobre a transcrição do CD juntado pelo reclamante que confirma que nenhum diálogo ofensivo ocorreu entre reclamante e Sr. ██████. Espera a procedência. Nada mais.”

Sinceramente, sem comentários. Aliás, um único comentário para aqueles que sofrem de assédio moral. Como exposto na Ata de Audiência, a Dra. Bajulação *“Reitera o requerimento de prova pericial pois o reclamante alega sofrer de problemas de saúde por conta do assédio moral”*, portanto, você que é vítima de assédio, documente-se. Exijam relatórios de seus médicos e busquem provas que fundamentem onexo causal.⁷⁶

Penso hoje como essa pessoa, a Dra. Bajulação atingiu tantos níveis de destaque no setor jurídico. Com argumentos defensivos dessa estirpe, pensamentos sombrios me atingem o cérebro agora... Vale ressaltar que

⁷⁶ Esses argumentos da Dra. Bajulação me enchem de ânimo agora para pleitear novos direitos junto a Justiça do Trabalho, como por exemplo a reintegração ao emprego. Devo provar, e já busco meios para isso, que meu problema de saúde se deu única e exclusivamente em razões do trabalho. Sem demagogias, aqui devo agradecer a Dra. Bajulação pela ajuda.

enquanto falava à pessoa que digitava, em dado momento pediu a Meritíssima se podia ir até a presença dessa pessoa. A Meritíssima concedeu e ela, desfilando pela sala foi quase ao ouvido da pobre mulher e narrou o escrito acima.

Enquanto a audiência se encaminhava para o término, onde aguardávamos a feitura da ata para assinaturas a Dra. Bajulação deu sua última “cartada”. Do nada, com voz quase cantarolando e olhando para a Meritíssima, com cara de sonsa, perguntou se não a conhecia e de onde ela provinha academicamente. Como a Dra. Bajulação além de representar a empresa fora diretora de uma Faculdade de Direito, em São Bernardo do Campo, ela usava desse artifício para demonstrar “coleguismo”. A Meritíssima respondeu dizendo que tinha se graduado na tal faculdade. Desse momento em diante, a bajulação foi até constrangedora para a própria Juíza. A Dra. Bajulação rasgou-se em elogios para a Meritíssima, dizendo que orgulhava-se da Justiça estar tão bem representada por pessoas como ela, que a audiência havia sido executada de forma brilhante, talvez até uma das melhores que ela já tinha participado haja vista a seriedade e gravidade da causa. Foi ridícula a atuação da Dra. Bajulação. Todos, talvez exceto ela, perceberam a tentativa de “compra” da Meritíssima Juíza⁷⁷.

⁷⁷ É inegável a ética e o comportamento justo da Meritíssima Juíza. De fato ela exerceu com maestria e

sabedoria o seu papel. Demonstrou interesse, foi simpática com todos e não se deixou influenciar por nada, senão os depoimentos e provas do processo. Eu estava bastante satisfeito com a conduta da Meritíssima e me maravilhei com a condução da audiência, de forma imaculada. Essa admiração ao que parece envolveu a todos que estavam na sala, mas isso não foi motivo para agir como a Dra. Bajulação agiu. O fato é que a Meritíssima foi 100% justa na sala, em presença de todos, e também na nossa ausência, quando de sua decisão quanto ao processo. Transcreverei o parecer que a Meritíssima se refere à licitude da gravação clandestina, da qual tão insistentemente fui acusado.

“Licitude da Gravação Clandestina

Gravação clandestina é a captação e gravação de conversa pessoal, ambiental ou telefônica, e se dá simultaneamente a realização da conversa, sendo realizada por um de seus interlocutores ou por terceira pessoa, com seu conhecimento. A princípio, a gravação clandestina, por afrontar a inviolabilidade da intimidade e da vida privada, não é admitida como prova, porém, tal afirmação comporta exceções. Em casos de legítima defesa de direitos fundamentais, o direito a privacidade pode ceder ante a necessidade de tutelar outro direito fundamental, já que são relativos, devendo o juízo se utilizar da técnica da ponderação quando dois direitos fundamentais entram em choque, tal como no caso exposto nestes autos, em que há alegação de violação ao direito a dignidade humana do reclamante, que esse pretende demonstrar com a utilização de gravação sub-reptícia de conversa, violando-se o direito a privacidade dos demais interlocutores. No caso em questão, se afigura possível a validação da prova apresentada, posto que a Constituição Federal não se presta a proteger condutas ilícitas e contrárias aos direitos em si mesma garantidos, implementado-se a convalidação em razão da legítima defesa de direito fundamental que se pretende com a utilização da prova. Assim,

Findou-se a audiência. Ela durou mais de duas horas e as outras pessoas que aguardavam a vez, olharam-nos com uma certa raiva pela demora. Assinamos a ata e nos despedimos. Dei a mão ao Rato e ele, assim como o energúmeno olhou para o chão enquanto meus olhos “fritavam” a sua retina. Estava contaminado pelo vírus energúmeno... Essa audiência, em termos de desgaste emocional, frustração, nojo, hipocrisia, mendacidade foi de longe a pior. O Rato Marquês havia prostituído sua alma para a manutenção de seu labor⁷⁸...

abstratamente, é possível a admissão da gravação clandestina apresentada como prova. No entanto, verificando o conteúdo das gravações nota-se que as conversas gravadas não se prestam a demonstrar o assédio moral alegado, tratando-se de conversas paralelas aos fatos e, portanto, não consistentes o suficiente para que se possa considerar realizadas em legítima defesa de direitos fundamentais. Assim, declaro a ilicitude das Gravações Clandestinas acostadas a estes autos como prova, devendo seu conteúdo ser desconsiderado no que se refere à formação de convicção deste juízo”.

⁷⁸ Escrevi esse artigo na época da faculdade e dei o nome de “A Prostituição da alma para a Manutenção de seu Labor”. Vejamos:

O mundo não se desenvolve sem o capitalismo. Vivemos a triste ilusão de um mundo sem fronteiras e com isso logramos nosso ego, dizendo a ele que somos homens modernos, com uma cultura civilizada, pois somos detentores de um profundo conhecimento, de uma tecnologia que gera máquinas para o nosso melhor “progresso” e que, de certa forma, julgamos dominá-las. No entanto não nos damos o luxo de questionar sobre o

que seja esse conhecer, esse modo de inter-ação entre máquina-homem-capital, referência do homem do século XX. Sabemos que conhecemos (não necessariamente o conhecer da função do capitalismo e da modernização-mecanizada) mas não conhecemos as causas de nosso saber e com isso estamos sempre acreditando e dogmatizando novos saberes que a cada dia nos sugestionam a tomada de decisões e ações. Com a globalização, o capitalismo e a era tecnológica, o homem aos poucos vai sendo dispensado das grandes indústrias pois não há mais espaço para o seu serviço braçal, embora toda a estrutura que o cerca tenha surgido de sua força física. Nessa guerra caótica que envolve o homem, principal vítima de seu próprio progresso, surgem fatos a serem considerados como: - a angústia do homem-empregado ao ser excluído do sistema (capitalista), - a invalidez temporária ou permanente desse homem-empregado, seguindo a tradição do sistema (capitalista), pois que aquele que hoje, século XX, não possui um vínculo empregatício com o setor público ou privado, pelas leis frias do capital é considerado um inválido. A própria instituição governamental que deveria dar condições de sustento a esses cidadãos, hoje chamada Previdência Social, que em realidade não age como o seu nome nos sugere pois que, - previdência - , deriva-se de pré-ver, uma certa pré-evidência de fatos que poderiam dar tranquilidade àqueles que sustentam a dita repartição do governo (os proletários), quando em verdade, distorcem todo o conceito de seu significado. Assim é comum vermos homens, brasileiros, com uma carta na mão atestando o seu estado de inválido pois que em nosso país aquele que não produz bens que geram retorno monetário é assim considerado. - O desvio comportamental do excluído, que aqui poderíamos definir como o surgimento de mais uma personagem conceitual em nossa existência - o desempregado. (Por vezes caio em dúvida se devo proceder e insistir tanto nesses assuntos laborativos, pois não sei se isso é de interesse da filosofia - a crítica a tal área - . Penso que sim pois ao

meu ver, questões relacionadas a sobre-vivência do homem são as principais responsáveis por sua degradação, e também por ser uma questão que envolve toda a banalidade do ser, portanto, devo de quando em quando, lançar todas essas críticas para que um dia possam ser analisadas e discutidas sob o contexto que hoje vivo - a era tecnológica). Essa personagem conceitual - o desempregado - revela a de-cadência do ser em toda a sua plenitude. Somos lançados-no-mundo buscando a razão de nossa abertura a esse mundo e de repente, - o desempregado - perde todo o seu vínculo, as razões que segundo ele, justificam o seu existir. Enclausura-se no âmago de seu ser e restringe-se apenas em pensar através de um conceito pré-existente sobre o que seja a de-cadência humana e assim isola-se de seus con-cidadãos muitas vezes fazendo-se passar por vítima de um sistema medíocre quando em verdade ele próprio contribuiu anos e anos para a expansão desse mesmo sistema. O fato é lamentável e revela parte do - que é o homem? - hoje tão discutido em universidades e círculo filosóficos espalhados pelo globo. O homem é escravo de suas ambições. Uma vítima de sua própria criação lutando (na condição de - o desempregado) com todas as suas forças para manter-se exposto-no-mundo. Tenta em vão adquirir dignidade, honra e tudo isso que o senso-comum classifica de virtudes, porém todas as suas virtudes ficaram retidas em alguma organização da qual subordinou-se por quase toda a sua existência. Esse fato é extremamente importante de ser analisado e re-visado por quantas vezes forem necessárias. A enclausura do ser, pode estar co-relacionada a vínculos laborativos-monetários. Esse sistema sombrio que ronda a existência humana é um grande transformador das questões geográficas do planeta e também das questões emocionais provindas de um desgaste mental. Se por um lado o sistema laborativo causa danos aos que dele se excluem, por outro, o dano causado aos que ainda se aventuram nas águas revoltas desse sistema capitalista também se faz imanente às causas, ou seja, aqueles que ainda se

mantém em seus empregos, em seus postos de exploração vêem-se na obrigação de suprir a falta do companheiro excluído e assim entregam toda a sua existência a essa máquina aniquiladora, deus monoteísta do homem moderno que exige almas em seu sacrifício - o deus capital. Esses que mantêm-se no sistema laborativo capitalista, aceitam toda uma série de imposições, de cobranças sociais, fatos, exigências de toda espécie para a manutenção de seu labor gerando assim situações de ridicularidade, pois estranhamente modificam sua atitude mental e adotam a postura de uma "personagem conceitual", alguém que o identifique na sua frenética corrida pelo capital. A aquisição de uma personalidade que aja em função de um conceito deixa o homem perturbado, sem personalidade própria. Transforma-se num objeto, uma peça apenas de um jogo sujo e ambicioso em que uma minoria mandatária escraviza e monopoliza essas pobres almas. O homem passa então a prostituir-se vendendo seu corpo, seu pensamento e seu modo de agir a terceiros que apenas querem que produza resultados. O homem moderno é um construtor quantitativo, para ele tudo deve ser representado por números que possam trazer como resultado, outros números, novas possibilidades e toda a existência pelos números. E há nesse contexto, seus paradoxos como por exemplo - quando o número for revertido ao deus capital deverá ser extremamente grande, exagerado, potência máxima de seu limite - a isso chamam de lucro. Quando porém os números vêm do deus capital, (o que poderíamos chamar de graças), as graças que ele nos proporciona é sempre menor do que os louvores que rendemos. Numa situação corriqueira, como numa empresa, a obsessão pelos números é tão grande que todos os homens que nesses locais labutam são apenas representações de quantidades em números. Perdeu-se com o decorrer do processo industrial, a identidade, a personalidade humana pois agora o homem a vende na forma-de-prostituir-se. É comum então vermos nas grandes empresas os funcionários serem tratados na prática

como números. Temos em grandes organizações um número de registro, uma matrícula que identifique seus funcionários. Onde antes existia um ser humano chamado José, hoje existe um número que poderá ser substituído e eternizado dentro dessas organizações. Mesmo aqueles que conseguiram uma melhor posição, um cargo que represente superioridade perante os outros, não passa de um número dentro dessas organizações. Na contagem de seus funcionários as empresas jamais utilizam um organograma em que apareçam os nomes de seus colaboradores. O que vemos é sempre a indicação de números que ocupam determinados cargos. Ao invés de termos a indicação de fulano - presidente, beltrano - ajudante ou ciclano vendedor, temos - presidente = 01, ajudante = 60 (além de beltrano ser um número ele não tem nem ao menos o privilégio de saber que posição ocupa entre os 60 ajudantes) vendedores = 10 e assim prosseguindo até os mais baixos cargos (baixos cargos sob a ótica dos administradores de empresas pois para mim, enquanto ser-e-filósofo, todos os cargos são de igual importância, aliás a bem da verdade, meu sincero desejo seria aniquilar essa estrutura trabalhista medíocre que o homem atual se subordina). Nota-se que independente da posição ocupada, o ato de prostituir-se se faz presente em todos os homens que fazem do capital seu único sentido de vida. A prostituição da alma para a manutenção do labor consiste portanto nessa "venda" de caráter, personalidade e do próprio corpo ao chamado capitalismo. Vê-se, num processo de de-cadência, o homem limitando seu pensar, negando-se a seguir outros caminhos por ser escravo do dinheiro que o compra. O atual homem é pago para calar-se e agir pela vontade de quem o sustenta. Temos, nesse lamentável quadro as várias formas de prostituição: - é comum encontrarmos mães que abandonam seus filhos aos cuidados de terceiros (também prostitutas da alma) pondo o capital e seus reflexos em primeiro plano, homens que em seu lar são tidos como homens duros, sem temor algum e que diante daqueles que o

sustentam adquirem uma postura, um modo de agir totalmente adverso daquele quando longe do trabalho. Esses mesmos que atacam as verdadeiras prostitutas o fazem de modo inconsciente, pois assim agindo tentam curar suas feridas por saberem que são idênticos à elas. O fazem de maneira a transferir responsabilidades, culpas, remorsos, pois essa sociedade que me desgasta com tantos infortúnios rotula sempre uma categoria para arcar com os seus dissabores morais e éticos. Há sempre um determinado grupo que represente determinada categoria que servirá de exemplo de má conduta, de atitudes imorais perante essa hipócrita sociedade que se ofusca pelos próprios argumentos. O homem haverá sempre de transferir suas culpas, pois considera-se apenas vítima do mundo, dependendo desse sistema para que possa dar continuidade à sua existência. Apenas como exemplo de transferência de responsabilidades citarei um caso, provindo de experiência própria: Certa feita encontrava-me em discussão sobre sociedade com um meu amigo e disse a este sobre a minha insatisfação com a sociedade, seus meios e seus fins, e a de-cadência humana pelo dinheiro. A resposta que obtive desse amigo, para minha surpresa foi a seguinte: “É fácil resolver o seu problema. Mude-se para o Amazonas. Vá viver numa comunidade indígena em meio a floresta amazônica que lá, certamente, você não precisará de dinheiro”. Refleti alguns segundos e tornei a ele dizendo que meu problema não era com os índios, pois estes já estavam civilizados, mas sim com o homem-máquina. Ilustro essa passagem apenas para que se possa perceber a morbidez do ser humano quando ameaçamos mexer em suas tradições. Para o referido amigo do exemplo, mais fácil seria eliminar do meio ao qual está inserido, aquele que questiona seu modo-de-ser-no-mundo. Mais prático para ele é manter-se na inércia, na aceitação e no comodismo do seu medíocre-modo-de-existir-e-ser-no-mundo do que parar por alguns instantes em sua curta vida para pensar sobre o sentido de sua existência, aliás

Mas tudo isso serviu de fundamento para um novo artigo que elaborei e lancei no “*Famélicos da Terra*” e o reproduzo agora:

Quanto Vale Um Caráter? Ou Suicídio Laboral – Parte II

A insistência num assunto, por vezes, vale mais no sentido de alerta, do que no interesse gerado pelo próprio-assunto....

E, pensando apenas em alertar, apresento a parte II do Suicídio Laboral, onde, no transcurso dos fatos, a descoberta de um caráter se faz presente...

Embora quando submetido à ditadura do gerente-energúmeno, houvesse um sem-número de apoiadores e simpatizantes das atitudes do suicida, e, mesmo no ato da ruptura laboral esses mesmos apoiadores se apresentaram como amigos prontos para qualquer situação, oferecendo suas palavras, seus braços e todos os esforços imaginários ao suicida, na prática, no dia-a-dia, na hora da verdade, a realidade é aquela já esperada.

Confiar nas pessoas tornou-se hoje em dia um ato de coragem.

O suicida, após a abertura de processo judicial contra o energúmeno, necessitou de “amigos”

o que os índios poderiam lhe proporcionar de valor para a continuidade de seu prostituir-se?

para o testemunho daquilo que presenciaram e viveram na pele. Não obstante os já “sacrificados” pelo energúmeno (através de suas rescisões contratuais) terem recuados, tais quais cães vadios quando vêem a vassoura mirando-lhes as ancas, os ainda ativos, que tanto agitaram, disseram “não agüentar mais”, que buscavam por outros empregos, esses foram piores que os cães. Ratos imundos! Ladrões de si mesmos.... de suas almas! Mercenários vis ou como dizia o Henfil “*cambuta de fedapada*”...

Paremos com as generalizações....

Eis que me refiro a um único rato, um verme talvez... Vamos dar um estatus, um título de nobreza ao nosso rato, para que ele se vanglorie e mantenha-se na sua pose de saber. Promovamo-no ao título nobiliárquico de Marquês, que do latim tardio *markense* significa ‘governador de marca’ (marca = fronteira) e tal qual os cães o nosso nobre verme necessita marcar seu território, talvez até, urinando coxa abaixo...

É possível a mendacidade diante de um tribunal?

Pois saibam que sim... Mesmo jurado de multa e prisão no isolamento da verdade o rato-nobre mentiu, omitiu, modificou.... Ele, que semanas antes almoçou com o suicida e palestrou tão bem sobre a verdade, a espiritualidade, a humildade.... Logo ele, que se diz homem de caráter, exemplo para tantos.... Único defeito era realçar absurdamente aquilo que era seu, ao passo que aquilo que era alheio, tinha um “quê” a menos, mesmo sendo mesmo modelo,

ano, cor, as suas coisas sempre foram melhores, mas até aí que mal há? Aquele que diz fazer o bem e em forma de juramento utiliza-se da mentira para a manutenção de seu título é no mínimo um sem-caráter. Um menino perdido no mundo dos adultos, querendo ser homem a todo custo... Faz birra, chora, fica vermelho e sua inundando a testa.

O Marquês, rato-nobre, na defesa de seu território foi xingado, humilhado, rejeitado, exposto as mais diversas situações vexatórias e ainda assim, diante da Excelência não viu nada?

Ou ele:

– Está tão desnorreado quanto o suicida e isso é grave, requer Sertralina e Venlafaxina, além de tratamento intensivo urgente, que inibiu as sinapses de seus neurônios,

- Foi tão humilhado a ponto dessa humilhação causar marcas profundas e gerar um medo absolutamente incontido,

- Foi comprado ao custo do cargo de conde-duque,

- é simplesmente um cagão.

O suicida aposta nas duas últimas hipóteses....

Parabéns ao verme, que, contaminado pelo energúmeno, já anda de olhos fixos pelo chão....

O Suicida, antes do disparo fatal, sentenciou à omissa Gerente de Recursos Humanos que tinha que dar exemplo ao seu filho e por isso, aniquilava-se diante de tudo. Fica aí o recado... Em geral, os ratos têm ninhadas.... Pense em

sua ninhada Marquês-rato e tenha a decência de fazê-los homens. A sociedade agradece. Enquanto o suicida repousa em paz em seu travesseiro, o Rato Marquês tem sua consciência roída por seus próprios dentes...

Conhecendo o Rato Marquês, agora melhor do que *NUNCA*, certo é que dirá aos seus amigos (ele tem um amigo para tudo) que um camarada dele escreveu um livro em sua homenagem. Incrível a capacidade de distorção da realidade⁷⁹. Vale ainda ressaltar o papel de leva e traz desse cidadão, vulgo X-9, alcagüete, mas não vou mais perder meu tempo. Lugar de rato é no lixo!

⁷⁹ Seria um exímio físico com essa capacidade de distorção.

A punição cabe ao juiz. A repreensão a todos.

Miguel de Cervantes

Condenação

Em primeira instância a empresa foi condenada e o valor da indenização foi muito pouco se considerado o meu salário nominal da época. O valor líquido foi inferior a cinco salários nominais, ou seja, praticamente, a empresa foi condenada a me pagar cinco meses de salário. Fiquei decepcionado, pois analisando os meus antecedentes, mesmo nos momentos de maior surto psíquico, pela razão, pela lógica e pelo bom senso, concluímos que eu deveria estar empregado até hoje, quase um ano após, se não tivesse tido a ousadia de “suicidar” minha vida profissional. Meus pares profissionais lá estão trabalhando até o dia de hoje. Como a empresa recorreu da decisão da Meritíssima eu e o Dr. Advogado também recorreremos pleiteando uma maior soma indenizatória. Em nosso entendimento, como de alguns especialistas no assunto, o valor da indenização deveria ser no mínimo, proporcional ao tempo do assédio, com base no salário nominal e não no salário mínimo como é comum a sentença condenatória na maioria dos processos.

No meu caso, esse mínimo corresponderia a aproximadamente cinquenta salários nominais,

haja vista o espetáculo do energúmeno ter sido apresentado por todo esse tempo e isso refutando-se as possibilidades de preservação do emprego no futuro.

Mesmo que a Meritíssima acate ao nosso pedido, ainda assim não o considero justo. Defendo um cálculo onde se inclua o parecer do histórico profissional do assediado *versus* o tempo de trabalho na empresa *versus* o salário nominal *versus* a idade da vítima *versus* os danos proporcionados a saúde física e mental. Além disso, deve-se levar em conta o tempo de trabalho para fins de aposentadoria e cito como exemplo o Leão, cuja dedicação a empresa resultou em vinte e oito anos.

Eu gostaria muito que algum juiz lesse esse livro ou ao menos a rogativa que se segue⁸⁰.

Excelentíssimos Senhores Juízes do Trabalho, quando de suas execuções, a serviço do bem e da justiça, avaliem, no mínimo, os fatores que apresentei, ou seja, histórico profissional, tempo de trabalho, salário nominal, idade, danos provocados a saúde física e mental e perspectiva de tempo para a aposentadoria. No meu caso, aniquilei vinte anos de trabalho e asseguro não haver uma única ocorrência

⁸⁰ Não medirei esforços para encaminhar alguns exemplares aos fóruns trabalhistas. Diferentemente da Dra. Bajulação, isso não se apresenta como uma quase-tentativa de suborno, haja vista meu processo já ter sido julgado em primeira instância.

nesses vinte anos que me desabone. Não foi por vaidade, por egocentrismo, por buscar novas oportunidades de trabalho ou para escrever um livro que abdiquei de vinte anos. Só mesmo algo muito grave pode ter acontecido para essa tomada de decisão. Penso nos milhares de trabalhadores que passam pela mesma situação, a grande maioria ainda vítimas de trogloditas feito o gerente energúmeno e outros já entregues, já tendo consumado seus atos de suicídio. Insisto na palavra suicídio. É uma alegoria que reflete bem o estado final do assediado. Os traumas pós-demissão são horríveis, profundos. A reposição no mercado de trabalho leva tempo e em alguns casos, como o meu, a recusa por um novo emprego é do próprio assediado. Para o assediado é preferível viver na linha da pobreza, na base dos “bicos” do que ter que passar novamente por uma situação similar a essa. Mesmo decorrido um ano, jamais fui em busca de outra oportunidade de trabalho. Jamais fiz um *curriculum vitae*. Mesmo numa situação financeira precária, ainda assim recuso-me em buscar nova oportunidade e afora a miséria, que tornou-se minha vizinha, ainda há críticas vindas de todas as direções, seja da família, de colegas, de outros profissionais da mesma categoria. Quando optamos pelo suicídio Excelentíssimos, dado o estado deplorável de nossa condição mental, não raciocinamos sobre nossos compromissos diários. Apenas para exemplificar eu pedi que me demitissem aos trinta e sete anos de idade, sem curso superior completo, praticamente

sem fundo de garantia, pois havia retirado para pagamento parcial de minha casa, permanecendo um saldo de doze anos de prestações, além de uma dívida de quase cinco anos de um veículo, meu único luxo. Penso que a ruptura da rotina trabalhista tão abrupta quanto foi a minha, deveria ser melhor compensada em termos de finanças, pois o assediado, vítima de um câncer invisível leva muito mais tempo para a sua recuperação. É um ciclo vicioso. Também deve se considerar que mesmo demitido, como foi o meu caso, tive que dispor de recursos próprios para tratamento pois esmola que recebi de convênio médico da empresa durou apenas três meses. Cada ida ao psiquiatra gira em torno de quarenta e cinco dias. O meu caso Excelências já passou e talvez não haja mais recursos para reverter a soma monetária, embora ainda insistamos nos recursos. A mensagem fica para as próximas vítimas que deverão ser analisadas por Suas Excelências. Peço que não os abandonem. Por mais que tentem sentir a dor das vítimas, jamais saberão, salvo se encontrarem algum energúmeno pela frente, o que é passar vinte e quatro horas a sós com a sua consciência transtornada. Sejam justos não só na condenação e na firmeza de caráter⁸¹, como foi a Meritíssima que julgou o

⁸¹ Firmeza de caráter tal qual a Meritíssima julgadora de meu processo. Não conheço as razões que originou essa decisão, mas tudo aponta que a Dra. Bajulação novamente tentou subestimar a representação da

meu processo e condenou a empresa, mas também no valor da indenização ao assediado.

Excelência, com seus argumentos infundados, pedantes e sem nexos. Eis a transcrição que, a meu modo simples de entender as coisas, demonstra profunda retidão de caráter e de justiça.

“Conheço dos embargos declaratórios porquanto tempestivos. No que diz respeito aos embargos interpostos por [REDACTED], razão não lhe assiste. Não houve qualquer omissão no julgamento, ainda que não da forma esperada pelo embargante. O que se verifica é a tentativa do embargante de modificar o julgado, com exposição de argumentos atinentes ao mérito, que fogem às estreitas possibilidades do meio processual do qual se utilizou, qual seja, os embargos declaratórios. Vale ser lembrado que o juiz, ao expor os motivos que o levaram a decidir desta ou daquela maneira, não está subordinado a fazê-lo como quem responde a um questionário jurídico; mas, sim, fundamentadamente, o que foi feito. O julgador não está obrigado a responder a todos os questionamentos formulados pelas partes, competindo-lhe, apenas, indicar a fundamentação adequada ao deslinde da controvérsia, observadas as peculiaridades do caso concreto, como ocorreu no caso em exame, não havendo qualquer omissão da sentença. Ressalte-se ainda que a fundamentação é bastante clara ao afirmar que provado o ato ilícito o dano é presumido e independe de prova técnica, vez que o dano decorre dos fatos narrados e não estão sujeitos a maior ou menor suscetibilidade do ofendido. Assim, evidente a utilização dos presentes embargos unicamente para atacar o mérito da demanda, não sendo este o meio adequado. Ante todo o exposto, decido conhecer dos embargos declaratórios oferecidos por [REDACTED] e rejeitá-los, observados os parâmetros da fundamentação, que faz parte integrante deste dispositivo”.

É certo que grande parte dessa indenização se reverterá apenas para a sua restauração.

O verme se enconcha quando é chutado. Essa é a sua astúcia. Ele diminui com isso a possibilidade de ser novamente chutado.

Friedrich Nietzsche

Infeliz Ano Novo!

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]
Enviada em: quinta-feira, 10 de dezembro de 2009 12:41
Para: [REDACTED]; (*energúmeno*)
 [REDACTED] (*primeira-dama*)
Assunto: [REDACTED]

[REDACTED], (*Energúmeno*),

Desejo um péssimo ano de 2010 para você e sua secretária, que incapaz de diferenciar uma bola de um quadrado, mantêm-se empregada pelas razões que todos sabemos,,,

Que a dor, a angústia e a aproximação da insanidade se façam presentes,

Que se reverta o abuso de poder, que, Deus te dando a oportunidade, você não soube usufruir,

Que a humilhação se estampe em seu rosto,

Que seus amigos virem às costas para ti no momento em que mais precisar,

Que a solidão e o desespero te encerrem,

Que seja seu dinheiro revertido em gastos psiquiátricos e que tua vida seja destruída...

■, (*primeira-dama*)

O mesmo para você, acrescentando apenas que as calúnias que você levantou/levanta contra as pessoas, possam despontar na verdade e que essa verdade venha a tona! Sua função é apenas acusar, mas lembre-se que muitos também te acusam de faltas gravíssimas....

Que sejam os dias de 2010, tão angustiantes e opressores, como foi ■⁸².

E que todas as pessoas que tanto você quanto o seu ■ gerente prejudicou nesses anos, recebam a luz, a paz de espírito e a lucidez que vocês, em meio a calúnias, humilhações usurparam.

Em latim, “duas vezes ■”⁸³....

⁸² Os que leram na íntegra, desvinculados da empresa e não conhecendo as personagens, disseram que eu “peguei pesado” nessa passagem. Relendo, acabei descobrindo que a frase mostrava-se ambígua e, tenho certeza de que tanto ele como ela interpretaram a parte da ambigüidade que por mim passou despercebida. O fato é que devem ter ficado muito preocupados com essa interpretação.

E que se acabe de vez, em 2010 esse teatro patético de ambos.

Me resguardo de retaliações.

Deus me perdoe por isso, mas é o que sinto e que desejo,

Cheio de ódio,

Cleber

⁸³ Duvido de que tenham entendido essa frase que utilizada em latim forma um terceiro nome. Talvez a Dra. Bajulação tenha feito a descoberta de sua vida.

Alguns dos que leram esse e-mail chamaram-me de louco e eu concordei que estava mesmo a um passo da loucura.

Quando chega essa época do ano (dezembro), um mal-estar me percorre as vísceras, pois se vê a falsidade e a hipocrisia de mãos dadas aonde quer que você vá. Como sou muito sincero em tudo o que faço em minha vida, aproveitei a ocasião e enviei meus votos de infelicidade em 2010 para o energúmeno e a primeira-dama, pois era o que sentia naquele momento, mesmo tendo decorridos nove meses de meu desligamento. Nesses nove meses gerei meu ódio em minhas vísceras, alimentando-o de ansiedade, dor, raiva, angústia, depressão, mágoa, revolta, e o pari pela boca nesse dia e o resultado foi esse. Se eu sinto muito? Nem um pouco. Fui vítima por quatro ou cinco anos desse imbecil e o que eu havia feito até agora era nada se comparado ao que ele fizera para mim. Desejei essas coisas para eles apenas para 2010 apenas... passa rápido!

Soube, que houve um dia nesse mês de dezembro que a primeira-dama trancou-se com o energúmeno na sala dele e fez um escândalo chorando. O setor todo assistiu a cena⁸⁴ e não entendeu nada do que acontecia. Creio que até hoje não sabem das razões...

⁸⁴ Menos o Rato Marquês, que nunca vê nada.

O mais cômico nessa história é que o energúmeno enviou esse e-mail, provavelmente à Gerente-Covarde e essa à Dra. Bajulação, pois soube, através do Dr. Advogado que esse e-mail foi encaminhado à Justiça do Trabalho para ser incluso no processo, não sei sobre qual alegação. Isso só demonstra o despreparo tanto da empresa como de sua assessoria jurídica, pois qualquer estagiário na área de direito é capaz de perceber que esse documento fundamenta ainda mais as ofensas e humilhações que recebi, pois é notório que todo o desejado, em verdade, nada mais é, passo a passo, aquilo que tanto sofri⁸⁵. Só desejei a eles o que recebi deles na empresa.

O Dr. Advogado fez um procedimento jurídico pedindo a retirada do documento, haja vista, não ter nada a ver com o processo propriamente dito, sendo apenas uma questão pessoal minha e deles. Pedi que mantivesse o arquivo pois seria mais uma prova fundamentando as minhas denúncias e não sei qual foi a atitude do Dr. Advogado⁸⁶.

O fato é que o energúmeno, superprotetor da primeira-dama e tendo a demasiada necessidade de demonstrar os seus “super-

⁸⁵ Mais um “tiro no pé” dado pelo energúmeno.

⁸⁶ O Dr. Advogado por ser muito competente tem uma carga excessiva de trabalho e não gosto de importuná-lo com o fútil. Certo é que em algum momento os trâmites sobre esse documento estarão disponíveis virtualmente através do site da Justiça do Trabalho.

poderes” e a sua “masculinidade” diante do seu objeto de proteção, fez questão de enviar o e-mail a Gerente Covarde, para assim provar, apenas para ela, a primeira-dama, o quanto era “gerente”. Se usasse parte de seu cérebro para o raciocínio lógico, veria que além da exposição de seu nome e da primeira-dama a cúpula da empresa⁸⁷, o documento em nada o ajudava. Mas a sua bestialidade não permitiu a lucidez de raciocínio. Que seja assim!

⁸⁷ Embora a empresa inteira soubesse. É muito estranho o energúmeno num cargo de gerente, dentre tantos que há naquela empresa, ser o único a ter uma secretária à sua disposição. Bem verdade é que houve uma manobra administrativa e a nomenclatura do cargo da primeira-dama foi alterada através de uma promoção, mas as atividades dela, no dia-a-dia são a de uma secretária, tanto é verdade, que todos os anos, no dia 30 de setembro ela recebe um lindo *bouquet* de flores, além de outros agrados. Daí, nota-se também o quão é atuante a área de Recursos Humanos, que não sabem nem das descrições de cargos elaboradas por eles mesmos. Essa é a Gestão da Gerente Covarde.

Se queres ter vitórias, prepare-se para as lutas!

João Pereira

Denúncias – A Luta Continua!

O que mais incomoda ao assediado é a falta de horizontes para buscar refúgio e ajuda. No meu caso, a falta de punição ao energúmeno e a gerente covarde, a omissão e o silêncio da empresa me causam um incômodo e um mal estar de difícil explicação.

Ao contrário de muitos, eu sempre vou até as últimas conseqüências em meus objetivos e como estímulo aos possíveis assediados que lêem esse trabalho fica aqui o meu exemplo de persistência. Não desistam jamais!

Embora haja uma decepção no que tange as ações das autoridades competentes, devido a morosidade até mesmo em responder a uma simples indagação através de e-mail, ainda assim, insistam. Busquem respostas! Temos o direito de sermos atendidos quando a lei nos favorece.

Para que saibam e lutem por seus direitos, eis alguns dos órgãos dos quais encaminhei denúncia ou pedido de esclarecimentos.

- Ministério Público do Trabalho, denúncia através do site www.mpt.gov.br⁸⁸ (há um link na página específico para denúncias).
- Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão e-mail – pfdc@mpf.gov.br
- Comissão de Ética Pública e-mail etica@planalto.gov.br
- Procuradoria Geral da República - Secretaria de Recursos Humanos e-mail srh001@mpf.gov.br
- Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça Cíveis (Coordenação da Área de Direitos Humanos) e-mail – dh@mp.sp.gov.br
- Ouvidoria Geral da Cidadania – Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República e-mail – ouvidoria@sedh.gov.br
- Secretaria Especial dos Direitos Humanos e-mail – direitoshumanos@sedh.gov.br
- Organização Internacional do Trabalho (Brasil) e-mail brasilia@oitbrasil.org.br

⁸⁸ Além da denúncia de assédio moral, também encaminhei denúncia a respeito de horas extras. Como já devo ter relatado a empresa dispunha de um banco de horas ilegal e não raras as vezes éramos obrigados a trabalhar sem marcar ponto para não atingir o “gatilho” de 70 horas.

- Organização Internacional do Trabalho (França) e-mail pubvente@ilo.org, infonorm@ilo.org

Além de encaminhar o artigo “Suicídio Laboral” a várias organizações não governamentais, sites que defendem o combate ao assédio moral, emissoras de rádio e também para alguns jornais da região.

Com todos esses contatos, o que mais causa tristeza⁸⁹ é saber que as respostas que primeiro vieram foram aquelas de fora do país, da França (O.I.T). Houve casos, no Brasil, que até esse momento em que escrevo, não obtive retorno. Silêncio ensurdecador e absoluto das autoridades. Ainda que o assunto não seja da alçada de determinado órgão público, ainda assim o cidadão tem direito a respostas.

Há pessoas que criticam aqueles, ditos, xenófilos, que põem o seu país em segundo plano e admira, imita e idolatra um outro país. Longe de mim os sentimentos de xenofilia, mas, infelizmente, tenho que confessar que obtive muito mais atenção, quase que, prontamente, das entidades francesas do que

⁸⁹ Essa tristeza origina-se pelo fato de a grande maioria dos sites e entidades que tratam do assunto – assédio moral – pedirem para nós, as vítimas, denunciarmos. Se não houver persistência da vítima, ela desiste na segunda ou terceira tentativa de contato. Houve casos de órgãos públicos que enviei quatro vezes a mesma mensagem cobrando respostas.

das brasileiras, salvo os executivos da sede da empresa na França que logo veremos.

Se você quer ser bem sucedido, precisa ter dedicação total, buscar seu último limite e dar o melhor de si.

Ayrton Senna

Rompendo Fronteiras

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]

Enviada em: terça-feira, 26 de janeiro de 2010 11:44

Para: [REDACTED] (*Vice-Presidente Mundial de Recursos Humanos*)⁹⁰

Assunto: Denúncia - [REDACTED]

Prezado Senhor [REDACTED], (*vice-Presidente Mundial de Recursos Humanos*)

Meu nome é Cleber Donizeti Martins e fui funcionário da [REDACTED], aqui no Brasil, por mais de 10 anos.

Tenho algumas denúncias a fazer, no que tange a área de Recursos Humanos, porém não escrevo em inglês, tampouco em francês.

Favor informar se posso escrever em português para sua compreensão ou em última hipótese, escrevo em espanhol, que conheço um pouco.

⁹⁰ Há um site www.123people.com onde se encontra facilmente informações sobre pessoas. Encontrei o e-mail do Sr. Vice-Presidente e do C.E.O nesse site.

Obrigado

-----Mensagem original-----

De: [REDACTED] (Vice-
Presidente Mundial de Recursos Humanos)
Enviada em: quarta-feira, 27 de janeiro de 2010 08:26
Para: cleber.martins71@bol.com.br
Assunto: RE: Denúncia - [REDACTED]
[REDACTED]

Estimado Señor Cleber,

Gracias para su mensaje. No entendemos el portugués, pero podemos leer el español.

Podría Usted informarnos sobre los elementos que desea hablar?

Gracias,
Saludos cordiales.

[REDACTED]

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]
Enviada em: quinta-feira, 28 de janeiro de 2010 11:13
Para: [REDACTED] (Vice-Presidente Mundial de Recursos Humanos)
Assunto: RES: Denúncia - [REDACTED]
[REDACTED]

Estimado Sr. [REDACTED],

Gracias por el regreso de mi e-mail.

Tengo la sensación de que esta mensaje no trata directamente de sus manos, sino a un grupo de asesores, y, antes de presentar toda la historia que tengo, incluyendo la traducción al español, voy a resumir los hechos para conocer y avaliar si tiene interés en el tema, para que no pierdo mi tiempo, asi como perdió en Brasil, incluyendo la redacción del **Sr. [REDACTED], director general**

La denuncia que quiero exponer se refiere a mi enfermedad, debido al acoso moral, abuso de poder, favorecimiento, la humillación y la vergüenza, por la postura de un gerente de manufactura, y la cobardía de la Gerente de Recursos Humanos que queria la omission del caso.

Así como la prueba, traduzco un texto publicado en el periódico "Tribuna Metalurgica" y adjunta el formato digital de la revista.

Devo informar também que já ingressei na Justiça do Trabalho e em primeira instância ganhei o processo por danos morais⁹¹.

Si usted está interesado en realidad, informaré a todos los detalles y los nombres de los involucrados. Incluso hoy en día, estas son las humillaciones sufridas por los trabajadores

Mi traducion no es perfecta. Los pido que las dudas em algunas palabras sean apuntadas.

Extraído de
http://www.smabc.org.br/portal/mostra_materia.asp?id=14479

El suicidio de trabajo

Lea la carta enviada a la Unión por un trabajador en la base, que fue derrotado por el suicidio de trabajo y ahora lucha por reconstruirse.

Hay un cierto tiempo leí el testimonio de un ciudadano que relató su angustia, su dolor y sufrimiento a la luz del suicidio de su padre. Informó que la joven que su padre había durante mucho tiempo mostrado signos de que le daría "llega" en su vida y gritando por ayuda

⁹¹ Essa frase eu esqueci de traduzir no original. As traduções foram feitas por tradutor eletrônico.

de una manera subjetiva, de manera que la familia no entendia y que sólo después de quince años después de su muerte, ella comenzó a entenderlo.

Del mismo modo, aunque no tan trágico como el suicidio en sí, el suicidio de trabajo es mucho más común de lo que pensamos. El suicidio de trabajo es por así decir, la muerte funcional, la desesperación, el "tirar para arriba" a los funcionarios que, no obstante lo más presión y opresión de la vida cotidiana en las grandes organizaciones, decidieron poner fin a su carrera profesional.

A mí me pasó

He trabajado durante veinte años en una empresa multinacional y tres o cuatro años que he tenido con la relación laboral, la disminución.

A pesar de que hoy, las empresas del siglo primero se enfrentaron entre sí frenéticamente por los resultados cada vez mayor, cuando la moneda se ha convertido en más capital que el capital humano, todavía hay personas que, envuelto en un pseudo-poder y una demostración estúpida, la supremacía, obstruye el curso natural del proceso, ya que, si no demuestran que el poder, no tienen la alegría de su ego.

En los últimos tres o cuatro años tuve la desgracia de vivir con uno de los que poseen,

además de no saludar a sus subordinados, que tropezó en el pasillo con la mirada fija en el suelo, justo saludo a sus superiores y compañeros los tratan como basura social. Las raras ocasiones en que me miró a los ojos de los menos favorecidos en la nomenclatura de las posiciones. Actitud típica de los cobardes ... Era común los gritos, las humillaciones, la exposición a situaciones absurdas, el nepotismo en la vista de todos, y la recogida de los trabajos en tiempos surreales.

La suma de estos ingredientes combinados con el tiempo y la vida es la receta perfecta para la degradación de la salud emocional, física y mental de los trabajadores. El cuerpo, ese aparato, obtiene los recursos propios para apoyar la dispepsia de estos ingredientes y más interesante es la capacidad del cuerpo para burlar nuestras debilidades. A pesar de vivir con el dolor (dolores de cabeza, estómago y musculares, especialmente los dolores que perjudican nuestro carácter, nuestro orgullo y honor) de ser el día a día, debido a la zona a la que están sujetos, sin embargo, para la responsabilidad o por miedo a perder nuestros trabajos, nos mantenemos firmes en el cumplimiento del deber. Tragar la humillación, las injurias, insultos, explosiones de estos locos y, como ovejas, seguimos a pastar nuestro suelo.

Un día, sin embargo, todas estas manifestaciones de malos tratos del cuerpo se presenta de manera agresiva. La depresión, la

ansiedad y la sensación de que la locura comienza a merodear por los cada vez más estrecha. En la desesperación, tratando de engañar al cuerpo, que a su vez se ha agotado en los intentos de eludir la enfermedad y la sensación de que realmente son una basura social se hace latente. Renunciar a algunos de nuestros más grandes opresor - la responsabilidad - y tratar de relajarse. Creemos que de las vacaciones en unos días y las soluciones de muchos otros demasiado familiar.

Ellos son los primeros indicios, el primer grito silencioso de ayuda. Necesitamos ayuda urgente! Comenzamos a pesar de las esquinas, las conversaciones con los compañeros de estos giran en torno a nuestros problemas, comenzamos a perder más de trabajo para buscar ayuda médica, pero el "mal" aún está activa, el funcionamiento y el cliente. Cada dosis de Valium, diempax, somalium, Lexotan, triptanol y muchos otros recursos que la mayoría de los trabajadores llegó a conocer (antes de tomar sólo como remedios para el tratamiento de la locura), nuestro estado de ánimo, nuestra personalidad sufre cambios bruscos. Hemos perdido un poco de nosotros mismos. Ya no nos reconocemos. Los amigos se alejan y nos acusan lejos, perdiendo la carga de la familia de este hombre del pasado y que ahora vive acostado en un rincón de la sala viendo la televisión en sus raros momentos de repuesto. Un hombre acaba de convertirse en un cuerpo sin vida

sumergido en su angustia y luchando contra sus propios demonios. Existe también la sociedad, que exige que los patrones de comportamiento apropiado, porque el atacante en el trabajo, en su apogeo, vive en las márgenes de la sociedad. La atmósfera lleva destellos de pensamientos macabros y esto es sólo el principio del fin.

En esta etapa, por lo general la mano de obra se produce el suicidio. El profesional ya no es el apoyo a la situación, juzgando que era insostenible, los rendimientos de un tiempo a los caprichos de los tiranos. Decide poner fin a su carrera profesional. Cinco, diez, quince, veinte años, no importa, así como el suicidio tradicionales, el trabajo no escoge edad, clase social, raza, color, religión. El suicidio de trabajo, habiendo demostrado toda su amargura y quejas, no lo hacen. Se trata de un paranoico, a menudo obsesionados con las recetas médicas, a fin de validar sus argumentos y su dolor, porque sus palabras han perdido su crédito. Es común en esta etapa de la entrega al consumo de tabaco, alcohol, drogas ... Él decide por fin a su empleo y este deseo de "muerte en el trabajo es tan fuerte que el atacante pueda superar todos sus miedos y preocupaciones. No importa a él si el mundo está en crisis, si su salario será menor en otra compañía, no tiene la educación, con la edad ... Su deseo de muerte, para escapar de esos locos, los opresores es demasiado fuerte para un lamento, y contradictorio que parezca,

este deseo de muerte en el trabajo es en realidad un deseo de vida.

La única esperanza es la cortada trágicamente de los que causan lesiones, se observa una ruptura en este nuevo horizonte de la paz y lejos de las locuras del poder dictatorial. El deshacerse de estos dictadores es para el suicidio, un sinónimo de renovación. La intención de este escrito se alerta a los compañeros que pasan por una situación similar. Es importante aclarar algunos puntos: 1 - el poder es bueno y necesario para el equilibrio y el progreso, solamente se no hay abuso de ese poder. 2 - la presión es común en las empresas y en algunos casos, incluso nos alienta a alcanzar las metas y los resultados, pero la presión es totalmente diferente de la opresión. La presión aumenta, la opresión destruye. 3 - No tengas miedo! Denunciando todo tipo de abuso de poder y la intimidación. Negarse a someterse a la humillación y salen cada día desde sus puestos de trabajo con la cabeza bien alta, con dignidad y paz interior del deber cumplido. 4 - afiliarse a los sindicatos que representan la categoría. Soy una mano de obra y suicida, si se tratara de un socio de un sindicato que me representó en su momento, lo cierto es que no habría "destruido" mi carrera. La Unión es la voz de cada trabajador en el oído de los opresores. Repito, no tengas miedo. Si no son directos "face la face" con los opresores, para pasar la denuncia a la Unión el derecho que les ayudará y no correr el riesgo de represalias. El Departamento del Recursos

Humanos, al menos en la compañía que tenía la experiencia es uno y único defensor de la empresa. Fiduciario de la primera unión, a continuación, de los Recursos Humanos, si no hay ninguna opción. 5 grabar en sus memorias de las últimas frases: "Prefiero morir de hambre en la casa que morir infartado, em esta empresa".

Buena suerte a todos!⁹²

⁹² Vale repetir que em todas as traduções de textos em espanhol ou francês utilizei-me de um tradutor eletrônico.

Enviei esse e-mail ao “número dois” em poder da empresa, o Vice-Presidente Mundial de Recursos Humanos, na vã esperança de que ao menos se mostrasse interessado pelo assunto, mas tal qual no Brasil, a omissão e o descaso foram semelhantes.

Não obstante a tentativa de contato com o número dois, inseguro que estava e já com uma certa experiência, devido ao e-mail com a Sra. Covarde, que “abraçou” o problema para si e só foi compartilhar com seus superiores quando já era demasiado tarde, fui a procura do e-mail do “número um” , o C.E.O da empresa. Com muita pesquisa consegui o e-mail do C.E.O e ele também foi comunicado:

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]
Enviada em: segunda-feira, 1 de fevereiro de 2010 12:44
Para: [REDACTED] (C.E.O da Empresa)⁹³
Cc: [REDACTED] (Vice-Presidente Mundial de Recursos Humanos)
Assunto: Denúncia - [REDACTED]
 [REDACTED]

Estimado Sr. [REDACTED],

Me desculpo por tomar su tiempo precioso e también pido disculpas al Sr. [REDACTED], porque yo he enviado este correo electrónico, pero la experiencia me dice que no cometer el asunto

⁹³ C.E.O – Chief Executive Office, o maior cargo alcançado numa companhia.

a una sola persona, como lo hice en Brasil, cuando la denuncia de la intimidación.

Hago esto basado en el compromiso por el [REDACTED] sobre "*The Global Compact*", especialmente en los principios 1, 2, 3, 4 y 6, apuntados abajo:



Principios de derechos humanos

1. Respetar y proteger los derechos humanos;
2. Prevenir violaciones de los derechos humanos;

Principios de los Derechos Laborales

3. Apoyar la libertad de asociación y derecho a la negociación colectiva en el lugar de trabajo;
4. La abolición del trabajo forzoso u obligatorio;
6. Eliminar la discriminación en el lugar de trabajo;

Estoy escribiendo un libro titulado "*Suicidio en Trabajo - un caso de real de acoso*" y antes de publicarlo me gustaria uno volver de ustedes, porque todavía tengo un gran respeto por la empresa [REDACTED]. Mi problema se produjo con

dos o tres personas, incapazes de realizar sus tareas.

El respeto que tengo por la empresa [REDACTED], me hace dudar de si vengo o no mencionar los nombres involucrados y el nombre de lo [REDACTED] en esto libro..

Mi nombre es Cleber Donizeti Martins e trabajé na ciudad de San Bernardo de lo Campo – San Pablo – Brazil. Cualquier información sobre mi, pregunte.

Espero una respuesta.

Saludos,

***94

⁹⁴ O e-mail continua com a mensagem anterior enviada ao "número dois", reproduzido anteriormente.

Os dias se passaram e não obtive respostas nem do número dois e muito menos do número um. Quando eu resolvi escrever para esses executivos o fiz na esperança de que na Europa as coisas fossem mais sérias e o assunto provocaria uma certa reação desses executivos, também omissos. A História do Trabalho na França é exemplo para o mundo todo⁹⁵, de lutas, reivindicações e proteção da pessoa humana⁹⁶. Com esses pensamentos em mente, me veio a idéia de tentar um contato com o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos na França, mas antes de iniciar essa nova empreitada, resolvi dar um “ultimato” na executiva francesa:

-----Mensagem original-----

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]⁹⁷
Enviada em: quarta-feira, 17 de fevereiro de 2010 10:58
Para: [REDACTED] (C.E.O da Empresa)
Cc: [REDACTED]; 'Cleber Martins'

⁹⁵ Pesquisem!

⁹⁶ Com a Revolução Francesa inspirada na Revolução Americana de 1776 e nas idéias filosóficas do Iluminismo, a Assembléia Nacional Constituinte da França revolucionária aprovou em 26 de agosto de 1789 e votou definitivamente a 2 de outubro a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Pela primeira vez são proclamados as liberdades e os direitos fundamentais do Homem de forma universal. Serviu de inspiração para as constituições francesas de 1848 e para a atual. Também foi a base da Declaração Universal dos Direitos Humanos promulgada pela ONU.

⁹⁷ Para não dar margem à dúvidas, passei a escrever aos executivos em português, francês e espanhol.

Assunto: RES: Denúncia - [REDACTED]

Estimados Señores

Hay unos veinte días les envié e-mail abajo y no obtuve ninguna respuesta.

Por favor informen si habían recibido el correo electrónico y quiere recibir detalles pues, antes de tomar iniciativas más drásticas, como la denuncia a los organismos gubernamentales en Brasil y Francia, en respecto con el nombre de la "[REDACTED]" muy fuerte en Brasil, les do la oportunidad de redimir el error grotesco cometido por un gerente y que culminó en mi declive profesional y mental.

Además del acoso sufrido por mí, es la omisión de la Gerente de Recursos Humanos, que trató de ocultar el caso.

Si no responderen, voy a ir en mis quejas, porque es absurdo cosas han sucedido y nadie entrar en acción!

Cleber Donizeti Martins
 Ex-trabajador de [REDACTED]

Dear Sirs

Il existe une vingtaine de jours les envoya adresse e-mail ci-dessous et n'ai obtenu aucune réponse.

S'il vous plaît demander s'ils ont reçu l'e-mail et que vous souhaitez recevoir des détails comme avant de prendre des initiatives plus drastiques, les rapports à des organismes gouvernementaux au Brésil et en France en ce qui concerne le nom de « [REDACTED] » très forte au Brésil, de leur donner la possibilité de racheter l'erreur grotesque commis par un gérant et qui a abouti à mon déclin professionnel et mentale.

En plus du harcèlement subi par moi, est l'omission de gestionnaire des ressources humaines, qui a essayé de cacher l'affaire.

Si ce n'est pas le positionnement, je vais dans mes plaintes, parce que ce sont les choses absurdes ont eu lieu et personne ne prene l'action!

Donizeti Cleber Martins

Ex-travailleur de [REDACTED]
[REDACTED]

Prezados Senhores,

Há aproximadamente vinte dias enviei-lhes o e-mail abaixo e não obtive respostas.

Favor informar se receberam o e-mail e se pretendem receber detalhes, pois antes de tomar iniciativas mais drásticas, denunciando aos órgãos governamentais tanto no Brasil como na França, em respeito ao nome "[REDACTED]", muito forte aqui no Brasil, dou-lhes a oportunidade de se redimirem do erro grotesco cometido por um Gerente e que culminou em minha decadência profissional e mental.

Além do assédio moral sofrido por mim, há a omissão da Gerente de Recursos Humanos, que tentou esconder o caso.

Se não se posicionarem, irei adiante em minhas denúncias, pois é um absurdo tudo isso ter acontecido e ninguém tomar atitude!

Cleber Donizeti Martins

Ex-trabalhador da [REDACTED]
[REDACTED]

Não houve respostas...

Para conseguir a amizade de uma pessoa digna é preciso desenvolvermos em nós mesmos as qualidades que naquela admiramos.

Sócrates

Fédération des Travailleurs de la Métallurgie - CGT⁹⁸

Esse processo de denúncia e busca de justiça é demorado. Requer paciência, persistência e muita pesquisa.

Como não houve retorno da diretoria executiva da empresa na França e já com a idéia pré-concebida de tentar contato com o Sindicato Francês, fui a campo para a pesquisa. Mesmo com a dificuldade da língua, alguns sites de pesquisa oferecem a ferramenta de tradução instantânea e mesmo não sendo perfeita, usando um pouco de lógica no raciocínio é perfeitamente possível o entendimento.

Consegui obter o site do sindicato na França e lá havia um link de contatos. Talvez uns vinte e-mails disponíveis para contato, com as mais variadas áreas de atuação.

Encaminhei e-mail solicitando informações:

-----Mensagem original-----

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]

⁹⁸ Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas da França.

Enviada em: terça-feira, 16 de fevereiro de 2010 12:22

Para: [REDACTED] (Informações CGT)

Cc: cleber.martins71@bol.com.br

Assunto: l'intimidation dans

Bonjour

Je suis Brésilien et je fus la victime de l'intimidation dans une société française [REDACTED], qui s'est terminée par ma démission.

S'il vous plaît indiquer si je peux dénoncer, par le biais de déclaration, à cette union.

Je ne parle pas ou écrire en français. Ce texte a été traduit par un traducteur automatique

Grateful

Bom dia

Sou do Brasil e fui vítima de assédio moral numa empresa francesa [REDACTED], que terminou com a minha demissão.

Favor informarem se posso denunciar, através de relato, a esse sindicato.

Não falo nem escrevo em francês. Esse texto foi traduzido num tradutor eletrônico

Grato

-----Mensagem original-----

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]
Enviada em: quinta-feira, 18 de fevereiro de 2010 16:54
Para: [REDACTED] (Secretaria Geral Sindicato da França) [REDACTED] (Central de Condições do Trabalho)
Cc: 'Cleber Martins'
Assunto: Plaintes - Harcèlement - [REDACTED]

Bonjour!⁹⁹

⁹⁹ A tradução fica mais ou menos assim:

Olá!

Eu trabalhei durante vinte anos em uma empresa, no Brasil, [REDACTED] e nos últimos quatro anos eu fui intimidado por um gerente de fábrica.

Aqui no Brasil, fiz várias queixas e iniciei processos judiciais contra a empresa.

Eu tentei avisar os líderes do grupo na França, [REDACTED] - CEO e [REDACTED] - Vice Presidente de Recursos Humanos, porque o agressor continua a trabalhar na empresa e aterrorizar os trabalhadores, mas nenhum dos líderes manifestaram interesse nessas denúncias. Eu tenho uma riqueza de material comigo, incluindo uma cópia da condenação processual contra o [REDACTED] e quero denunciar a vocês para que os trabalhadores brasileiros não se submetam ao abuso desse cidadão. Eu não sei se vocês são os líderes sindicais representativos dos trabalhadores do grupo francês [REDACTED], mas se não, por favor indicar quem é responsável para eu me expressar em detalhes os fatos, incluindo a apresentação do e-mail é enviado para executivos.

J'ai travaillé pendant vingt ans dans l'entreprise [REDACTED], au Brésil et dans les quatre dernières années, j'ai été victime d'intimidation, faite par un directeur d'usine.

Ici au Brésil, a formulé plusieurs plaintes, et entamer une procédure judiciaire contre la compagnie.

J'ai essayé de mettre en garde les dirigeants du groupe en France, [REDACTED] - C.E.O et [REDACTED] - Vice President des Ressources humaines, car le harceleur continue de travailler dans l'entreprise et de terroriser les travailleurs, mais aucun des dirigeants renvoyés ou ont exprimé un intérêt dans ces plaintes.

J'ai une richesse de matériel avec moi, y compris une copie de la condamnation de justice contre le [REDACTED] et je collaboration humblement avec vous, pour les travailleurs brésiliens ne peuvent pas soumettre à cet abus des citoyens.

Esta luta é nossa!

Peço apoio aos colegas franceses!

Grato

Je ne sais pas si vous êtes les dirigeants syndicaux représentant les travailleurs du groupe français Seb, mais si non, s'il vous plaît indiquer qui est responsable pour moi d'exprimer en détail les faits, y compris la présentation de l'e-mail est envoyé aux cadres supérieurs.

Ce combat est le nôtre!

Je demande le soutien de collègues français!

Grateful

No dia seguinte ao envio desse último e-mail recebi a resposta:

-----Mensagem original-----

De: [REDACTED] (Sra. Ouro)¹⁰⁰
 Enviada em: sexta-feira, 19 de fevereiro de 2010 11:19
 Para: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]
 Cc: [REDACTED]; [REDACTED] (Líderes
 Sindicais)
 Assunto: re: TR: Plaintes - Harcèlement - GROUPE SEB

Bonjour,¹⁰¹

¹⁰⁰ Como o nome da coordenadora do sindicato lembra, em português, o nome "ouro" darei a ela o nome de Sra. Ouro, mas não só pela similaridade nominal. Também a sua atitude, caráter e compromisso valem ouro!

¹⁰¹ Tradução:

Olá,
 Eu li o seu e-mail.

je viens de prendre connaissance de votre e-mail.

je me présente, [REDACTED], salarié du [REDACTED] et coordinatrice CGT [REDACTED].

Votre message ne nous laisse aucunement indifférent, et notre organisation FTM CGT est prête à échanger et vous aidez dans vos recherches

Je vous propose dans un premier temps, et si cela vous convient, dans le délai que vous souhaitez, que l'on puisse échanger par voie téléphonique.

Voici les coordonnées de mon mobile, [REDACTED].

Dans l'attente d'un nouvel échange, je vous prie de recevoir nos salutations fraternelles.

[REDACTED]

Me apresento [REDACTED], funcionária do grupo [REDACTED] e coordenadora do CGT.

Sua mensagem não nos deixa indiferentes, e CGT FTM nossa organização está pronta para ajudar em sua pesquisa.

Proponho como primeiro passo, e se você quiser, dentro do tempo que você quiser, contatos por telefone.

Abaixo estão os detalhes do meu celular [REDACTED]. Na expectativa de uma nova troca de mensagem, por favor receba nossa saudação fraterna.

Foram inúmeros e-mails trocados com a Sra. Ouro e não cabe aqui reproduzi-los todos, mas o fato é que os companheiros franceses se solidarizaram me apoiando, incentivando e se envolvendo no caso. Assim como no ABC, o Sindicato Francês é constituído de pessoas que lutam pelos ideais do trabalho.

Após várias trocas de mensagens com a Sra. Ouro, estranhamente, recebi um e-mail do “número dois” após quase um mês do envio de meu primeiro e-mail:

-----Mensagem original-----

De: [REDACTED] (Vice-
Presidente Mundial de Recursos Humanos)
Enviada em: quarta-feira, 24 de fevereiro de 2010 11:36
Para: cleber.martins71@bol.com.br
Assunto: RE: Denúncia - [REDACTED]
[REDACTED]

Estimado Señor Cleber,

Desde nuestros ultimos intercambios, no recibi respuesta de su parte.

Podria por favor precisarme los elementos sobre los que usted desea informarme?

Gracias por su respuesta.

Cordialmente,

[REDACTED]

De : [REDACTED] (Vice-Presidente Mundial de Recursos Humanos)

Envoyé : mercredi 27 janvier 2010 11:26

À : 'cleber.martins71@bol.com.br

Objet : RE: Denúncia - [REDACTED]
[REDACTED]

Estimado Señor Cleber,

Gracias para su mensaje. No entendemos el portugués, pero podemos leer el español.

Podría Usted informarnos sobre los elementos que desea hablar?

Gracias,
Saludos cordiales.

[REDACTED]

O mesmo nojo que sentia do energúmeno, começava a sentir desses executivos franceses. Pelo visto, era tudo “farinha do mesmo saco”. Imediatamente retransmiti o e-mail do número dois a Sra. Ouro, pedindo instruções se deveria responder ao energúmeno-dois bem como informar que achava muita “coincidência” ele ter respondido justamente quando iniciei meus contatos com o Sindicato Francês.

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]
Enviada em: quarta-feira, 24 de fevereiro de 2010 13:15
Para: [REDACTED] (Sra. Ouro)
Assunto: ENC: Denúncia - [REDACTED]

[REDACTED] (Sra. Ouro)¹⁰²

J'ai reçu cet e-mail au nom de [REDACTED]. Je ne sais pas si vous avez déjà une sorte de

¹⁰² Tradução:
 Sra. Ouro,

Recebi este e-mail em nome de [REDACTED]. Não sei se você fez algum tipo de contato ou se foi uma coincidência.

Acontece que já tinha respondido a este e-mail, incluindo você em copia. Eu acho que eles estão escondendo a verdade.

Eu respondo ao e-mail do Sr. [REDACTED]?

Abraços

contact ou si c'était une coïncidence.

Il s'avère qui avaient déjà répondu à cet e-mail, y compris vous ramenant à l'Union. Je crois qu'ils se cachent la vérité.

Je réponds à l'e-mail de [REDACTED]?

Hugs

Não me contendo e antes mesmo de uma resposta da Sra. Ouro, respondi ao número dois:

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]
Enviada em: quarta-feira, 24 de fevereiro de 2010 15:09
Para: [REDACTED] (Número Dois)
Cc: [REDACTED] (Número Um)
Assunto: RES: Denúncia - [REDACTED]

Sr. [REDACTED], (Número Dois)

Me sorprende leer que su señoría sugiere que no recibió mis respuestas.

Le escribí a su señoría el 28/01 a las 10:13 pm, más tarde, el 01/02 a las 11:44 pm, escribí al [REDACTED] incluyendo su señoría en la copia y de nuevo el 17/02 a las 09:58 pm para el [REDACTED] con sus copias de señoría.

En este último correo electrónico, en mi pobre traducción, escribi en portugués, español y

francés.

Presenta pergunta muy extraña a su señoría, hoy, 24/02, alegando que no había recibido ninguna respuesta de mi parte

Cleber

M. ██████████,

Je suis étonné de lire que Votre Seigneurie suggère que n'ai pas mes réponses.

J'ai écrit à Votre Seigneurie d'28/01 à 10:13 pm, plus tard, le 01/02 à 11:44 h, a écrit à M. ██████████, y compris votre seigneurie, en copie, puis le 17/02 à 09:58 h pour la ██████████ avec vos copies de seigneurie.

Dans ce dernier e-mail, dans ma mauvaise traduction, écrit en portugais, espagnol et français.

Il présente question très étrange à votre seigneurie, aujourd'hui, 24/02, affirmant qu'il n'avait reçu aucune réponse de ma part.

Cleber

Sr. ██████████,

Fico espantado ao ler que Vossa Senhoria sugere que não obtive respostas minhas.

Escrevi para vossa senhoria em 28/01 às 10:13 hs, depois, no dia 01/02 às 11:44 hs, escrevi ao Sr. ██████████ incluindo vossa senhoria em cópia e novamente em 17/02 às 09:58 hs para o Sr. ██████████ com vossa senhoria em cópia.

Nesse último e-mail, em minha pobre tradução, escrevi em português, espanhol e francês.

Se apresenta muito estranho o questionamento de vossa senhoria, hoje, 24/02, alegando não ter recebido nenhuma resposta minha.

Cleber

A resposta da Sra. Ouro veio em seguida. Não transcreverei esse e-mail por haver outros assuntos que não quero tratar agora, mas há dois que merecem um resumo.

Segundo a Sra. Ouro, não houve coincidência pois ela havia conversado com o número-dois pedindo explicações bem como argumentando se ele havia respondido aos meus e-mails.

Esse energúmeno-dois faria sucesso no Brasil...

O outro assunto é que eles, franceses, estavam tentando um contato, uma parceria com o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Evidente que meu júbilo foi imenso, pois além da demonstração de solidariedade, e já inclusos na causa, os companheiros franceses iriam buscar apoio também no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, do qual o “Matador” era diretor administrativo. As coisas começavam a ficar bem...

Nesse ínterim entrei em contato com o “Matador” informando sobre tudo o que vinha ocorrendo, bem como a escrita desse livro.

Um dos pontos que esqueci-me por completo, quando da publicação de meu artigo pela Tribuna Metalúrgica, foi a denúncia formal ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC sobre o assédio moral, bem como as irregularidades do banco de horas. Nessa conversa com o “Matador” informei-o também desse meu desejo em formalizar a denúncia e ele me instruiu sobre os procedimentos, dos quais já fiz¹⁰³.

¹⁰³ Eis a denuncia formalizada:

São Bernardo do Campo, 07 de março de 2009

Ao
Sindicato dos Metalúrgicos do ABC
[REDACTED] – Diretor Administrativo

Assunto: Denúncia envolvendo Assédio Moral no Trabalho
Denúncia sobre Banco de Horas

Prezado Diretor, saudações,

Eu, Cleber Donizeti Martins, portador da Carteira de Trabalho e Previdência Social nr. [REDACTED] Série [REDACTED]

[REDACTED], R.G. [REDACTED], C.P.F - [REDACTED], considerando o prazo legal de pleito na justiça sobre direitos trabalhistas e transferindo esse mesmo prazo legal à essa Entidade Representativa dos Trabalhadores, venho por meio desta apresentar denúncia contra a empresa [REDACTED] [REDACTED], a saber:

- em 19 de março de 2009, fui demitido sem justa causa, por pedido meu, devido a problemas de saúde (mentais, C.I.D. F41 + F32) em razão de assédio moral praticado há alguns anos pelo gerente, Sr. [REDACTED]. Na ocasião, apresentei denúncia por escrito à Gerente de Recursos Humanos, Sra. [REDACTED] e a mesma atuou de forma omissa, tentando “abafar” o caso, acatando o meu pedido de desligamento, sem se envolver com o Gerente [REDACTED]. Devo esclarecer que a solicitação para a minha dispensa, se deu num momento de desespero e desarranjo mental.

- Banco de Horas. A empresa possui um procedimento interno de Banco de Horas, cujo conceito é – o gatilho para pagamento de horas extraordinárias é de 70 horas. Atingindo essa marca ou ultrapassando-a, o pagamento deve ser feito no mês imediatamente posterior, subtraindo-se dessa soma, a quantidade de 50 horas que devem permanecer no banco de horas. Nos últimos meses de trabalho, a empresa alegava “redução de custos” e quando estávamos próximos a esse gatilho, éramos dispensados em pleno expediente ou entrávamos mais tarde durante a semana ou saíamos mais cedo ou ainda, mais grave, trabalhávamos sem a marcação do ponto. Quando de minha saída, na semana anterior, fiquei em casa quitando parte dessas horas em “controles paralelos”.

Sem mais e à disposição para esclarecimentos,

Cleber Donizeti Martins

Enquanto escrevo esse livro, sem pressa, pois aprendi com a Sra. Ouro a virtude da paciência, os Sindicatos se empenham para as estratégias de luta. Sinceramente, não sei que fim terá tudo isso, mas se a impunidade tanto para o energúmeno quanto para a Gerente Covarde tiver um término eu me considerarei vitorioso. Ademais, ainda que eu não obtenha resultados práticos quanto a punição desses dois líderes desumanos, me sinto vitorioso também pela elaboração desse livro. É meu desejo que ele atinja a uma grande massa de “irmãos trabalhadores”.

Muitos são obstinados em relação ao caminho tomado, poucos em relação à meta.

Friedrich Nietzsche

Onde quero chegar?

Fiz-me essa pergunta esses dias - onde quero chegar? – e confesso que não soube bem o que responder para mim mesmo¹⁰⁴.

O que passa por minha mente atualmente são duas coisas. A primeira é a revisão do valor da indenização aplicado pela Meritíssima Juíza, que em minha opinião, foi a sua única “injustiça” em todo o concurso do processo. Bem verdade é que ainda não se deu por encerrada a causa, já que a empresa entrou com recurso e nós também. Não esmorecerei enquanto não houver justiça em todos os âmbitos de tudo o que aconteceu.

A segunda, mais ousada, seria reivindicar na Justiça do Trabalho um pedido de reintegração, haja vista eu ter sido dispensado quando me encontrava em tratamento psiquiátrico. Esse assunto gera controvérsia, pois o status de psiquiatria não se aplica como doença ocupacional, segundo o meu entendimento. O que terei que provar aos Meritíssimos é que o meu distúrbio mental se deu única e exclusivamente pela forma truculenta e desumana que sofri nas dependências da empresa. Meu histórico profissional, minha índole e o depoimento de trabalhadores que

¹⁰⁴ São essas conversas com o nosso interior que nos revelam as melhores respostas.

eram de meu convívio¹⁰⁵ podem comprovar tal fato. Certo que será um processo árduo e desgastante, mas eu irei até a última instância, dure o tempo que durar e se houver ganho de causa, entrarei com a cabeça erguida para a retomada de meu trabalho, agora sem o fantasma da opressão a me rondar. Seria uma vitória não só minha, mas de toda uma classe de trabalhadores que sofrem do mesmo mal. Precisamos extirpar esses energúmenos de nossas fábricas!

De maneira indireta e sem o vínculo com a ex-empresa, tenho como objetivo também a divulgação desse livro, principalmente aos trabalhadores de indústrias multinacionais. Não quero ser herói, muito menos mártir ou representante de ninguém. Quero apenas, alertar tanto aos trogloditas quanto às vítimas, que não importa o tempo, a punição virá. Quero motivar os trabalhadores a denunciarem e por isso, por vezes me tornei tão detalhista na elaboração desse livro. É preciso coragem, audácia e ter como arma, apenas a verdade¹⁰⁶, pois assim teremos ambientes melhores de trabalhos e inversão dos valores. Quem deveria estar desempregado hoje, como estou, quase mendigando por um prato de comida,

¹⁰⁵ Desde que mantenham o anonimato.

¹⁰⁶ Lembrando aquela frase de Aristóteles que enviei ao Sr. Presidente da América Latina – *“Amicus Sócrates, amicus Plato, sed magis amica veritas”* (Sócrates é amigo, Platão é amigo, mas mais amiga é a verdade)

deveria ser esses carrascos e não nós, a força bruta que mantém as fábricas¹⁰⁷.

¹⁰⁷ *“Pois somos do povo os ativos, trabalhador forte e fecundo, pertence a terra aos produtivos, ó parasitas deixai o mundo. Ó parasitas que te nutres do nosso sangue a gotejar, se nos faltarem os abutres não deixa o sol de fulgurar!”* (A Internacional)

Um Ano Depois...

Suicídio Laboral – Parte III A Saga do Suicida E A Verdade

Companheiros,

Após um ano da demissão do suicida, praticada pela Gerente Covarde e pelo Gerente Energúmeno, ambos ainda em plena atividade na empresa, pois a sua Diretoria Executiva, tanto no Brasil como na França, é tão omissa quanto a própria Gerente Covarde, talvez surgindo daí o seu modo precário de administração, o suicida, vítima de assédio moral, continua sua saga a base de tratamentos psiquiátricos e remédios controlados (faixa-preta).

Mas a luta continua!

Várias denúncias foram feitas aos órgãos governamentais e não-governamentais e vários fatos estão acontecendo, que infelizmente, não podem ser elucidados aos trabalhadores por questões legais. É preciso paciência para atuar no momento oportuno e persistência para não desistir da luta.

O que leva o suicida a escrever, além do aniversário de um ano de sua morte-laboral, onde suas cinzas flutuam num ciclo vicioso clamando por justiça, é apontar mais uma vez

a manobra da empresa para manipular os trabalhadores.

O suicida, ingressando na Justiça do Trabalho, pleiteando indenização por dano moral logo após o seu ato-de-desespero, ganhou em primeira instância a causa. A empresa foi condenada a pagar um determinado valor que não foi o esperado pelo suicida, fazendo-o entrar com recurso pleiteando uma soma mais justa.

Além de a empresa perder a causa em primeira instância, mesmo comprando testemunha para depor contra o suicida, testemunha essa cega, pois que em cinco minutos de depoimento utilizou nove vezes a palavra “nunca”, pois ela 1 - nunca viu qualquer discussão entre o suicida e o energúmeno, 2 - nunca presenciou o energúmeno usando palavras de baixo calão ou inadequadas ao ambiente de trabalho para se dirigir ao suicida, 3 - nunca qualquer colega de trabalho fez qualquer comentário sobre a conduta do energúmeno à testemunha, 4 - nunca reparou se algum analista às vezes não era convidado às reuniões, 5 - nunca ouviu as conversas entre o suicida e o energúmeno (mesmo sentando a dois metros de distância do energúmeno), 6 - nunca percebeu qualquer discussão ou conversa em tom mais alto entre o suicida e o energúmeno, 7 - nunca comentou nada específico em relação ao energúmeno, 8 - nunca presenciou o suicida utilizando palavras de baixo calão em conversas normais e 9 - nunca presenciou o suicida nervoso ou descontrolado. O suicida escreveu um artigo intitulado “Suicídio Laboral – Parte II – Quanto

Vale um Caráter?” que não foi veiculado na Tribuna, estando disponível em meio eletrônico ou no Boletim Famélicos da Terra. Além disso, a empresa tentou de forma vil, através de sua advogada, num gesto asqueroso de bajulação, ganhar a simpatia da Meritíssima Juíza, enaltecendo o caráter e a conduta da Excelência, em pleno decurso da audiência, bajulação essa de que nada adiantou devido ao caráter reto e digno da Meritíssima Juíza. Golpe Baixo¹⁰⁸!

¹⁰⁸ Além desse golpe baixo, há outros que tive que me defrontar conforme fui tendo acesso aos documentos judiciais. Por exemplo, em uma petição emitida pela Dra. Bajulação, li com muita mágoa a sua alegação - *“Tudo indica que o reclamante, em face do seu estado de saúde psiquiátrico, criou todo o quadro fático que relata na inicial, quadro este sem correspondência com a realidade mas fruto dos seus transtornos de conduta”*. E ainda acrescenta: *“Se o reclamante está em tratamento psiquiátrico é porque é portador de doença psiquiátrica decorrente de fatores genéticos e não decorrentes do trabalho como quer fazer crer o reclamante”*. Aqui, além da Dra. Bajulação atuar como médica psiquiátrica, pois ela é taxativa na afirmativa de que a doença psiquiátrica é decorrente de fatores genéticos, como se tivesse acesso a minha vida particular, ela mais uma vez utiliza-se de argumentos vis e infundados, pois o incrível dessa história é que em vinte anos de trabalho, passando por exames admissionais, periódicos, etc, nenhum médico tenha constatado tal fator genético (Não ouvi esses termos nem dos psiquiatras “de verdade” com quem me tratei). O mais estranho no diagnóstico da psiquiatra de horas-vagas é que ela não explica como que o “gene-mutante” desenvolveu-se, coincidentemente nos quatro últimos anos de empresa, sendo que nos seis últimos eu trabalhei com o energúmeno. Além dessas mendacidades, tive que suportar ainda algumas

Não obstante o espetáculo cômico da advogada, motivo de risos, portanto no bom latim “ridículo”, ainda a empresa atua de forma desprezível.

Alguns companheiros, de muito bom senso, alertaram ao suicida que corre o boato na fábrica de que a empresa ganhou o processo por assédio moral movido pelo suicida. Como consta nas palavras de um desses companheiros que alertou ao suicida “*Creio que trata-se de uma estratégia para mostrar para as demais pessoas que não adianta lutar pelos seus direitos*”.

O suicida utiliza-se desse meio para alertar aos companheiros de que trata-se apenas de uma manobra suja, inescrupulosa e corrupta da empresa, demonstrando a falta de ética, de caráter e de respeito aos seus colaboradores. Fica aqui o alerta. A verdade sempre prevalece, não se deixem enganar! Lutem pelos seus direitos!

conclusões da Dra. Bajulação-psiquiatra-de-horas-vagas tais quais: 1 - o reclamante não foi destrutado por ninguém na empresa, 2 – foi tratado com dignidade pelo Sr. Energúmeno, 3 – foi despedido a seu pedido e para atender seus interesses, 4 – o reclamante tem o hábito de utilizar palavões, ao contrário do Sr. Energúmeno, entre tantas outras baixezas. Compreendo a atuação de um advogado na defesa de alguém, mas utilizar como arma a mendacidade? Novamente, sinto náuseas...

Esse livro foi escrito em vinte dias. É fácil transpor para o papel tudo aquilo que está dentro da gente.

Nesse um ano a empresa continua sendo líder de mercado em seu segmento, o energúmeno continua atuando, bem como a gerente covarde. Tudo as custas dos trabalhadores oprimidos. *Grosso modo* são necessários quinze trabalhadores para manter a posição de cada um desses cretinos. A empresa possui cerca de duzentos funcionários e só na área de manufatura há dois gerentes¹⁰⁹, além de sete

¹⁰⁹Um dos gerentes sempre foi tachado de estúpido, grosso, etc. Enviei um e-mail a esse gerente também, pois o respeito bastante:

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]

Enviada em: quinta-feira, 4 de fevereiro de 2010 16:38

Para: [REDACTED]

Assunto: Cleber Martins - Ex-PCP [REDACTED]

[REDACTED],

Há muito era para eu ter escrito para você, mas as tribulações do dia-a-dia e o esquecimento se fizeram presente e acabou passando quase um ano. É quase certo que você saiba de toda a história que envolveu meu nome e do teu colega-gerencial de trabalho, mas não é sobre isso que quero falar, embora não tenha como fugir desse assunto.

Só queria dizer, que na conversa que tive com a [REDACTED] (*gerente covarde*), denunciando o assédio moral provocado pelo [REDACTED] (*energúmeno*), a própria [REDACTED] (*covarde*) insinuou que a forma como eu havia me manifestado, ela imaginava que se tratava de você, pelo “jeitão” e aquele sem-número de palavões que você fala a todo instante e eu a corrigi dizendo que te admirava e respeitava e que, sinceramente, gostava

supervisores. A direção executiva no Brasil, além de não ouvir as denúncias e apelos de seus colaboradores, não sabe bem o que é administrar. Nos “facções” demitem-se dezenas de trabalhadores “peões” e esses parasitas mantêm-se intocáveis... Seria o chamado “rabo-presos”?

Abra o olho Senhor presidente!

muito do seu jeito, pois apesar dos palavrões, estes nunca se deram de maneira ofensiva e difamatória. Sempre comentei também com os meus colegas aí da [REDACTED] que o admirava também pelo extremo profissionalismo. Eu nunca vi, em toda minha carreira profissional, um cara tão profissional como você.

Não estou bajulando. Não sou disso e por vezes, tivemos também nossos “ranca-rabos”. Apenas há coisas em mim, que não ficam armazenadas e tenho que expressá-las para que as pessoas saibam.

Reafirmo que naquela reunião que culminou em meu desligamento as duas ou três vezes que mencionei o seu nome, foi legitimando o seu modo de ser, o que de certa forma muitos concordavam comigo.

Te escrevo agora só para manifestar esse sentimento, dizer que pelo menos de mim não há nada contra você, que o tenho com um modelo de profissional. Há muitas coisas acontecendo e que ainda irão acontecer e eu gostaria que você se resguardasse, tomando cuidado com aqueles que te rodeiam.

Abração, peço desculpas por tomar seu tempo e se precisar de mim para alguma coisa, qualquer esclarecimento, estou à disposição.

Cleber

Diga-se de passagem, que o desejo da Gerente Covarde era a “cabeça” desse gerente...

Nesse um ano, continuo em tratamento psiquiátrico, agora com a quinta médica. Os outros profissionais não me ouviram. Essa médica é bastante atenciosa e se preocupa com a saúde de seus pacientes. As crises de ódio, quando cai o efeito das drogas, tornam-se constante. A depressão é a grande e única companheira de jornada e a angústia do dia-a-dia, é quase insuportável. A pressão familiar pela busca de um novo emprego é demasiadamente grande, mas não sabem eles a inércia que se encontra a minha alma. Eu tenho até vontade de tentar, mas mesmo a vontade requer um esforço extra-humano.

O que consola é saber que não estou mais digladiando sozinho. Tenho apoio dos Sindicatos, esses sim, únicos interessados no bem-estar dos trabalhadores. Escrevi no Artigo “*Suicídio Laboral*” para que os trabalhadores se afilem aos sindicatos e aqui reforço o pedido. Não tenham dúvidas de que as lutas sindicais são únicas e exclusivas para vocês trabalhadores. É chegada a hora do pessoal “administrativo” tomar consciência da representatividade do Sindicato e não apenas se associar em busca de benefícios de lazer como colônia de férias ou outras coisas. É preciso a participação ativa. É preciso denunciar, mesmo que anonimamente os abusos, os assédios, as violações das leis, o trabalho exaustivo, a má remuneração, o protecionismo. Sozinhos, vocês não irão muito longe. Pessoas como a Gerente Covarde existem aos montes para “abafar casos”. Se estiverem sozinhos, terão que trilhar o longo

caminho que fiz até chegar a França e muitos sabem que é relativamente difícil atingir os patamares executivos que atingi. O Sindicato está aí para auxiliar a todos vocês, horistas, mensalistas, seja lá qual for o nome que se dê, pois afinal, como diz o nosso hino, “*somos irmãos trabalhadores*”..

Lutem, se envolvam nos processos de negociação com o sindicato e façam valer os seus direitos. Não tenham medo das represálias, mas tenham muito medo dos males físicos e mentais que alguns energúmenos podem causar.

Expus particularidades de minha vida para que vocês reflitam sobre o poder destruidor do assédio moral na vida de um trabalhador. Se isso acontece com vocês, já passou da hora de denunciar!

As organizações que falham são geralmente as que têm demasiada gerência e pouca direção.
Warren G.Bennis

Último Contato

Esse foi o último e-mail enviado aos dirigentes franceses. O e-mail foi escrito em português e traduzido para o francês, inglês e espanhol. Abaixo transcrevo apenas a versão em português.

De: Cleber Martins [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]

Enviada em: terça-feira, 11 de maio de 2010 16:08

Para: [REDACTED]

Cc: [REDACTED]

[REDACTED] (*Os quinze principais executivos no mundo*)

Assunto: [REDACTED]

Mrs. [REDACTED]

[REDACTED], I apologize for my translation. If you need details of what happened suggest talking to Mr [REDACTED]

TEXT IN PORTUGUESE

Finalmente vou seguir o conselho de alguns amigos. Vou dar continuidade a minha vida e tentar me desvincular das coisas que tanto mal causaram a minha vida e a minha saúde, todas é claro vindas do [REDACTED] e seus gerentes covardes ou ditatoriais.

A vocês não mais importunarei, creiam, pois dentre um imenso volume de e-mails enviados, Vossas Senhorias, omissos, sequer responderam a uma única indagação.

Deixarei vocês em paz, mas ressalto aqui que não desisti de denunciá-los e lutar pela justiça.

Como último contato direto com Vossas Senhorias, envio o livro que escrevi *“Suicídio Laboral – Um Caso Real de Assédio Moral”* onde relato os absurdos ocorridos dentro da empresa [REDACTED].

Por força da lei, apenas por isso, omiti o nome de Vossas Senhorias (C.E.O e Vice-Presidente de Recursos Humanos), bem como do assediador ditador e a gerente de Recursos Humanos Covarde, mas busco estudos na legislação para divulgar ao menos o nome da empresa.

Os trabalhadores da [REDACTED] tem o direito de saber as atrocidades cometidas por alguns executivos. Têm direito de saber também que a alta cúpula da empresa, sediada na França, não dá a menor importância às

denúncias, reclamações e demonstrações de torturas psicológicas que tanto sofri nos últimos anos.

Esse livro está em vias de edição e será distribuído gratuitamente aos trabalhadores da [REDACTED] da fábrica. Aos trabalhadores da [REDACTED] que possuem e-mail, enviarei nesse formato PDF.

Além dos trabalhadores, a cópia digital será enviada também:

- Ministério Público do Trabalho,
- Procuradoria Federal dos Direitos Humanos,
- Comissão de Ética Pública,
- Procuradoria Geral da República,
- Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça Cíveis,
- Ouvidoria Geral da Cidadania,
- Secretaria Especial dos Direitos Humanos,
- Organização Internacional do Trabalho,
- Sindicatos (não só dos metalúrgicos),
- Senado Federal,
- Alguns Magistrados (outros receberão cópias impressas)
- Emissoras de Rádio,
- Jornais de Grande Circulação,
- Revistas Especializadas,
- ONG's de Combate ao Assédio Moral,
- Outras Empresas,
- (Estou pesquisando o e-mail de alguns acionistas)
- Lista de Contatos Particulares (mais de 1.000).

Já há um exemplar desse livro com o Sindicato dos Metalúrgicos da França. Aos poucos estou traduzindo o original para o francês e pretendo mostrar aos trabalhadores da [REDACTED] francesa as atrocidades ocorridas no Brasil.

As chances de repercussão do assunto é de 50%, por isso, me sinto, pela primeira vez em igualdade diante de Vossas Senhorias.

Faço votos que as pessoas que receberem esse livro, se aprofundem no assunto e descubram a identidade da empresa e dos envolvidos e quem sabe algum dia, Vossas Senhorias não tenham a dignidade de ao menos se manifestarem, ao invés de ignorarem alguém que cedeu parte de sua vida para o desenvolvimento dessa empresa.

Espero seja nosso último contato, aliás, meu último contato e as denúncias e pleitos na Justiça, Delegacias e Promotorias do Trabalho não cessarão.

Cleber Donizeti Martins

Post Scriptum

“O maior fato para determinar o clima de uma organização é o seu principal executivo”.

Charles Galloway

...meus verdadeiros amigos sempre esperarão por mim.

Legião Urbana

Sobre os Amigos

Quando eu tinha por volta de vinte e três anos de idade, escrevi um livro de poesias - “Aos Amigos”, pois envolto por aquela atmosfera de trabalho daquela época, eu pensava ter muitos amigos.

Sempre tive ao meu lado muitas pessoas, que inclusive depositavam em mim, seus mais íntimos segredos. Saíamos durante a semana pós-expediente, algumas vezes em finais de semana, freqüentava suas casas assim como eles freqüentavam a minha. Aquelas promessas de melhor amigo, amizade eterna, irmandade, sempre se faziam presentes.

O Assédio Moral, além de destruí-lo aos poucos, ele tem a capacidade de te afastar de tudo e de todos. Passado já alguns anos em que vinha sendo vítima do energúmeno, meu comportamento tornou-se mais hostil e em muitas ocasiões ouvi as pessoas mais próximas reclamarem de minha mudança. “*Você não sorri mais*”, talvez seja a frase que mais será ouvida pela vítima de assédio. Esse afastamento de outras pessoas é inexplicável. Eu, por vezes, até tentei pedir socorro aos

amigos, mas, como já disse, por mais que tentemos expor a nossa dor, ninguém se preocupa muito. Há sempre aqueles que pensam que a sua própria dor é muito maior do que a dos outros e para eles, você está apenas exagerando e que as coisas não são assim tão graves. Até mesmo de meus pais tive que ouvir essa frase - *“Você não sorri mais”*. E eles estavam certos. O sorriso é a primeira coisa que nos roubam os assediadores. A vida perde o encanto e mesmo longe do purgatório, ainda assim, você não consegue mais encontrar prazer na vida. Em algumas vezes tive vontade de riscar a palavra laboral do *“Suicídio Laboral”* e tentar a vida em outros planos, mas eu não podia ser covarde a tal ponto. Não podia agir como a Gerente-Covarde-Omissa, sacrificando a todos ao seu redor em busca de um ideal (trabalho?) para mostrar a si mesma que vencera na vida. Acumular riquezas para que? Casas, carros, roupas exuberantes e um cargo alto de responsabilidade. Tudo às custas de sacrifício, inclusive o sacrifício familiar. Quando eu digo que sinto náuseas quando me refiro ao energúmeno e a covarde, não é metáfora. Eu sinto nojo de verdade...

De posse de nossos sorrisos, os assediadores conseguem nos atingir não só ali naquele mundinho fabril. Eles nos atingem em todos os nossos segmentos sociais e com isso, os amigos se afastam e te acusam de distante. Você já não encontra argumentos para convencê-los de que está doente e com o passar dos dias você se isola por completo.

Um ou outro amigo, quando esbarra em você pelos corredores perde seu minuto precioso para uma conversa formal.

Quando surtei e pedi a minha saída, para alguns eu fui considerado “herói”, pois fiz o que todos ali naquele setor tinham vontade de fazer. Tornei-me mártir sem querer. Recebi alguns e-mails em que me chamavam de “herói” mesmo. É evidente que num grupo onde se impera o medo, aquele que tem a audácia do enfrentamento se destaca na multidão, mas isso dura pouco, é o mesmo que falar dos “quinze minutos de fama” que todos nós um dia iremos ter.

Dez dias após a minha saída, os contatos já estavam dantesicamente escassos. Um ou outro colega, ali do convívio diário ligava para perguntar alguma coisa. Salvo o dia da edição do *“Suicídio Laboral”* na Tribuna Metalúrgica, que muitos se lembraram de mim, os outros dias foram como se eu estivesse morto. O Suicídio Laboral te mata e te mantém vivo! Uma solidão, um abandono total. Muitas foram as pessoas que me decepcionaram, mas graças a frieza do meu coração suportei isso com serenidade, pois há muito tempo já previa que no dia de meu desligamento, grande parte dessas pessoas se afastariam. Talvez eu não mereça a amizade deles, ou o que suponho, eles que não merecem a minha...

Como esse livro tem a intenção de alertar, fica aqui mais um aviso aos trabalhadores –

Quando você perde o seu emprego, você perde a sua identidade, a sua dignidade, a sua auto-estima e praticamente todos os seus amigos. Muitos desses que hoje vemos pelas ruas mendicando, foram excelentes profissionais que perderam os seus empregos.

Não se julguem insubstituíveis e mais ainda, não se julguem queridos. Vocês não são! Você é apenas uma máquina operando dentro de uma empresa.

Não sei ao certo se todos os demitidos sentem o que eu sinto, mas por ter me exposto tanto nessas acusações contra a empresa, o energúmeno e a covarde, tornei-me uma espécie de "nome-maldito". As pessoas me refutam, não respondem e-mail, não ligam e não querem saber de minha vida. Pessoas até que alimentei em momentos de necessidade não se interessam pelo meu bem-estar. É triste, mas é a realidade, porém eu não me importo, pois a realidade me mostra sempre a verdade e ainda que distante, abandonado e esquecido, conforme prometido, termino exaltando minha gratidão a um gerente que devo gratidão eterna, embora eu não tenha mais contato com ele também. Eis o e-mail

De: cleber.martins71 [mailto:cleber.martins71@bol.com.br]
 Enviada em: segunda-feira, 23 de março de 2009 10:07
 Para: [REDACTED]; (Gerente de Caráter)
 cleber.martins71@bol.com.br
 Assunto: DESPEDIDA CLEBER - PANEX

Olá [REDACTED]!

Não sei se já é de seu conhecimento o meu desligamento da [REDACTED], ocorrido em 19 de março. Em verdade, saí de uma forma um tanto quanto conturbada e por isso, não houve o tempo necessário para aquelas despedidas formais, mesmo porquê, não é de meu feitio essas mensagens padronizadas que de vez em quando recebemos de um amigo/colega que se foi.

Escrevo para um grupo "seleto" de pessoas, das quais um profundo sentimento de gratidão brota de meu coração. Sinceramente, esse grupo de pessoas não deve ultrapassar a cinco ou seis pessoas e, prefiro escrever individualmente a cada um, pois cada uma das pessoas trouxe-me novos aprendizados e reflexões.

O nosso contato durante esses tempos na [REDACTED] foi de certa forma restrito, efêmero até, porém desde as primeiras conversas, senti de pronto uma imensa simpatia por você e não sei ao certo o motivo, talvez por sua personalidade/humanidade, talvez pela forma como você trata e emprega o uso das palavras. Gostava muito de receber seus e-mail's, mesmo quando aquela atmosfera tensa imperava, por aqueles motivos que tão bem conhecemos, ainda assim, gostava do seu estilo literário, da colocação de suas palavras. Com a minha participação em algumas reuniões em que você estava presente, essa

admiração pela sua inteligência e pelo seu trato com as pessoas aumentou demasiadamente.

Creio que algumas pessoas carregam em si, um certo carisma (do latim *charisma* - "dom, graça divina) já no momento em que vêm ao mundo e esse carisma, que em suas raízes nos leva a concepção de "graça divina" atrai as pessoas ao seu redor, talvez, justamente, por possuir um "quê" a mais que os outros mortais comuns. Evidente que todo nascimento em si, já é uma graça divina, um momento em que nossa razão se mostra estupefata diante da emoção, mas o que quero dizer é que esse carisma, atributo de poucos, privilegia o "carismático" em relação ao meio em que vive, pois parece que todos gostam e admiram essas pessoas.

Assim [REDACTED], eu o vejo, com esse atributo divino, que o torna uma pessoa serena, ponderada, meditativa e portadora de um respeito admirável com qualquer outro ser humano que o circunda, pois esses comentários positivos sobre a sua pessoa, eu já ouvi dos mais diversos "cargos" no período em que passei na [REDACTED]. Não há em você, aquela arrogância, aquela demonstração tola, tosca e desnecessária de poder que, infelizmente, há em muitos gerentes/diretores por aí, que menosprezam um cargo inferior, esquecendo-se que na qualidade de homens, somos praticamente iguais, com 99,99% de nossa genética idêntica uma à outra. É como diz aquele ditado árabe, se não me falha a memória: *"Ao final do jogo de xadrez, rei e peão voltam para a mesma caixa"*.

A minha saída da [REDACTED] ocorreu de forma voluntária. Pedi que me demitissem por uma série de motivos e futilidades que foram se acumulando ao longo dos anos e que não convém agora relatar. Além de eu ferir a ética com esses comentários, não agregaria valor a você, pois você caminha pelo caminho reto, virtuoso, o caminho do bem.

Eu não ficaria em paz comigo, se não manifestasse esse sentimento de gratidão e admiração por você [REDACTED]. Certo é que tivemos nossos momentos de aridez, mas quem não os teve? Ainda que, a "baderna" estivesse lá mesmo na [REDACTED], ainda assim você manteve sua postura digna.

Prefiro sempre escrever, em ocasiões especiais, do que falar pessoalmente ou por telefone, não que eu restrinja o contato, mas acredito que nessas ocasiões, a palavra escrita detém-se no tempo. Somos nós e não nossa memória quem decidimos sobre a duração dessas palavras em nosso percurso sobre o tempo.

Encerro aqui [REDACTED], te agradecendo, pedindo desculpas pelos transtornos do início de nossos contatos e dizendo que tenho um profundo respeito e admiração por você. Aprendi contigo, não os trâmites laborais do dia-a-dia, mas aprendi algo mais sobre a espiritualidade e o caráter humano.

Comentando com minha mãe sobre a minha decisão em deixar a [REDACTED], ela pediu-me que me dirigisse a Deus para resolver logo esse problema (do desemprego). Disse a ela que o meu desemprego não é um problema para

Deus, é uma solução. Nós que temos a mania de enxergar às avessas.

Eu nunca acreditei no acaso. Há sempre um exato momento para tudo em nossas vidas e, a forma como tudo aconteceu comigo, só poderia desencadear em minha saída, porém penso que essa saída já é a solução de Deus, preparando algo para a minha vida. É isso que me motiva e me torna tranquilo para os dias vindouros.

Muito Obrigado!

Desejo paz em seu espírito e que Deus abençoe seus dias e de seus entes queridos. Sucesso em sua vida!

Abraços

Cleber

20/03/2009

Ainda hoje a empresa alega
que eu pedi para ser demitido...

.... só não justifica a razão de
meu pedido...

Eis a razão – não suportei mais
viver naquele ambiente
insalubre e adoecido, desisti!

Último aviso ao energúmeno e
a covarde:

TENHAM VOCÊS A
DECÊNCIA E O MÍNIMO DE
NOBREZA DE CARÁTER
PARA LUTAR SEMPRE COM
A VERDADE!!!!!!

*"Aquele que não conhece a verdade é
simplesmente um ignorante, mas aquele que a
conhece e diz que é mentira, este é um
criminoso." (Bertolt Brecht*

**A palavra Assédio remonta o século
XVII, derivando do italiano
“assediare” que recompôs o latim
“adsedere” e, hipoteticamente, pode
ser traduzida como “por em sítio” ou
“sitiar”. Alguns especialistas da
língua apontam o seu sentido
denotativo: “perseguir”,
“importunar”, “pôr em cerco”,
“inserir temores”, “molestar com
pretensões repetitivas”,
“impertinência insistente”, “sitiar
para assalto”, “afligir moralmente
com observações, perguntas,
pedidos ou propostas”.**